
TIMOTHY KELLER
AUTOR BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
ENCONTROS COM JESUS
RESPOSTAS INUSITADAS AOS MAIORES QUESTIONAMENTOS DA VIDA
VIDA NOVA

ENCONTROS COM **JESUS**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Keller, Timothy
Encontros com Jesus : respostas inusitadas aos maiores questionamentos da vida / Timothy Keller ; tradução de Eulália Pacheco Kregness. - São Paulo: Vida Nova, 2015.
ePub

ISBN 978-85-275-0745-5 (recurso eletrônico)
Título original: *Encounters with Jesus: unexpected answers to life's biggest questions*

1. Jesus Cristo - Ensinamentos I. Título II. Bravo, Jurandy

15-0375 CDD 232.95

Índices para catálogo sistemático:
1. Jesus Cristo - Vida pública

TIMOTHY KELLER
AUTOR BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

ENCONTROS COM **JESUS**

**RESPOSTAS
INUSITADAS AOS MAIORES
QUESTIONAMENTOS
DA VIDA**

Tradução
Jurandy Bravo

VIDA NOVA

©2013, de Timothy Keller
Título do srcinal: *Encounters with Jesus: unexpected answers to life's biggest questions,*
edição publicada pela DUTTON (Nova York, NY, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
vidanova.com.br| vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2015

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Almeida Século 21 (A21), salvo indicação em contrário.

GERÊNCIA EDITORIAL
Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO
Rosa M. Ferreira

REVISÃO DE PROVAS
Rosana Brandão

REVISÃO DA TRADUÇÃO E PREPARAÇÃO DE TEXTO
Marcia B. Medeiros

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO
Sandra Reis Oliveira

DIAGRAMAÇÃO PARA E-BOOK
Yuri Freire

CAPA
Souto Crescimento de Marca

Aos pastores e às equipes dos ministérios universitários que me conduziram à fé e que alimentaram a fé de meus filhos e suas esposas, em particular aos que t rabalham na Reformed University Fellowship, nos Estados Unidos, e na Universities and Colleges Christian Fellowship, sucessora da Inter-Varsity Fellowship, no Reino Unido.

SUMÁRIO

Agradecimentos

Introdução

UM O estudante cético

DOIS O prestigiado e a marginalizada

TRÊS As irmãs enlutadas

QUATRO A festa de casamento

CINCO O primeiro cristão

SEIS O grande inimigo

SETE Os dois advogados

OITO O mestre obediente

NOVE À direita do Pai

DEZ A coragem de Maria

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Jon Drake e aos muitos líderes estudantis da Oxford Inter-Collegiate Christian Union, organização que graciosamente me convidou para palestrar sobre cristianismo no Oxford Town Hall, no começo de fevereiro de 2012. Naquela semana, os estudantes cristãos das faculdades da Universidade de Oxford acolheram a mim e a minha família — Kathy, minha esposa, e Michael e Sara, filho e nora — como parceiros deles no compartilhamento da fé e da vida com amigos e colegas. Toda noite, após duas horas intensas falando a estudantes em grupo e individualmente, minha família retornava (às vezes no meio da neve) pelo centro de Oxford e conversava sobre o dia em frente a uma enorme lareira do século 17. Eu sempre ia dormir com os sentimentos de impotência e de alegria ao mesmo tempo. Os cinco primeiros capítulos deste livro são baseados nessas palestras vespertinas.

Quero agradecer também a Mark Campisano, que, por vários anos e com grande sacrifício pessoal, patrocinou e manteve um café da manhã para homens de negócio no Harvard Club, em Manhattan. Participei como palestrante durante anos. A venerável sala revestida com painéis de madeira costumava ficar cheia ou mesmo superlotada e, mês após mês, ao longo de dezoito anos, Mark e outros ao seu redor procuraram apresentar o cristianismo em um ambiente familiar aos colegas de negócios do centro da cidade. No decorrer dos anos, muitos assuntos foram tratados, mas houve um ano em que apresentei uma série de palestras sobre a pessoa e a obra de Jesus, e os últimos cinco capítulos deste livro são baseados nessas mensagens.

Por fim, esse material jamais poderia ter recebido forma escrita sem os extensos e habilidosos trabalhos do meu colega de ministério da Redeemer City to City Scott Kauffmann. Scott ama as palavras, ama a teologia e gosta de imaginar o rosto espantado das pessoas quando o maravilhamento do evangelho raia sobre elas. Isso faz dele um grande editor e parceiro neste trabalho: o ministério da Palavra por meio da literatura. Obrigado, Scott.

INTRODUÇÃO

Fui criado em uma igreja protestante histórica, mas na faculdade passei por crises espirituais e pessoais que me levaram a questionar minhas crenças mais fundamentais sobre Deus, sobre o mundo e sobre mim mesmo.

Na época, eu me aproximei de alguns cristãos engajados em estudos bíblicos em grupos pequenos. Nesses grupos, o líder não assumia o papel de professor ou instrutor; em vez disso, atuava como facilitador da leitura e da interpretação em grupo da passagem bíblica selecionada. As regras básicas eram simples, mas cruciais para a integridade do exercício. Tínhamos de dar à Bíblia o benefício da dúvida: o texto tinha de ser considerado confiável, e seus autores, competentes. Ninguém poderia impor sua interpretação à passagem do texto; tínhamos de chegar a conclusões como grupo. Buscávamos extrair as riquezas do material como comunidade, presumindo que juntos enxergaríamos muito mais do que seria possível a um indivíduo.

Antes que eu mesmo tivesse certeza da condição em que minha fé se encontrava, fui convidado a liderar um grupo. Recebi então um conjunto de estudos bíblicos intitulados *Conversations with Jesus Christ from the Gospel of John* [Conversas com Jesus Cristo a partir do Evangelho de João], de Marilyn Kunz e Catherine Schell. Eles abordavam treze passagens do livro de João em que Jesus conversava com alguém. Os estudos ajudaram meu grupo a descobrir camadas de significado e perspectivas que nos deixaram atônitos. Ao percorrer esses relatos da vida de Jesus, comecei a sentir, mais do que nunca, que a Bíblia não era um livro comum. Sim, ela continha a estranha beleza literária do passado distante; no entanto, havia algo mais. Por meio desses estudos dos encontros com Jesus comecei a perceber uma vida e um poder inexplicáveis no texto. Esses diálogos ocorridos séculos antes eram misteriosamente relevantes e incisivos *para mim — hoje*. Passei a examinar as Escrituras não só pelo estímulo intelectual, mas a fim de encontrar Deus.

Aprendi que paciência e ponderação são chaves para a perspectiva. Certa ocasião, fui a uma conferência para líderes de estudos bíblicos. Jamais esquecerei um dos exercícios. A instrutora nos deu um versículo, Marcos 1.17: “Disse-lhes Jesus: Vinde a mim, e eu vos tornarei pescadores de homens”. Pediu-nos que passássemos trinta minutos estudando o versículo (extraído, como não podia deixar de ser,

de um encontro com Jesus). Advertiu-nos que, após cinco ou dez minutos, pensaríamos ter visto tudo o que havia para ver, mas desafiou-nos a continuar. “Anotem pelo menos trinta coisas que encontrarem no versículo ou aprenderem com ele.” Dez minutos depois eu já tinha concluído o exercício (pelo menos foi o que pensei) e estava entediado. Mas insisti, obediente, e continuei procurando. Para minha surpresa, havia mais. Quando retomou a aula, a instrutora pediu que consultássemos nossa lista e circulássemos a descoberta mais pungente, comovente e útil no nível pessoal. Em seguida, fez-nos uma pergunta: “Quantos aqui fizeram sua melhor descoberta nos cinco primeiros minutos? Levantem a mão”. Ninguém. “Quantos, depois de dez minutos?”. Uma ou duas mãos. “Quinze?” Mais mãos. “Vinte?” Um número maior ergueu as mãos nesse instante. “Vinte e cinco?” Muitos de nós levantaram as mãos dessa vez, sorrindo e balançando a cabeça.

Essas experiências iniciais com o estudo paciente e indutivo do texto bíblico mudaram minha vida espiritual. Descobri que, se investisse tempo e assumisse a atitude adequada de abertura e confiança, Deus falaria comigo por meio de sua Palavra. Elas também me direcionaram ao rumo certo de minha vocação, dando-me ferramentas para ajudar as pessoas a ouvir a Palavra de Deus por meio da Bíblia. Há quase quarenta anos ensino e prego a Bíblia, mas a base de cada conversa, palestra ou sermão sempre tem sido o que aprendi na faculdade sobre como estudar o texto com paciência e sondar-lhe as profundezas.

Ainda aceito a autoridade de toda a Bíblia e amo aprender e ensinar a partir dela como um todo. Mas foi nos Evangelhos que senti pela primeira vez sobre os ombros o peso da autoridade espiritual da Bíblia, especialmente nas conversas de Jesus com pessoas: com Natanael, o estudante cético, com sua mãe desconcertada na festa de casamento, com o professor de religião que o procurou de noite, com a mulher junto ao poço, com Maria e Marta, as irmãs enlutadas, e com muitos outros.

Acredito poder dizer que muitos dos meus próprios encontros com Jesus, responsáveis por minha formação, aconteceram pelo estudo de seus encontros com pessoas nos Evangelhos.

VÁRIOS ANOS ATRÁS, escrevi um livro chamado *The reason for God: belief in an age of skepticism* .[1] Atuando como pastor na cidade de Nova York durante muitos anos, sempre gostei dos argumentos dos céticos e do papel inestimável por eles desempenhado ao definir e esclarecer o que o cristianismo tem de singular. Fico incomodado quando os cristãos rejeitam essas questões com um discurso superficial ou numa atitude de superioridade. Lembro-me com bastante clareza das dúvidas e proposições que apresentei àqueles grupos de estudo bíblico da faculdade e de como me sentia grato por levarem a sério meus questionamentos. Vejo que dedicar tempo e esforço para responder às questões difíceis dá aos que creem a oportunidade de aprofundar a própria fé, criando ao mesmo tempo a possibilidade de que pessoas indecisas se abram para a alegria do cristianismo.

Por isso fiquei muito feliz ao ser convidado para falar por cinco noites a estudantes — céticos, na maioria — no Oxford Town Hall, em Oxford, na Inglaterra, em 2012. Combinamos que eu analisaria encontros entre determinadas pessoas e Jesus registrados no Evangelho de João. Senti que era uma boa escolha para aquele ambiente, pois os relatos desses encontros revelam os ensinamentos centrais e a

personalidade de Jesus de modo particularmente atraente, como eu havia descoberto por mim mesmo tantos anos atrás. Enquanto me preparava para as palestras, ocorreu-me que os encontros vinham a calhar também por outro motivo. Em diversos deles, Jesus trata das grandes questões universais sobre o "sentido da vida": "Para que serve o mundo? O que há de errado com ele? O que pode endireitá-lo (se é que algo é capaz disso) e como? De que maneira podemos participar do processo de consertar o mundo? E, antes de mais nada, onde deveríamos procurar as respostas para esses questionamentos?" Eram essas as grandes perguntas que todo o mundo deveria fazer e que os céticos sinceros gostam em especial de explorar.

Todas as pessoas têm uma teoria em operação sobre a resposta a essas questões. Se tentar viver sem elas, você logo será esmagado pela falta de sentido da vida. Vivemos num tempo em que alguns insistem na ideia de que não necessitamos de nenhuma dessas respostas; deveríamos reconhecer que a vida é só um amontoado de afazeres sem sentido no grande esquema do universo e ponto-final. Enquanto viver, dizem, procure apenas se divertir tanto quanto puder e, quando morrer, você não estará mesmo por aqui para se preocupar com isso. Então por que se dar ao trabalho de tentar encontrar o sentido da vida?

No entanto, o filósofo francês Luc Ferry (que, aliás, de modo algum é cristão), em seu livro *A brief history of thought* [Uma breve história do pensamento], considera tais declarações "cruéis demais para ser sinceras". Ou seja, quem as profere não pode crer nelas de coração. As pessoas não conseguem viver sem nenhuma esperança e propósito ou sem a convicção de que em nossa vida determinadas coisas são mais dignas do que outras. Logo, sabemos que precisamos, *sim*, ter as respostas sobre esses grandes questionamentos, como Ferry coloca, "para vivermos bem e, por conseguinte, com liberdade, capazes de experimentar alegria, generosidade e amor".

Ferry prossegue argumentando que quase todas as nossas respostas possíveis aos grandes problemas filosóficos vêm de cinco ou seis sistemas de pensamento mais importantes. Hoje em dia, portanto, muitas das respostas mais comuns vêm de um sistema em particular. Por exemplo, você acha que em geral é uma boa ideia ser gentil com seus inimigos e estender-lhes a mão em vez de matá-los? Ferry afirma que essa ideia — de que devemos amar os inimigos — vem do cristianismo e de nenhuma outra fonte. Como veremos, há muitas outras ideias que consideramos válidas, nobres ou mesmo belas e que são provenientes exclusivamente do cristianismo.

Portanto, se quiser ter certeza de que está desenvolvendo respostas sadias e ponderadas aos questionamentos mais profundos, você precisa no mínimo se familiarizar com os ensinamentos do cristianismo. A melhor maneira de fazer isso é ver como Jesus falava de si próprio e de seus propósitos às pessoas que encontrava e como a vida delas foi transformada pelas respostas dele aos questionamentos que tinham. Essa foi a premissa das conversas em Oxford, que se tornaram a base para os primeiros cinco capítulos deste livro.

No entanto, tive de ir adiante, pois, depois de estudar os relatos dos encontros transformadores com o Jesus que encarnou, tendo contemplado a beleza de seu caráter e de seu propósito e tendo ouvido suas respostas às grandes indagações, ainda resta outra dúvida: como *eu* posso encontrar Jesus tantos séculos depois? Posso ser transformado como aquelas testemunhas oculares?

O evangelho cristão ensina que somos salvos — transformados para sempre — não por nossos atos, nem mesmo pelo que Jesus diz a quem encontra, mas pelo que ele fez por nós. Assim, o melhor modo de descobrirmos a graça e o poder transformadores de Jesus é olhando para o que ele realizou nos principais acontecimentos da sua vida: no nascimento, no sofrimento no deserto e no jardim do Getsêmani, nas últimas horas com os discípulos, na morte na cruz e na ressurreição e ascensão. É por meio de seus atos nesses momentos que Jesus conquista, em nosso lugar, uma salvação que jamais conseguiríamos conquistar. Enxergar isso pode levá-lo da familiaridade com Jesus como mestre e figura histórica a um encontro transformador de vida com ele como redentor e salvador.

Por isso, a segunda metade do livro se voltará para alguns desses acontecimentos essenciais da vida de Jesus. A base para esses capítulos é uma série de palestras que apresentei no Harvard Club da cidade de Nova York, onde falei em cafés da manhã regulares a líderes culturais, de negócios e do governo ao longo de vários anos. Como nas palestras em Oxford, muitos dos presentes eram pessoas talentosas, com elevado grau de formação, que muito colaboraram compartilhando dúvidas e questionamentos comigo. Em ambos os conjuntos de palestras, retornei — como tenho feito em décadas — a esses textos do Evangelho em que senti pela primeira vez o caráter vivo e eficaz (Hb 4.12) das Escrituras. Como minha instrutora ensinou, cada vez que fazia isso eu descobria mais e mais nessas passagens, e cada vez mais meu entusiasmo em compartilhar o que havia aprendido aumentava.

Há ainda outra razão que explica meu desejo de escrever este livro. Quando minha neta Lucy tinha dezoito meses, era evidente que ela conseguia perceber muito mais do que conseguia expressar. Ela apontava para algo ou pegava alguma coisa e então olhava para mim em profunda frustração. Queria comunicar algo, mas era pequena demais para isso. Todas as pessoas sentem esse tipo de frustração em vários momentos ao longo da vida. Você experimenta algo profundo, mas depois desce do topo da montanha, ou deixa a sala de concerto, ou sai de onde quer que estivesse e tenta transmitir o que experimentou para alguém. Mas suas palavras não conseguem nem de leve fazer jus à experiência.

Com certeza todos os cristãos se sentem assim quando querem descrever as próprias experiências com Deus. Como professor e pregador, é meu trabalho e maior desejo ajudar as pessoas a enxergar a absoluta beleza de quem Cristo é e do que ele fez. Mas a impossibilidade de minhas palavras (talvez de quaisquer palavras) transmitirem a plenitude dessa beleza é fonte de frustração e tristeza constantes para mim. Contudo, não há nada no mundo que nos ajude mais nesse projeto difícil do que os relatos contidos nos Evangelhos a respeito dos encontros de Jesus com as pessoas.

Espero que, sendo esse seu primeiro contato com os relatos, sendo o centésimo, você seja impactado novamente pela pessoa de Cristo e por tudo que ele tem feito em nosso favor.

[1]Edição em português: *A fé na era do ceticismo: como a razão explica Deus* (São Paulo: Vida Nova, 2015).

UM

O ESTUDANTE CÉTICO

O primeiro encontro que quero examinar é sutil mas poderoso, e aconteceu com um estudante cético. Talvez trate do mais fundamental de todos os grandes questionamentos da vida: onde procurar as respostas para os grandes questionamentos da vida? E onde *não* procurá-las? Portanto, fala aos céticos acerca do cristianismo, bem como aos cristãos que enfrentam o ceticismo dos que não creem.

O encontro acontece logo após o chamado Prólogo, no começo do livro de João. Luc Ferry, filósofo francês, observa que esse prólogo foi um dos pontos decisivos da história do pensamento. Os gregos acreditavam que o universo obedecia a uma ordem racional e moral, e a essa "ordem da natureza" denominavam Logos. Para eles, o sentido da vida era contemplar e discernir essa ordem no mundo. Definiam a vida bem vivida como aquela que se conformava a essa ideia. João, autor do Evangelho, deliberadamente toma emprestado o termo filosófico grego Logos e diz o seguinte sobre Jesus:

> No princípio era o Verbo (*Logos*), e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito existiria. A vida estava nele e era a luz dos homens [...]. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, pleno de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai (Jo 1.1-4,14).

A declaração caiu como um raio sobre o mundo dos filósofos da Antiguidade. Como os filósofos gregos e diferentemente de outros tantos contemporâneos, João afirma haver um *telos*, ou propósito, em nossa vida, algo para o que fomos feitos, que devemos reconhecer e honrar a fim de vivermos bem e com liberdade. Proclama que o mundo não é simplesmente o produto de forças cegas, aleatórias; sua história não é "um conto narrado por um idiota, cheio de som e fúria, sem sentido nenhum"[1]. Em vez disso, a Bíblia insiste ainda em que o sentido da vida não é um princípio ou algum tipo de estrutura racional abstrata, mas uma *pessoa*, um ser humano individual que caminhou sobre a terra. Tal afirmação, Ferry observa, soou aos filósofos como uma "insanidade". Mas levou a uma revolução. Se o cristianismo era verdadeiro, a vida bem vivida não se encontrava fundamentalmente na contemplação filosófica e nas buscas intelectuais, o que deixaria de fora a maior parte das pessoas do mundo. Estava, sim, em uma

pessoa passível de ser conhecida em um relacionamento acessível a qualquer pessoa, em qualquer lugar, de qualquer formação.

Para demonstrar de imediato como isso funciona na vida real, João expõe o lado concreto da sua proposição, mostrando a interação de Jesus com um grupo de estudantes. Na época não havia universidades; se quisesse estudar, você se unia a um mestre. Havia muitos mestres espirituais, e muitos os seguiam e se tornavam seus alunos ou discípulos. Talvez o mestre mais ousado e *avant-garde* da época fosse João Batista. Bastante popular, tinha muitos seguidores e alunos dedicados. A história registra alguns deles: André, cujo irmão se chamava Pedro, e Filipe, que levou consigo o amigo Natanael. Alguns dos alunos já acreditavam no que seu mestre vinha dizendo sobre o Messias que viria, aquele a quem João chamou de "Cordeiro de Deus" (Jo 1.29). Mas outros se mostravam céticos.

Natanael era um desses estudantes céticos, até a ocasião do seu encontro com Jesus Cristo:

> No dia seguinte, Jesus decidiu ir para a Galileia e, encontrando Filipe, disse-lhe: Segue-me. Filipe era de Betsaida, cidade de André e Pedro. Filipe encontrou Natanael e disse-lhe: Achamos aquele de quem Moisés escreveu na Lei, sobre quem os profetas também escreveram: Jesus de Nazaré, filho de José. E Natanael perguntou-lhe: Pode vir alguma coisa boa de Nazaré? Disse-lhe Filipe: Vem e vê. Vendo Natanael aproximar-se, Jesus referiu-se a ele, dizendo: Este é um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento! E Natanael perguntou-lhe: De onde me conheces? Respondeu-lhe Jesus: Antes que Filipe te chamasse, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira. Natanael respondeu: Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o rei de Israel. Ao que lhe disse Jesus: Crês porque te disse que te vi debaixo da figueira? Pois verás coisas maiores do que essa. E acrescentou: Em verdade, em verdade vos digo que vereis o céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem (Jo 1.43-51).

Primeiro, quero chamar sua atenção para o problema de Natanael. Ele no mínimo é um esnobe intelectual, talvez até um sectário. Filipe o procura e diz:

— Quero que você conheça um novo rabino. Ele tem respostas para os grandes questionamentos da nossa época e vem de Nazaré.

Natanael debocha:

— Nazaré!?

Em Jerusalém, todos menosprezavam os galileus. Esse tipo de atitude é característico da raça humana. Algumas regiões costumam menosprezar outras regiões dizendo que ficam "no lado ruim da cidade". Como o menosprezado lida com isso? Procurando outros a quem possa menosprezar. E assim sucessivamente. Embora Natanael não fosse de Jerusalém, mas de determinada região da Galileia, sentia-se no direito de menosprezar um lugar como Nazaré, localizada em uma região da Galileia considerada ainda mais atrasada e primitiva. Sempre existem as pessoas certas, as pessoas adequadas, as pessoas inteligentes e (abaixando o tom de voz) *as outras*. O modo de mostrar às pessoas certas, inteligentes e adequadas que você é igual a elas é revirando os olhos quando as pessoas e os lugares errados são mencionados.

Queremos ser considerados capazes e inteligentes, e sempre buscamos estabelecer essa identidade não por meio de uma argumentação respeitável e atenta, mas por meio da ridicularização e do desdém. As pessoas não estão apenas equivocadas nesse sentido, mas fora de sintonia, em constante retrocesso, nanicos intelectuais. Natanael não podia acreditar que alguém de um lugar como Nazaré tivesse as

respostas para os grandes questionamentos do nosso tempo. “Está me dizendo que ele tem as respostas e é de Nazaré? Hum, acho impossível.” Seus olhos reviram. “Ele vem *dali*? *Mesmo*?”

Se essa é sua visão do cristianismo ou se conhece alguém que pense assim, isso não surpreende. Hoje em dia, muitos veem o cristianismo como Natanael via Nazaré. O cristianismo era de Nazaré na época e continua sendo hoje. As pessoas adoram revirar os olhos ante a ideia do cristianismo e suas afirmações acerca de quem é Cristo, do que ele tem feito e do que pode fazer em seu favor. Gente perspicaz e adequada diz: “Ah, o cristianismo. Sei bem como é. Fui criado dentro dele, percebi muito cedo que não era para mim e já tenho minha opinião formada”. Portanto, Jesus continua sendo de Nazaré.

Se é essa sua atitude para com o cristianismo, tenho duas recomendações a lhe dar, pois acho que você tem dois problemas pela frente. O primeiro deles: esse tipo de rejeição é sempre mortal. Aniquila por completo toda criatividade e solução de problemas, para não falar de qualquer esperança de relacionamento. Tara Parker-Pope, em seu livro sobre casamento chamado *For better*,[2] cita o hábito de revirar os olhos como um dos sinais de advertência definitivos de que um relacionamento enfrenta sérios problemas. Terapeutas matrimoniais se mantêm atentos para detectá-lo por indicar desprezo pelo outro. Um casamento bem-sucedido consegue lidar com a decepção, a discordância, a dor e a frustração. Mas não é capaz de lidar com a rejeição completa do outro. O desprezo literalmente mata qualquer relacionamento. Um exemplo mais concreto é aquele em que você perde as chaves. Depois de procurá-las em todos os lugares em que “podem” estar e não encontrá-las, terá de começar a procurar nos lugares em que “não podem” estar. E, claro, é onde as encontrará. Portanto, nada é mais fatal para a sabedoria e os bons relacionamentos do que rejeitar determinadas ideias — ou pessoas — por inteiro.

Seu segundo problema é mais substancial. Desprezando o cristianismo, você decepa a principal raiz viva dos conceitos que provavelmente são grande parte de seus valores essenciais. Como observamos, o cristianismo deu srcem a uma das ideias fundamentais da civilização pacífica, de que você deveria amar seus inimigos, não matá-los. Outra ideia fundamental para nossa consciência contemporânea, como salienta Luc Ferry, é o conceito de que cada ser humano, independentemente do talento, da riqueza, da raça ou do gênero, é feito à imagem pessoal de Deus e, portanto, tem dignidade e direitos. Ferry sustenta que, sem o ensino do cristianismo de que o *Logos* é uma pessoa, “a filosofia dos direitos humanos que subscrevemos hoje jamais teria se estabelecido”.

Outra visão proveniente da Bíblia, hoje considerada incontestável, é a de que se deve cuidar dos pobres. Na Europa pré-cristã, quando os monges difundiam o cristianismo, todas as elites consideraram loucura a ideia de amar os inimigos e cuidar dos pobres. Diziam que a sociedade ruiria, pois não é assim que o mundo funciona. Prevalecem os talentosos e fortes. O vencedor leva tudo. O forte caça o fraco. Os pobres nascem para sofrer. Não foi assim que tudo sempre funcionou? Mas os ensinamentos do cristianismo revolucionaram a Europa pagã, dando ênfase à dignidade da pessoa, à primazia do amor, inclusive pelos inimigos, e ao cuidado dos pobres e dos órfãos.

Você pode dizer: “Bem, é um argumento histórico interessante que essas ideias sejam provenientes da Bíblia e da igreja. No entanto, posso acreditar nelas sem crer no cristianismo”. Até certo ponto, isso pode ser verdade. Mas gostaria que você percebesse quanto essa visão é limitada.

O livro de Gênesis serve de janela para mostrar como eram as culturas antes da revelação da Bíblia. Uma coisa que vemos desde o início é a prática bastante difundida da primogenitura: o filho mais velho herdava toda a riqueza, assegurando assim que a família mantivesse o *status* e a posição na sociedade. De modo que o segundo ou o terceiro filho não recebiam nada ou ficavam com bem pouco. No entanto, em toda a Bíblia, quando Deus escolhe alguém por meio de quem atuar, sempre prefere o irmão mais novo. Preferiu Abel a Caim, Isaque a Ismael. Jacó a Esaú, Davi a todos os *onze* irmãos mais velhos. Repetidamente ele escolhe não o mais velho, não aquele que o mundo espera e recompensa. Nunca o de Jerusalém, por assim dizer, mas sempre o de Nazaré.

Outra tradição cultural da antiguidade revelada em Gênesis: naquelas sociedades, mulheres com muitos filhos eram exaltadas como heroínas. Ter muitos filhos significava sucesso econômico, militar e, claro, que a probabilidade de perpetuar o nome da família estava garantida. Por isso as mulheres que não podiam ter filhos eram humilhadas e estigmatizadas. Contudo, ao longo de toda a Bíblia, quando Deus nos mostra como opera por meio das mulheres, escolhe aquelas que não podem ter filhos e abre-lhes a madre. São mulheres desprezadas, mas Deus as prefere às amadas e abençoadas aos olhos do mundo. Ele escolhe Sara, esposa de Abraão; Rebeca, esposa de Isaque; a mãe de Samuel, Ana; a mãe de João, Isabel. Deus sempre opera por meio de homens ou meninos indesejados, por meio de mulheres ou meninas indesejadas.

Você talvez esteja pensando como é agradável e edificante essa parte do cristianismo: Deus ama os desfavorecidos. Pode ser que diga: "Consigo concordar com essa parte da Bíblia. Mas todas as outras partes sobre a ira de Deus, o sangue de Cristo e a ressurreição do corpo eu não aceito". Acontece que essas partes da Bíblia — as partes desafiadoras e sobrenaturais — são centrais, não periféricas. O coração da mensagem singular da Bíblia é que o Deus transcendente e imortal veio em pessoa à terra e tornou-se frágil, vulnerável ao sofrimento e à morte. Ele fez tudo isso por nós, para expiar nosso pecado, para levar o castigo que merecemos. Se for verdade, esse é o ato mais extraordinário e radical de abnegação e sacrifício de amor imaginável. Não poderia haver base e motivação dinâmica mais fortes para os conceitos éticos cristãos revolucionários que nos atraem. O que tornou a ética cristã exclusiva não foi o fato de Jesus e os primeiros cristãos serem gente muito boa, fazendo um monte de coisas boas para tornar o mundo um lugar bom para se viver. Essas ideias nunca fizeram sentido para as pessoas até elas entenderem a mensagem cristã sobre a natureza da realidade suprema e que essa mensagem está resumida no que a Bíblia chama de "evangelho".

A essência do que diferencia o cristianismo das demais religiões e formas de pensamento é: todas as outras religiões dizem que, se quiser encontrar Deus, se quiser se aperfeiçoar, se quiser ter uma consciência mais elevada, se quiser conectar-se com o divino, não importa como ele seja definido, você tem de *fazer* alguma coisa. Tem de reunir suas forças, seguir as regras, libertar a mente para então enchê-la e tem de ficar acima da média. Todas as outras religiões ou filosofias humanas dizem que, se quiser consertar o mundo ou a si mesmo, reúna toda sua razão e força e viva de determinada maneira.

O cristianismo diz exatamente o oposto. Todas as outras religiões e filosofias afirmam: "Você tem de fazer alguma coisa para se conectar com Deus", enquanto o cristianismo diz: "Não, Jesus veio fazer em

seu lugar o que você não podia fazer por si próprio". Todas as outras religiões dizem: "Eis as respostas para os grandes questionamentos", ao passo que o cristianismo diz: "Jesus *é* a resposta para todos eles". Muitos sistemas de pensamento apelam para pessoas fortes e bem-sucedidas, pois agem diretamente sobre a crença de que, se você for forte e der duro o suficiente, vencerá. Mas cristianismo não é só para os fortes; é para todos, acima de tudo para aqueles que reconhecem que, naquilo que de fato importa, eles são frágeis. É para as pessoas que têm uma força específica, capaz de reconhecer que suas falhas não são superficiais, que seu coração se encontra em profunda desordem e que são incapazes de se corrigir. É para aqueles que conseguem enxergar a necessidade de um salvador, de Jesus Cristo morrendo na cruz, para reconectá-los com Deus.

Pense no que acabo de escrever. Soa contrário ao senso comum na melhor das hipóteses e desconcertante na pior. A genialidade do cristianismo está justamente no fato de ele *não* ter nada a ver com: "Eis o que você precisa fazer para encontrar Deus". O cristianismo tem a ver com Deus vindo à terra na forma de Jesus Cristo, morrendo na cruz para encontrar você. *Essa* é a verdade radical, genuína e única com que o cristianismo tem contribuído para o mundo. Todas as outras ideias revolucionárias sobre cuidar dos fracos e necessitados, viver para o amor e o serviço em lugar de buscar o poder e o sucesso, amar sacrificialmente inclusive os inimigos — tudo flui do próprio evangelho. Isto é, devido à profundidade de nosso pecado, Deus veio na pessoa de Jesus Cristo fazer o que não podíamos fazer por nós mesmos: salvar-nos.

Agora lhe pergunto: se você reconhece a fonte de muitas de suas convicções, por que abraçar parte do ensinamento cristão sem aceitar a parte que o explica e o torna coerente? Não seja como Natanael. Não permita que a convicção de que o cristianismo está defasado ou é intelectualmente simplório venha a cegá-lo para o que ele tem a oferecer. Atente para seu orgulho e preconceito. Esteja ciente do desdém e da indiferença. Eles são tóxicos em todos os aspectos da vida, mas acima de tudo neste ponto, quando os questionamentos fundamentais são propostos.

O primeiro aspecto importante da história de Natanael é, então, o problema do orgulho e do desdém. Mas, além disso, apesar do seu deboche, ele demonstra uma profunda necessidade espiritual subjacente. Ele diz: "Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?" (v. 46). Contudo, instantes depois apenas, já dizia: "Rabi, tu és o Filho de Deus; tu és o rei de Israel" (v. 49). A partir do momento que Jesus começa a lhe fornecer evidências confiáveis de quem era, Natanael mais que depressa muda de postura, provavelmente de forma muito rápida. (Como veremos mais adiante, Jesus o repreende de forma branda por não parar para pensar a respeito.) Isso surpreende você? A mim não.

Quando Kathy, minha esposa, e eu nos mudamos para Manhattan, há mais de vinte anos, quisemos começar uma nova igreja. Disseram-nos que a cidade de Nova York era cheia de gente jovem, ambiciosa e brilhante e que, se você começasse uma igreja em Manhattan, ninguém iria porque ali as pessoas se consideram superiores. Desprezavam a religião organizada, explicaram-nos, em especial o cristianismo, o qual, como você há de se lembrar, é de Nazaré. Reviravam os olhos para ele. Por isso ninguém viria. Contudo, por curioso que pareça, não foi o que aconteceu. Hoje a Redeemer conta com mais de cinco mil pessoas que frequentam o culto de domingo com regularidade. É uma comunidade vicejante.

A razão para tudo isso é a mesma pela qual Natanael mudou de postura. Sob as afirmações clamorosas e públicas de ceticismo, havia muita busca espiritual velada. Toda essa gente jovem, ambiciosa e brilhante queria *dar a impressão* de não se preocupar demais em encontrar respostas para os questionamentos fundamentais ou de que já as tinham encontrado em qualquer coisa que estivessem buscando furiosamente. Mas, no fundo, tinham a mesma necessidade que todos nós, da qual nenhum de nós consegue fugir. Precisavam buscar respostas. E muitos as encontraram no cristianismo.

Da mesma forma, apesar de tanta confusão, note que Natanael ainda assim acompanhou Filipe ao encontro com Jesus. Por quê? Como muitos jovens judeus da sua geração, ele lutava com o fato de que os judeus se encontravam sob o jugo de Roma e não tinham ideia do que Deus estava fazendo. Atravessavam uma crise de identidade racial coletiva. Deveriam sair à procura de um messias? Qual seria seu futuro? Continuavam sendo o povo de Deus ou não mais? Deus os rejeitara? É evidente que Natanael não estava satisfeito com as respostas que obtivera das pessoas. Não devia andar muito feliz com o próprio entendimento das coisas nem, possivelmente, com sua condição espiritual. Por isso pensou: "Talvez [1] devesse procurar em Nazaré, por incrível que pareça".

Os estudantes de hoje lutam de diferentes formas com os grandes questionamentos da vida, mas muitos também se sentem insatisfeitos com as respostas que têm ouvido nas escolas e livros mais respeitados. Como Natanael, podem começar a investigar Jesus sem fazer alarde. Um exemplo clássico desse movimento ocorreu na vida do famoso poeta W. H. Auden, que se mudou para Manhattan em 1939. Na época já um grande escritor, ele abandonara a fé da infância na Igreja Anglicana, como acontecera à maioria dos seus amigos das classes intelectuais britânicas. Após o início da Segunda Guerra Mundial, no entanto, mudou de ideia e abraçou a verdade do cristianismo, chocando muitos ao retornar à igreja.

O que aconteceu? Em seu relato da própria renovação espiritual, Auden observou que a novidade e o choque introduzidos pelos nazistas na década de 1940 foram que eles não fingiam acreditar na justiça e na liberdade para todos; em vez disso, atacavam o cristianismo com a justificativa de que "amar o próximo como a si mesmo foi um mandamento adequado apenas aos fracos afeminados". [3] Além disso, "a completa negação de tudo que o liberalismo advogara estava suscitando um entusiasmo desenfreado não em uma terra bárbara qualquer, mas em um dos países de mais elevada educação na Europa". Em vista disso, Auden acreditou não poder continuar supondo que os valores do liberalismo (no que se referia a liberdade, razão, democracia e dignidade humana) dispensassem explicação.

> Se estou convencido de que os nazistas de tão elevada educação estão errados e de que nós, ingleses de tão elevada educação, estamos certos, o que valida nossos valores e invalida os deles? Os intelectuais ingleses que agora clamam ao céu contra o mal encarnado em Hitler não têm céu algum ao qual clamar. O pensamento liberal tem se mostrado propenso a minar a fé no absoluto. Sua tendência é fazer da razão o juiz. Mas como a vida é um processo em constante mutação, a tentativa de encontrar espaço humano para cumprir uma promessa leva à conclusão inevitável de que posso quebrá-la sempre que achar conveniente. Ou servimos ao Incondicional, ou algum monstro hitlerista proporcionará uma convenção de ferro pela qual praticar o mal.

O cristianismo — até para Auden, criado na igreja — era de Nazaré. Ele se distanciara por considerá-lo obsoleto e inútil. Mas a ascensão dos nazistas o fez enxergar algo. Ele acreditava nos direitos humanos, na liberdade e na independência. Mas por quê? O princípio operacional do mundo natural

determina que o forte devore o fraco. Portanto, é natural para o forte devorar o fraco e, se acabamos de chegar aqui por um processo natural e não orientado de evolução, por que de repente voltamos atrás quando as nações fortes começam a devorar as frágeis e perguntamos: "O que há de errado?". Em que base podemos fazer isso? Em que base podemos dizer que o genocídio no Sudão, onde um grupo étnico forte "devora" o fraco, é errado? Se Deus não existe, minhas visões da justiça compõem apenas a minha opinião. Como, então, condenar os nazistas?

Auden percebeu que, a menos que houvesse um Deus, ele não tinha o direito de dizer a ninguém que seus sentimentos ou ideias eram mais válidos do que os sentimentos e ideias dos outros. Viu que, a menos que houvesse um Deus, todos os valores que tanto estimamos são imaginários. E, por ter certeza de que *não* eram imaginários — de que o genocídio era de fato absolutamente errado —, concluiu que deve existir um Deus.

Como Natanael, o estudante cético, o fato de as "pessoas certas" da época rirem do cristianismo assombrava Auden. Mas seus questionamentos intelectuais sem resposta — sobre a fundamentação dos valores morais, entre outros — tornaram-no disposto a olhar para Jesus mais uma vez. E ele teve a mesma experiência de Natanael quando se abriu para o homem de Nazaré. Ele creu.

No livro *After virtue*,[4] o filósofo Alasdair MacIntyre apresenta o tipo de raciocínio que levou o poeta Auden à fé. MacIntyre argumenta que você jamais pode determinar se algo é bom ou ruim a menos que lhe conheça o *telos*. Por isso questiona, por exemplo: Com base em que você pode afirmar que um relógio é bom ou ruim? Precisa conhecer qual o propósito dele. Se eu tentar martelar um prego com meu relógio e ele quebrar, devo me queixar de que tenho um "relógio ruim"? Claro que não; ele não foi feito para martelar pregos. Não é esse seu propósito. Seu propósito é me dizer as horas com um rápido olhar.

O mesmo princípio deve ser aplicado à humanidade. Como dizer que alguém é bom ou mau sem saber para que essa pessoa foi criada, qual o seu propósito?

Ah, mas espere. E se você disser: "Desconheço se existe ou não um Deus e não acho que os seres humanos foram criados para um objetivo específico"? Percebe o dilema agora? Se acreditar nisso, você nunca mais deverá falar em pessoas boas ou más. Se acreditar que não temos nenhum desígnio ou propósito e ainda disser acerca de algumas pessoas "Elas não vivem direito, estão fazendo tudo errado", você estará sendo incoerente e desonesto.

Não posso provar que o cristianismo é verdadeiro. Mas posso lhe mostrar que há razões sólidas para crer em Jesus. Se você, como Natanael, estiver disposto a reconhecer sua profunda necessidade de descobrir respostas melhores do que aquelas de que dispõe para os grandes questionamentos e se concordar em parar de revirar os olhos para o cristianismo, eu o convido a pensar no homem de Nazaré. Considerando as ideias provenientes de lá que transformaram o mundo, não há um bom motivo para não fazê-lo.

O terceiro aspecto da história de Natanael a ser examinado consiste na receita que Jesus lhe deu para satisfazer sua necessidade. Ele diz duas coisas para Natanael quando o encontra.

Primeiro, Jesus refere-se a ele como um israelita "em quem não há fingimento!" (v. 47). É provável que descrevê-lo como um homem transparente e sincero tenha sido uma gentileza da parte de Jesus. Outros

provavelmente o teriam caracterizado como mordaz. É possível que muita gente não gostasse dele por sua franqueza e por viver pisando nos calos alheios. Jesus, no entanto, mostra-nos algo sobre si mesmo. Ele consegue enxergar nossa essência, mas, mesmo assim, sabe ser gentil conosco. Natanael se surpreende com a percepção de Jesus (talvez também com sua generosidade de espírito) e pergunta: "Como me conheces tão bem?".

Ao que Jesus replica, como quem não quer nada: "... eu te vi, quando estavas debaixo da figueira" (v. 48). Ora, abrindo um parêntese, um dos motivos pelos quais podemos confiar em que temos aqui o relato de uma testemunha ocular é que em nenhuma outra parte nos explicam o que estava acontecendo sob a figueira nem a importância disso. Um relato fictício não traria esse tipo de informação, pois em nada contribui para o enredo e provoca questionamentos capazes de distrair os leitores. Afinal, o que Natanael fazia debaixo da figueira? Ninguém sabe. Só importa que ele não conseguia acreditar que Jesus soubesse desse fato. Era algo muito pessoal, por isso tão importante, tão impressionante que Jesus soubesse disso e ainda o apoiasse. Portanto, ele diz: "Tu és o rei de Israel! Tu és o Messias!".

Porém Jesus o repreende com delicadeza: "Ah, primeiro você se mostrou cético demais, agora está pronto para me aceitar; todavia, ainda nem comecei a lhe falar sobre quem de fato sou. Ontem você revirava os olhos, hoje teve uma experiência emotiva. Encontrou um homem dotado de um conhecimento sobrenatural de sua pessoa. Mas calma, não se deixe impressionar em excesso pelas aparências. Na verdade, você ainda não entende quem sou".

Tomé, discípulo de Jesus, após a ressurreição, diz aos outros discípulos: "Não crerei que ele ressuscitou dos mortos enquanto não vir as marcas dos pregos em suas mãos e passar o dedo nelas". Ao aparecer para Tomé, Jesus não diz: "Como ousa me questionar?". Ele convida: "Aqui está, veja. Agora pare de duvidar e comece a crer". Em outras palavras, Jesus diz: "Gosto do fato de você esperar ter motivos para crer em mim e lhe darei esses motivos porque você os procura de boa-fé". Jesus não se opõe a que as pessoas pensem. Na verdade, ele insiste em que Natanael pense ainda um pouco *mais*.

Portanto, se você for cético em relação ao cristianismo, gostaria de que percebesse sua necessidade de chegar a um equilíbrio. Primeiro, manter-se cético para sempre é intelectual e moralmente contraproducente. Mas também, render-se ao primeiro conceito que você imagina que possa solucionar suas necessidades emocionais profundas não responderá a nenhum questionamento seu no final. Não basta voltar-se para o cristianismo pelo simples fato de ele satisfazer algumas necessidades percebidas. O cristianismo não é um bem de consumo. Você deve voltar-se para ele apenas se ele for *verdadeiro*.

Reparou na última coisa que Jesus disse a Natanael? "Você crê por causa disso? Vou lhe dizer a verdade, você verá anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem." Veja, ao se aproximar de Jesus pela primeira vez, você pensa: "É provável que eu não encontre respostas para as grandes indagações, mas talvez ele me ajude a ser uma pessoa melhor, talvez ele trate da minha solidão ou de algum outro problema". Você sempre se achega a Jesus na defensiva, mantendo a guarda, sem saber se terá suas necessidades satisfeitas ou não.

Quando de fato o encontrar, no entanto, ele sempre será muito mais do que você jamais imaginou que ele fosse. Quando diz que Natanael verá anjos subindo e descendo sobre o Filho do homem, ele se refere

à ocasião do Antigo Testamento em que Jacó adormece e vê uma escada entre a terra e o céu, com anjos subindo e descendo por ela. Os anjos são um sinal da presença majestosa de Deus. Como as pessoas se afastaram de Deus e se destruíram umas às outras, há uma pedra enorme entre o céu e a terra. Um muro entre o ideal e o real. Mas Jacó teve essa visão, o sonho de que, de alguma maneira, um dia existirá uma ligação entre o céu e a terra, um caminho para se chegar à presença de Deus. E eis que Jesus faz a incrível afirmação de que *ele* é esse caminho. Ele é o *Logos* do universo, a ponte entre o céu e a terra.

Quase se pode ouvir Jesus rindo ao responder a Natanael. Em essência, ele diz: "Ah, meu caro! Você acha que sou o Messias. Deve pensar que subirei em um cavalo e destituirei os opressores romanos. Mas vou lhe mostrar coisas muito maiores do que essa. Isso não mudaria a condição humana inteira, não derrotaria o mal e a morte nem renovaria o mundo. Estou lhe dizendo, sou o *axis mundi*. Abri um buraco na pedra entre o céu e a terra. Por meio da minha encarnação como ser humano e da minha morte na cruz, que vocês ainda não viram, posso levá-los diretamente à presença de Deus".

Embora a maioria das pessoas em busca do espiritual comece sua jornada com medo de se decepcionar, Jesus afirma que sempre será infinitamente mais do que as pessoas procuram. Sempre excederá as expectativas, será sempre mais do que possamos pedir ou imaginar.

Portanto, abandone seus preconceitos e acompanhe Natanael. Venha ver e falar de Jesus a seus amigos. Prepare-se para mudar suas prioridades e modos de pensar. Qualquer que seja sua expectativa, qualquer que seja sua esperança, qualquer que seja seu sonho, você descobrirá algo muito maior em Nazaré.

[1] Citação de *Macbeth*, cena V, ato V, de Shakespeare. (N. do T.)

[2] Edição em português: *Felizes para sempre: a ciência para um casamento perfeito!* (São Paulo: Universo dos Livros, 2010).

[3] Esta e as duas próximas citações são de W. H. Auden em James A. Pike, org., *Modern Canterbury pilgrims* (New York: A. R. Mowbray, 1956), p. 41. Também citado em Edward Mendelson, "Auden and Go", *The New York Review of Books* 54, n. 19, December 6, 2007.

[4] Edição em português: *Depois da virtude* (São Paulo: EDUSC, 2001).

DOIS

O PRESTIGIADO E A MARGINALIZADA

Nas histórias dos privilegiados e dos marginalizados, a pergunta específica a ser feita é: "O que há de errado no mundo como ele é hoje?". Isso porque não podemos seguir em frente e começar a falar do que deveríamos fazer para tornar o mundo melhor a menos que compreendamos com clareza o que há de errado com ele. O diagnóstico antecede a prescrição. Creio que encontraremos um conjunto sólido de respostas nos textos que vamos observar a seguir.

No terceiro capítulo do Evangelho de João, Jesus Cristo encontra um líder prestigiado do sistema civil e religioso, de moral elevada; no capítulo seguinte, encontra-se com uma intrusa social, moral e religiosa — uma marginalizada — que por acaso é mulher. Ambos os textos são bastante conhecidos de muitos cristãos porque desenvolvem seus personagens com alguns detalhes e são cheios de diálogos memoráveis. No entanto, é interessante notar que, quando ensinam sobre esses textos, as pessoas sempre tratam ou de um ou do outro, nunca dos dois juntos. Considero isso um erro. Creio haver um motivo para os dois encontros aparecerem um após o outro nesse Evangelho: o autor quer que os consideremos em conjunto. Vistos superficialmente, os dois personagens parecem muito diferentes, e suas circunstâncias são tão díspares que, à primeira vista, tem-se a impressão de que não poderiam ter nada a ver um com o outro. Todavia, o autor nos leva a indagar: por diferentes que sejam o privilegiado e a marginalizada, o que eles têm em comum? Porque, se eles têm algo em comum, então *todos* temos. Ou seja, analisar os dois encontros juntos nos ajudará a ver o que João está dizendo sobre a condição do mundo e o papel por nós desempenhado para transformá-lo no que é hoje.

É impossível falar desses encontros sem tratar do assunto do pecado. Sei que as palavras *pecado* e *pecador* carregam muita bagagem cultural e entendo por que as pessoas ficam horrorizadas ao ouvir um cristão empregá-las. Infelizmente elas têm sido usadas para marginalizar e coisificar quem não é cristão. É fácil dizer: "Você não é só alguém que discorda de mim, você é um *pecador*". Nesse sentido, a palavra é empregada para ascender a um falso nível moral elevado e dispensar julgamento sobre quem está abaixo. Se você é um pecador (está implícito que eu não sou), então, em vez de propor uma discussão de verdade e enfrentar genuinamente seus questionamentos, eu o marginalizo.

Evidentemente, creio que esse entendimento do pecado está errado. A compreensão bíblica adequada do pecado é muito mais radical e abrangente. Nunca deve ser utilizada como arma, porque reverterá contra qualquer um que tente empregá-la dessa maneira. Em sentido bíblico, *ninguém* consegue fugir ao veredicto de pecador. E essa é a questão central das duas histórias.

Tratemos primeiro do encontro da marginalizada com Jesus, pois já de início ele mostra uma imagem do pecado que a maioria das pessoas reconheceria. O encontro com uma mulher junto a um poço é narrado em João 4. Jesus está viajando com seus discípulos por Samaria, fora da Judeia. Ao chegarem à cidade, os discípulos se dispersam com o intuito de conseguir algo para comer. Jesus está muito cansado e sedento. E na hora sexta, que é o meio-dia, no auge do calor, vai até um poço. Não tem como tirar água porque lhe falta um jarro. Mas então uma mulher solitária aparece para buscar água e ele pede:

> Dá-me um pouco de água. [...] Disse-lhe, então, a mulher samaritana: Como tu, um judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana? Pois os judeus não se davam bem com os samaritanos. Jesus lhe respondeu: Se conhecesses o dom de Deus e quem é o que te diz: Dá-me um pouco de água, tu lhe pedirias e ele te daria água viva. E a mulher lhe disse: Senhor, tu não tens com que tirar a água, e o poço é fundo; onde, pois, tens essa água viva? Por acaso és maior que o nosso pai Jacó, que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu, assim como também seus filhos e seu gado? Jesus respondeu: Quem beber desta água voltará a ter sede; mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna. E a mulher lhe disse: Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir aqui tirá-la. Então Jesus lhe disse: Vai, chama teu marido e volta para cá. A mulher respondeu: Não tenho marido. Então Jesus afirmou: Foste sincera, dizendo: Não tenho marido; pois já tiveste cinco maridos, e o que tens agora não é teu marido; isso disseste com verdade. E a mulher lhe disse: Senhor, vejo que és profeta (Jo 4.7,9-19).

Antes que continuemos com o encontro, deixe-me lhe mostrar como essa conversa é extraordinária.

O primeiro aspecto impressionante dessa história é o movimento radical de Jesus, dando início a um diálogo. Não nos parece incomum ver os dois conversando, mas deveria. Observe o choque da mulher pelo simples fato de ele lhe dirigir a palavra, pois judeus e samaritanos eram inimigos implacáveis. Séculos antes, a maioria dos judeus fora exilada na Babilônia por seus conquistadores. Alguns dos judeus que ficaram para trás se casaram com mulheres cananeias e formaram praticamente uma nova tribo, os samaritanos. Eles pegaram parte da religião judaica e parte da cananeia e criaram uma religião sincrética. Por isso os judeus consideravam os samaritanos racialmente inferiores *e* hereges. Esse é o primeiro motivo pelo qual a mulher se surpreende quando Jesus lhe dirige a palavra. Além disso, ainda pesava o fato de ser considerado escandaloso um homem judeu falar com qualquer mulher estrangeira em público.

E mais, a mulher saíra para buscar água ao meio-dia. Muitos estudiosos bíblicos chamam a atenção para o fato de que essa não é a hora em que as mulheres costumavam buscar água. Elas iam mais cedo, quando ainda não estava quente, de modo que pudessem ter água para as tarefas de manutenção da casa o dia inteiro. Então por que ela estava ali sozinha, no meio do dia? A resposta é: ela era uma marginalizada moral, uma completa intrusa, mesmo dentro de sua própria comunidade desprezada da sociedade.

Assim, quando Jesus começa a falar com ela, ignora deliberadamente quase todas as barreiras importantes que as pessoas são capazes de erigir entre si. Nesse caso, a barreira racial, a barreira cultural, a barreira do gênero e a barreira moral — incluindo todas as convenções da época — davam

conta de que ele, um homem judeu religioso, não deveria ter nada que ver com aquela mulher. Mas Jesus não se importou com nada daquilo. Percebe como sua atitude é radical? Ele passa por cima de todos os divisores humanos, a fim de estabelecer uma conexão com ela. A mulher fica assombrada, e nós também deveríamos ficar.

O segundo aspecto interessante desse encontro é que, embora seja evidente que Jesus se mostra aberto e afetuoso para com a mulher, ainda assim ele a confronta. Mas faz isso de uma maneira gentil e habilidosa. Começa dizendo: "Se soubesse quem sou, você me pediria água *viva*; e, se bebesse dessa água, jamais voltaria a ter sede".

Afinal, a que Jesus se refere? Ele fala por metáfora, referindo-se à "água viva", chamada por ele de "vida eterna". A imagem causa um impacto um pouco menor para nós. Hoje é comum termos acesso imediato à água potável. A maioria de nós sabe bem pouco o que é sede real, mas quem já viveu no clima árido junto ao deserto conhece muito bem o assunto. Como nossos corpos contêm muita água, sentir sede profunda significa estar em agonia. Assim, experimentar o gosto da água depois de sentir sede de verdade é a experiência mais satisfatória possível.

Então, o que Jesus está dizendo a essa marginalizada? O seguinte: "Tenho algo para você que lhe é tão básico e necessário para o *espírito* quanto a água para o *físico*. Algo sem o qual você estará completamente perdida".

Mas a metáfora da água viva significa mais ainda. Jesus não está apenas dizendo que tem a oferecer algo que nos salva a vida; ele também está revelando que sua oferta satisfaz *por dentro*. Ele diz: "Minha água, se você a obtiver, haverá de se tornar uma fonte de águas em você jorrando para a vida eterna". Ele está falando da profunda satisfação da alma, da satisfação e da alegria incríveis que não dependem do que acontece em nosso exterior. Por isso lhe pergunto: o que o faz feliz? O que é capaz de lhe dar uma vida de real satisfação? Invariavelmente você responderá pensando em algo que lhe é externo. Alguns de nós têm a esperança firmada no amor romântico, outros na carreira profissional, alguns na política ou em uma causa social e alguns no dinheiro e nos benefícios que ele traz. Mas o que quer que o faça dizer: "Se eu tiver tal coisa, se eu chegar lá, então saberei que sou importante, então saberei que tenho significado, então saberei que tenho segurança", provavelmente é algo exterior a você. Entretanto, Jesus diz que não há nada fora de você capaz de satisfazer de verdade a sede existente no fundo do seu interior. Para continuar um pouco mais com a metáfora, você não precisa de água respingada no rosto, mas, sim, da água que vem de um lugar em você ainda mais profundo que a própria sede. E Jesus declara: "Posso dá-la para você. Posso colocá-la dentro de você. Posso lhe oferecer satisfação absoluta e incomensurável no âmago do seu ser, independentemente do que acontece do lado de fora e das circunstâncias".

Alguma coisa nos impede de ouvir o que Jesus está falando, e acredito que seja o fato de a maioria de nós não ser capaz de reconhecer a sede da nossa alma pelo que ela é. Enquanto acredita haver uma probabilidade muito boa de concretizar alguns dos seus sonhos, enquanto acha que ainda pode ter sucesso, você experimenta seu vazio interior como um "impulso" e sua ansiedade como "esperança". Assim, pode manter-se quase completamente alheio à profundidade real de sua sede. A maioria de nós

diz a si mesmo que permanecemos insatisfeitos por não sermos capazes de alcançar nossos objetivos. Podemos viver quase a vida inteira sem admitir a nós mesmos a profundidade de nossa sede espiritual.

Por isso as poucas pessoas na vida que de fato alcançam ou ultrapassam seus sonhos ficam chocadas ao descobrir que essas circunstâncias tão almejadas não satisfazem. Na verdade, conseguem aumentar o vazio interior com sua presença. Por exemplo, anos atrás, o grande campeão do tênis Boris Becker declarou: "Venci em Wimbledon duas vezes, uma delas como o jogador mais jovem. Eu era rico [...] Tinha todos os bens materiais de que precisava [...] É a velha ladainha das estrelas *pop* e de cinema que cometem suicídio. Têm tudo, no entanto são tão infelizes. Mas eu não experimentava nenhuma paz interior".[1] Poderíamos dizer: "Preferiria ter o problema dele ao meu". Mas o que ele está dizendo é que *tem* o mesmo problema que nós e, como nós, achava que dinheiro, sexo, realização e fama o solucionaria.

A diferença está em que ele teve tudo isso e, por fim, nada lhe satisfez a sede nem um pouco. Em uma entrevista famosa, Sophia Loren disse que tivera tudo — prêmios, casamento —, mas, mesmo assim, "em minha vida existe um vazio impossível de preencher"[2].

Todo o mundo tem de viver em função de alguma coisa, mas Jesus argumenta que, se não *tiver* essa coisa, você se desapontará. Primeiro, ela o escravizará. O que quer que ela seja, você dirá para si mesmo que *tem* de tê-la ou não haverá amanhã. Isso significa que, se algo a ameaçar, você ficará demasiado temeroso; se alguém a impedir, você ficará demasiado irado; e, se não conseguir alcançar essa coisa, jamais se perdoará. Em segundo lugar, no entanto, caso você consiga, *sim*, alcançá-la, ela não lhe dará a satisfação esperada.

Permita-me apresentar uma expressão contemporânea eloquente do que Jesus está dizendo. Ninguém coloca isso melhor do que o escritor norte-americano David Foster Wallace. Ele chegou ao topo da profissão. Foi um romancista pós-moderno ganhador de prêmios e *best-seller*, conhecido mundo afora por forçar limites narrativos. Certa vez escreveu uma oração com mais de mil palavras. Poucos anos antes do fim da vida, fez um discurso de formatura na faculdade Kenyon que depois se tornou famoso. Ele disse à classe de formandos:

> Todo o mundo adora. A única escolha que nos cabe é o que adorar. E a razão que nos constrange a talvez escolher algum tipo de deus [...] para adorar [...] está no fato de que praticamente todas as outras coisas que você adora o comerão vivo. Se adorar dinheiro e bens, caso eles estejam onde você encontra real sentido na vida, você jamais os possuirá em quantidade suficiente, jamais sentirá que tem o bastante. É a verdade. Adore o próprio corpo, a beleza e a atração sexual e sempre se sentirá feio. E, quando o tempo e a idade começarem a se mostrar, você sofrerá um milhão de mortes antes de [seus entes queridos] enfim o enterram [...]. Adore o poder e acabará se sentindo frágil e temeroso, necessitado de ainda mais poder sobre os outros para anestesiar o próprio medo. Adore seu intelecto, sendo visto como alguém inteligente, e acabará se sentindo estúpido, uma fraude, sempre prestes a ser descoberto. Olhe, essas formas de adoração são traiçoeiras não porque sejam más ou pecaminosas, mas porque são inconscientes. São configurações-padrão.[3]

De modo algum Wallace era um homem religioso, mas compreendia que todas as pessoas adoram, todos confiam em alguma coisa para a própria salvação, todos baseiam a vida em algo que exige fé. Cerca de dois anos depois de proferir esse discurso, ele se matou. E as últimas palavras desse homem não religioso a nós são bastante aterradoras: "Alguma coisa acabará por comê-los vivos". Pois, embora você talvez nunca chame isso que o move de adoração, pode ter certeza absoluta de que vive adorando e

buscando. E, como Jesus disse: “A menos que você me adore, a menos que eu seja o centro da sua vida, a menos que você esteja tentando matar a sede espiritual por meu intermédio e não por meio dessas outras coisas, a menos que enxergue que a solução deve vir de dentro em vez de apenas passar por seu exterior, então o que quer que você adore o desamparará no final”.

Afirmei que costumamos esquecer como estamos sedentos por acreditarmos que realizaremos nossos sonhos. E, quando isso acontece, é fácil deixar Jesus para trás. Mas a mulher junto ao poço não tem essas ilusões, de modo que a isca está posta no anzol. Na mesma hora ela pergunta a Jesus:

— Que água viva é essa? Podes me dar essa água?

Então ele vira a mesa e diz:

— Vá buscar seu marido.

Ao que ela responde:

— Não tenho marido.

— Tem razão — ele concorda. — Você já teve cinco maridos, e o homem com quem vive neste momento não é seu marido.

O que Jesus está fazendo? Certamente temos nessa mulher, com seu longo e sórdido histórico sexual, alguém que se enquadra no entendimento tradicional de “pecador”. O intuito de Jesus é humilhá-la? Não; se isso fosse verdade, ele jamais teria quebrado as barreiras sociais da respeitabilidade e iniciado a conversa com ela com tanta gentileza como fizera.

Por que de repente Jesus parece mudar o assunto da busca por água viva para a história da mulher com os homens? A resposta é: ele não está mudando de assunto. Ele a provoca quando diz: “Se quiser compreender a natureza dessa água viva que ofereço, você primeiro necessita entender como a tem buscado em sua própria vida. Vem tentando consegui-la por meio dos homens e não tem dado certo, não é? Sua necessidade de homens a está comendo viva, e isso nunca terá fim”.

Nesse ponto, chocada com a percepção e o conhecimento que ele demonstra sobre sua vida, a mulher responde: “Senhor, és um profeta!”. Então, faz a ele um dos maiores questionamentos teológicos possíveis:

— Nós adoramos neste templo aqui, e os judeus adoram no templo em Jerusalém. Quem está certo?.

Nos versículos 21 a 24, Jesus responde com um parágrafo extraordinário que poderia ser resumido assim:

— Está chegando a hora em que não haverá a menor necessidade de um templo físico para se ter acesso a Deus.

Impressionada, ela responde:

— Quando o Messias vier, explicará todas essas coisas para nós.

Finalmente, Jesus solta a bomba:

— Sou eu, o que está falando contigo (Jo 4.26).

Retornemos agora ao encontro que Jesus teve antes desse com a marginalizada. Em João 3, ele se encontra com um homem muito importante, um fariseu, líder religioso e civil.

Havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, autoridade entre os judeus. Ele foi encontrar-se de noite com Jesus e disse-lhe: Rabi, sabemos que és Mestre vindo de Deus, pois ninguém pode fazer os sinais que tu fazes, se Deus não estiver nele. Jesus lhe respondeu: Em verdade, em verdade te digo que ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo. Então lhe perguntou Nicodemos: Como um homem velho pode nascer? Poderá entrar no ventre de sua mãe e nascer pela segunda vez? Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer: Necessário vos é nascer de novo (Jo 3.1-7).

Notou que aqui acontece quase o oposto de como Jesus tratou a mulher junto ao poço? Ele começou muito afável com ela, surpreendendo-a por se mostrar tão acessível, e então, pouco a pouco, confrontou-a com a necessidade espiritual que ela tinha. Em seu encontro com esse homem prestigiado, no entanto, Jesus é mais vigoroso e direto. Nicodemos começa com cortesia:

— Ah, Rabi, ouvi falar muita coisa maravilhosa a teu respeito. Dizem que tens muita sabedoria concedida por Deus.

Jesus, no entanto, confronta Nicodemos logo de início, declarando:

— Você precisa nascer de novo.

Imagino que Nicodemos, um homem que passou a vida adorando a Deus de acordo com a rigorosa tradição judaica, deve ter ficado ofendido com o pronunciamento estranho.

Nascer de novo. É daqui que vem esse termo, hoje tão carregado de significado. Afinal, quem são os cristãos "nascidos de novo"? Hoje em dia é comum acreditar que pessoas nascidas de novo são diferentes da maioria de nós — mais emocionais ou mais derrotadas, como viciados em drogas ou pessoas emocionalmente instáveis — e necessitam de uma reviravolta dramática que as conduza ao caminho certo. Imaginamos que fizeram algo tão ruim ou que são tão fracas, que só uma transformação de vida de proporções sísmicas conseguirá ajudá-las. Portanto, hoje a maioria das pessoas, achando-se tolerante, diria que talvez nascer de novo seja para quem é mais fraco que os outros e que, portanto, precisa de uma experiência catártica. Talvez seja para quem tem falta de autoridade e estrutura na vida, por isso se junta a movimentos religiosos autoritários e controladores. Nascer de novo, em outras palavras, é para determinado tipo de gente. E, se é disso que alguém precisa, que o tenha.

O problema com essa visão é que a narrativa bíblica não nos permite sustentá-la. Nicodemos é um líder civil, membro do Sinédrio, a assembleia da suprema corte dos juízes hebreus. Trata-se de um homem próspero, um fariseu devoto e reto; não se poderia encontrar religioso de maior boa-fé do que esse. De forma alguma ele poderia ser considerado alguém derrotado ou com problemas emocionais. Quando chama Jesus — um jovem sem nenhum treinamento formal — de "rabi", ele demonstra ser mais humilde e ter a mente mais aberta do que a maioria dos seus colegas. Portanto, em Nicodemos encontramos alguém admirável: dotado de autocontrole, bem-sucedido, disciplinado, correto e religioso, mas, mesmo assim, de mente aberta.

E o que Jesus diz? Com esse prestigiado ele emprega uma metáfora diferente da que usou com a marginalizada. Em vez de pressioná-lo por sua falta de satisfação ("Posso lhe dar água viva"), pressiona-o pela autossatisfação presunçosa ("Você deve nascer de novo"). O que você precisou fazer, Jesus pergunta, para nascer? Teve de dar duro para conquistar o privilégio de nascer? Aconteceu devido a um planejamento habilidoso da sua parte? Nada disso. Você não faz por merecer nem contribui com *nada*

para nascer. É um dom gratuito da vida. O mesmo acontece com o novo nascimento. A salvação é pela graça; não há esforços morais capazes de ganhá-la ou fazer por merecê-la. Você tem de nascer de novo.

Uma coisa espantosa de se dizer a um homem como Nicodemos. Jesus está afirmando que cafetões e prostitutas de rua se encontram na mesma posição que ele, em termos espirituais. Lá está Nicodemos, abundante em realizações morais e espirituais; lá está alguém na rua, um sem-teto viciado — e, aos olhos de Deus, ambos estão igualmente perdidos. Ambos precisam começar do zero. Ambos têm de nascer de novo. Ambos precisam de vida espiritual eterna ou acabarão sendo comidos vivos. E a vida terá de ser um dom gratuito.

Como Jesus ousa dizer isso?

Jesus pode dizê-lo graças a um entendimento do pecado mais profundo do que tem a maioria das pessoas. Permita-me retomar a palavra aqui com toda sua bagagem cultural. Olhe para a mulher junto ao poço. É provável que a maioria das pessoas entenda por que Jesus a veria como uma pecadora necessitada de salvação. Mas a maioria das pessoas não consegue entender o tratamento dispensado por Jesus ao prestigiado Nicodemos. Por que ele haveria de ser visto como um pecador necessitado de salvação? Por que Jesus diria a esse bom homem que ele não fez nada para ganhar um lugar no céu?

Eis a resposta surpreendente: pecado é procurar a salvação em outra coisa que não Deus. É se colocar no lugar de Deus, tornar-se o próprio salvador e senhor. Eis a definição bíblica de pecado, a transgressão ao primeiro dos Dez Mandamentos. Um modo de fazer isso é infringindo todas as regras morais na busca pelo prazer e pela felicidade, como a mulher do poço. Isso transforma o sexo, ou o dinheiro, ou o poder em uma espécie de salvação. Mas também ainda existe a maneira religiosa de ser seu próprio salvador e senhor. É agir como se sua vida decente e sua realização moral exijam que Deus o abençoe e responda a suas orações do jeito que você deseja. Nesse caso você está esperando que sua própria bondade moral e esforços lhe deem a importância e a segurança que as pessoas não religiosas procuram no sexo, no dinheiro e no poder. O que é cruel nessa história é que os religiosos falam constantemente sobre confiar em Deus; mas, se você acha que sua bondade de alguma forma contribui para sua salvação, na verdade você está sendo seu próprio salvador. Está confiando em si mesmo. E, embora nesse caso você talvez não esteja cometendo adultério, nem roubando ninguém, seu coração se encherá cada vez mais de tamanho orgulho, justiça própria, insegurança, inveja e rancor que você torna o mundo um lugar miserável de se viver para quem o rodeia.

Portanto, como você pode observar, Nicodemos e a mulher samaritana são igualmente pecadores e necessitados da graça. Nós também. Em todos os casos, você tenta ser seu próprio salvador e senhor, procurando deixar Deus em dívida com você ou pelo menos fazer com que o universo fique a seu favor.

De um jeito ou de outro, Jesus chama isso de pecado. Diz que você precisa de água viva e, para obtê-la, precisa nascer de novo. Precisa arrepender-se, reconhecer sua necessidade, pedir a Deus que o receba por causa de Jesus e converter-se.

Algumas pessoas podem dizer: “Mas não sou nenhum desses dois tipos de pessoa; sou alguém moralmente bom que não tem nada de religioso. Talvez exista um Deus, não tenho certeza. De qualquer forma, porém, sou uma boa pessoa, e isso é tudo que deveria importar”. Isso é mesmo tudo o que deveria

importar? Imagine a viúva que tem um filho o qual cria sozinha, põe em boas escolas e até em uma boa universidade com grande sacrifício pessoal, pois são escassos os seus recursos. Enquanto tudo isso acontece, ela diz: “Filho, quero que você tenha uma vida correta. Quero que sempre diga a verdade, sempre trabalhe muito e cuide dos pobres”. Depois de formado na faculdade, o rapaz parte para seguir sua profissão e vida e nunca fala com a mãe ou passa tempo com ela. Ah, pode ser que lhe mande um cartão no aniversário, mas nunca telefona nem a visita. Se você lhe perguntasse sobre seu relacionamento com ela, o rapaz responderia: “Não, não tenho nada que ver com ela pessoalmente. Mas sempre digo a verdade, trabalho duro e cuido dos pobres. Tenho vivido de forma correta; isso é tudo o que importa, não?”.

Duvido que você se desse por satisfeito com essa resposta. Não basta ele levar uma vida moral correta como desejava sua mãe sem manter nenhum tipo de relacionamento com ela. O comportamento dele é condenável porque, na verdade, ela lhe dera tudo que tinha. Mais do que apenas uma vida correta, o filho lhe deve seu amor e lealdade.

Se existe um Deus, você também lhe deve literalmente tudo. Se existe um Deus, você lhe deve muito mais do que uma vida decente no sentido moral. Ele merece ocupar o centro de sua vida. Mesmo que seja alguém bom, caso não permita Deus ser Deus em sua vida, você é tão culpado por pecar quanto Nicodemos e a mulher samaritana. Você está sendo seu próprio salvador e senhor.

Qual a solução? Precisamos parar de recorrer a falsas formas de salvação, aos pseudossalvadores. Se edificar sua vida em cima de uma carreira profissional, ou do cônjuge, ou do dinheiro, ou da moral, e eles fracassarem, não haverá esperança para você. Sabe por quê? Porque todos os outros salvadores exceto Jesus Cristo não são de fato salvadores. Se sua carreira fracassar, ela não o perdoará. Ela simplesmente o punirá com desprezo próprio e vergonha. Jesus é o único salvador que o satisfará, caso você o abrace, e que o perdoará, caso você falhe com ele. Sua carreira e seu desempenho moral, ao contrário, não podem morrer por seus pecados.

Continuando a leitura do quarto capítulo de João, você verá que a mulher samaritana conta aos amigos sobre a água viva que achou. Testemunha o encontro com o Messias e convida todos a encontrá-lo também. Por que ela descobriu a salvação? Vou lhe contar: porque Jesus sentiu sede. Não fosse a sede de Jesus, ele não teria ido ao poço e a mulher não teria descoberto a água viva. Mas por que Jesus sentiu sede? Porque o Filho divino de Deus, o criador do céu e da terra, se esvaziou de sua glória e desceu ao mundo como um mortal vulnerável, sujeito a ficar cansado e sedento. Em outras palavras, a mulher encontrou a água viva porque Jesus Cristo disse: “Tenho sede”. Não foi a última vez que ele disse: “Tenho sede”, no livro de João. Na cruz, minutos antes de morrer, ele disse :“Tenho sede”, referindo-se a mais do que apenas a necessidade física de água. Jesus estava experimentando a perda do relacionamento com seu Pai porque estava levando sobre si o castigo que nós merecemos por nosso pecado. Estava excluído do Pai, a fonte da água viva. Estava experimentando a sede suprema, torturante, mortal e eterna da qual a pior morte por desidratação é só uma amostra. Uma situação ao mesmo tempo paradoxal e espantosa. Por Jesus Cristo ter experimentado a sede cósmica na cruz, nossa sede espiritual foi satisfeita. Por ele ter morrido, podemos nascer de novo. E ele o fez com alegria. Contemplar o que ele realizou e

por que o fez desviará nosso coração das coisas que nos escravizam e o voltará para Cristo em adoração. Esse é o evangelho, o mesmo para o cético, para o crente, para o prestigiado, para a marginalizada e para todos entre um extremo e outro.

[1] Disponível em www.bible.org/illustration/boris-becker.

[2] Citado em Alistair Beggs, *The hand of God* (Chicago: Moody, 2001), p. 77.

[3] David Foster Wallace, discurso de formatura em Kenyon College, May 21, 2005. Disponível em: http://moreintelligentlife.com/story/david-foster-wallace-in-his-own-words, acesso em: 10 nov. 2014.

TRÊS

AS IRMÃS ENLUTADAS

Quase ninguém defende a ideia de que o mundo vai muito bem e que não há nada errado com a raça humana. Assim como os encontros de Jesus com a mulher junto ao poço e Nicodemos nos mostram o que há de errado no mundo, a história de Maria e Marta se concentrarão no que — ou em quem — pode endireitá-lo. A resposta, creem os cristãos, é Jesus. Portanto, voltemo-nos para ele. Quem é essa figura central do cristianismo que tem a missão de consertar todas as coisas?

Para isso, recorreremos outra vez ao Evangelho de João, que conta a história de Jesus e do seu relacionamento com três irmãos: Maria, Marta e Lázaro. No início do capítulo 11, Lázaro é chamado de "aquele a quem amas" (v. 3), uma expressão usada nos Evangelhos para descrever o relacionamento de Jesus com seus discípulos mais chegados. Ao que tudo indica, Jesus, Lázaro, Maria e Marta consideravam-se praticamente da mesma família.

O relato de João conta que Lázaro ficou muito enfermo e que sua vida estava por um fio. Maria e Marta mandaram buscar Jesus, mas Lázaro morreu antes que ele chegasse. Quando Jesus enfim chegou à casa dos amigos, encontrou todos de luto e o corpo de Lázaro já sepultado. O que ele fez a seguir é um dos incidentes mais famosos da história. Um dos mais esclarecedores também, mostrando-nos não apenas quem é Jesus, mas o que ele veio fazer.

> Chegando, pois, Jesus, viu que Lázaro estava sepultado já havia quatro dias. Betânia ficava a uma distância de quinze estádios de Jerusalém. E muitos judeus haviam ido visitar Marta e Maria, para consolá-las pela perda do irmão. Ao saber que Jesus estava chegando, Marta foi ao seu encontro; Maria, porém, ficou sentada em casa. E Marta disse a Jesus: Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. Mas sei que, mesmo agora, Deus te concederá tudo quanto lhe pedires. Jesus lhe respondeu: Teu irmão ressuscitará. Disse-lhe Marta: Sei que ele ressuscitará na ressurreição, no último dia. Jesus declarou: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, mesmo que morra, viverá; e todo aquele que vive, e crê em mim, jamais morrerá. Crês nisso? Respondeu-lhe Marta: Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo. Dito isso, ela se retirou e, chamando sua irmã Maria em particular, disse-lhe: O Mestre está aqui e te chama. Ouvindo isso, Maria levantou-se depressa e foi ao encontro dele. Pois Jesus ainda não havia entrado no povoado, mas estava onde Marta o encontrara. Então os judeus que estavam na casa com Maria e a consolavam, vendo-a levantar-se às pressas e sair, seguiram-na, pensando que se dirigia ao sepulcro para ali chorar. Ao chegar ao lugar onde Jesus estava e vê-lo, Maria lançou-se aos seus pés e disse: Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. Ao vê-la chorando, e também os judeus que a acompanhavam, Jesus comoveu-se profundamente no espírito e, abalado, perguntou-lhes: Onde o pusestes? Responderam-lhe: Senhor, vem e vê. Jesus chorou. Então os judeus disseram: Vede como o amava (Jo 11.17-36).

Marta se aproxima de Jesus e diz: “Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido”. Instantes apenas mais tarde, Maria sai e diz a mesma coisa, palavra por palavra. Duas irmãs, a mesma situação, as mesmas palavras exatas. Surpreende, no entanto, constatar que as respostas de Jesus são nitidamente diferentes. Quando Marta fala, ele quase dá início a uma discussão. A mensagem dela é: “Chegaste tarde demais”. Por sua vez, ele responde: “Eu sou a ressurreição e a vida! Comigo, nunca é tarde demais”. O coração dela pende para o desespero, mas Jesus vai contra essa tendência. Repreende sua dúvida e lhe transmite esperança. Então vê Maria, que diz exatamente a mesma coisa, mas dessa vez a reação dele é oposta. Jesus não discute; na verdade, quase perde a fala. E, em vez de se colocar contra a tendência à tristeza do coração de Maria, deixa-se levar por ela. Coloca-se ao lado de Maria em sua dor. Irrompe em lágrimas e só consegue dizer: “Onde ele está?”. Ora, essas reações tão divergentes de Jesus são mais do que uma simples curiosidade contraintuitiva. Apontam não apenas para a profunda sabedoria relacional dele, mas para uma verdade ainda mais profunda acerca de seu caráter e identidade.

Imagine-se criando uma história sobre um personagem divino que viesse à terra disfarçado de ser humano. Na história, o ser divino chega ao funeral de um amigo ciente de que tem poder para devolvê-lo à vida e de que em questão de minutos enxugará todas as lágrimas dos que pranteiam ao seu redor. Qual seria o estado emocional interno mais provável desse personagem? Com certeza você o descreveria sorridente, empolgado e bem-humorado. Esperaria vê-lo esfregar as mãos de expectativa e murmurar: “Esperem só até verem o que estou prestes a fazer!”. Ou talvez, na condição de autor da narrativa, você o mantivesse repetindo, em um tom mais alto, sempre a mesma coisa: “Eu sou a ressurreição e a vida”. As duas reações pareceriam condizer com alguém que se proclama divino. Nunca imaginaríamos esse ser divino deixando-se tragar pela agonia de Maria e pondo-se a chorar. Por que ele se mostraria tão forte em um minuto e tão vulnerável no minuto seguinte?

Acontece que essa *não* é uma história inventada. E o relato de João mostra de maneira dramática o que o Novo Testamento nos propõe em outro lugar: que Jesus é ao mesmo tempo verdadeiramente Deus e plenamente homem. Não apenas Deus disfarçado de homem; não apenas um homem com ares de divindade; mas o Deus-homem. Seus encontros, primeiro com Marta, depois com Maria, demonstram que ele é tanto Deus quanto homem.

Ao se encontrar com Marta, ele afirma: “Eu sou a ressurreição e a vida”. Uma reivindicação de divindade. Só Deus pode dar a vida e tomá-la. Observe que ele não diz apenas: “Posso reviver Lázaro; tenho acesso especial ao poder divino sobrenatural”. Em vez disso, declara: “Eu *sou* a ressurreição e a vida. Eu *sou* o poder que dá vida a tudo e mantém tudo vivo”. Extraordinário.

Este não é de modo algum o único lugar em que Jesus faz uma afirmação como essa. Ele aponta para a própria divindade ao longo de todos os Evangelhos. De fato, se você incluir as referências indiretas bem como as declarações explícitas, as afirmações de identidade divina estão em quase todos os capítulos. Em Lucas 10 há uma ocasião em que Jesus faz um anúncio espontâneo: “... Eu vi Satanás cair do céu como um raio” (v. 18). Seus discípulos devem ter ficado boquiabertos, pensando: “O quê?! Ele está falando sério? Ele se lembra da queda pré-histórica de Satanás do céu à terra? Ele assistiu à cena?”.

Outra afirmação indireta da divindade de Jesus que chocou seus contemporâneos era a declaração persistente que ele fazia do perdão de pecados. É evidente para todo o mundo que o único pecado que uma pessoa pode perdoar é aquele cometido contra ela própria. Você não pode perdoar Jim por mentir para Sam; só Sam pode fazer isso. Assim, quando Jesus disse a um paralítico "Filho, os teus pecados estão perdoados", os espectadores acertadamente concluíram que Jesus afirmava ser Deus, deixando implícito que todos os pecados são cometidos contra *ele* (Mc 2.5).

No entanto, as afirmações explícitas de divindade de Jesus são abundantes também. Em João 5 uma multidão procurou apedrejá-lo porque o ouviram afirmar ser igual a Deus. Em João 8 tentaram fazer a mesma coisa quando ele disse não só ser mais velho que Abraão, mas eterno, tomando para si o adjetivo de divino: "... antes que Abraão existisse, Eu Sou" (Jo 8.58). Em João 14 ele declara algo semelhante ao que diz a Marta. Afirma não apenas *ter* mas *ser* a verdade: "... Eu sou o caminho, a verdade e a vida..." (v. 6). Em João 20, Tomé chama Jesus de "Senhor meu e Deus meu!" (v. 28), e Jesus aceita a adoração sem se opor.

Todas essas afirmações sempre representaram um grande desafio para os leitores dos Evangelhos, ainda mais nos dias de hoje. A maioria reconhece a beleza, o poder e a singularidade do ensino de Jesus. Existe, portanto, um forte desejo de retratá-lo como um sábio religioso entre muitos. Mas o ministro presbiteriano escocês John Duncan do século 19 (e, no século seguinte, o escritor C. S. Lewis) ensinava que as declarações de identidade divina feitas por Jesus inviabilizam a proposição. Os fundadores de todas as outras grandes religiões disseram: "Sou um profeta que lhes mostra como encontrar Deus". Jesus, por sua vez, ensinava: "Eu sou Deus, venha me encontrar". Isso significa que não podemos olhar para Jesus só como mais um mestre religioso suprindo a loja de sabedorias do mundo. Ou ele foi uma fraude, ou viveu iludido, ou era divino de fato. Duncan deu a isso o nome de trilema.

Jesus em seguida requer uma espécie de resposta radical. Seria possível condená-lo por ser mau, ou fugir dele por considerá-lo um lunático, ou cair de joelhos e adorá-lo por ser Deus. Todas essas reações fazem sentido; são coerentes com a realidade de suas palavras. Só o que não se pode fazer é reagir *com moderação*. Você não pode dizer a ele: "Belo ensino. Muito útil. O senhor é um excelente pensador". Isso é ser desleal. Se Jesus não é quem diz ser, seu pensamento padece de profunda distorção e engano. Se é, trata-se de alguém infinitamente maior do que apenas um grande pensador. Na verdade, ele nos diz: "Vocês precisam lidar com minhas afirmações. Se estou errado, sou inferior a todos esses outros fundadores que tiveram a sabedoria e a humildade de não afirmar ser Deus. Se estou certo, *devo* ser uma forma superior de descobrir quem é Deus e, em última análise, o que a realidade é. Mas com certeza não sou igual a todos os outros".

Já conversei com muitas pessoas que procuraram fugir desse trilema de diferentes maneiras. A tentativa mais comum que encontrei sugere que Jesus nunca, em absoluto, se disse Deus. "Como crer na confiabilidade histórica dos relatos neotestamentários?", alega essa objeção. "Como saber que ele de fato existiu e ainda por cima fez declarações de divindade? A ideia de Jesus como Filho divino de Deus não se desenvolveu só muitos anos após sua morte?". Na verdade, temos boas evidências da existência e vida de Jesus a partir de documentos históricos sem ser a Bíblia. Há também bastante material erudito

defendendo a tese convincente de que os Evangelhos não são tradição oral recheada de mitos, mas um *registro histórico* oral, baseado em relatos de testemunhas oculares. Além do mais, as evidências das afirmações de divindade de Jesus vão muito além dos relatos dos Evangelhos em si. As evidências históricas indicam que nunca houve nenhum debate ou época em que os cristãos não cressem que Jesus era Deus. Na carta de Paulo aos filipenses, por exemplo, escrita apenas duas décadas após a morte de Jesus, há um antigo hino cristão — provavelmente mais velho que a própria carta — em adoração à divindade de Cristo (Fp 2.5-11). Isso significa que a crença na identidade divina de Jesus não se desenvolveu muito depois de sua morte, mas baseava-se em seus ensinamentos e era a regra na comunidade cristã desde o início.[1] Portanto, o esforço de fugir ao trilema não subsiste.

Ao constatar que não conseguem escapar ao trilema, as pessoas partem então para uma das opções que ele oferece: "Está bem, vou fingir que concordo. Mas por que Jesus não poderia ter sido uma fraude consciente? Só porque era um mestre brilhante não significa que não fosse também um enganador". Todavia, aqui é importante recordar que todos os primeiros seguidores de Jesus eram judeus e que os judeus do primeiro século tinham uma visão de Deus tão transcendentemente elevada que se recusavam até mesmo a escrever ou pronunciar o nome dele. Qualquer sugestão de que Deus pudesse tornar-se um ser humano de carne e osso e frágil seria violentamente condenada. Isso quer dizer, primeiro, que a ideia de um Deus-homem jamais teria ocorrido a homens e mulheres judeus, por mais elevada a consideração que tivessem por seu líder. Quer dizer também, em segundo lugar, que nenhum charlatão tentaria convencer os seguidores judeus de sua divindade. Ele saberia que a possibilidade de sucesso era nula, e a história confirma isso. No primeiro século, outros personagens judeus reivindicaram ser o Messias, e muitos tiveram seguidores, mas nenhum jamais foi adorado como divino.

"E se Jesus não fosse um conspirador", você pode questionar então, "mas alguém sincero e enganado? E se acreditasse de verdade ser Deus? Não seria possível que conseguisse convencer seus seguidores?". Não, e aqui está o motivo. Precisamos refletir sobre o fato de que nenhuma grande religião conta com um fundador que afirme ser Deus, apesar de isso ter acontecido em algumas pequenas seitas de curta duração. A história registra casos de pessoas que enganaram a si mesmas e reivindicaram a própria divindade, mas elas nunca conseguiram tornar as próprias declarações críveis a não ser para um grupo restrito. Por quê? É impossível convencer os outros da sua divindade se você apresenta qualquer defeito normal do caráter humano: egoísmo, impaciência, raiva incontrolável, orgulho, desonestidade e crueldade. Sempre existem pessoas próximas o suficiente do pretendente a deus para enxergar todos esses defeitos e ver além da ilusão. E, se você acrescentar a isso o profundo ceticismo cultural e teológico do judaísmo, logo percebe que seria impossível convencer um grande número de judeus de que se é Deus; a menos que essa fosse mesmo a explicação mais sensata para os fatos.

A erudição histórica nos mostra que, após a morte de Jesus, um grupo cada vez maior de pessoas, apesar de insistir em se declarar fiel ao monoteísmo judaico, começou a adorá-lo como o único Deus verdadeiro.[2] Que tipo de vida Jesus deve ter levado para conseguir o que ninguém na história jamais conseguiu, ou seja, convencer mais do que uma pequenina porcentagem de desajustados de que ele é o Criador e Juiz do universo? Que tipo de pessoa Jesus deve ter sido para vencer a profunda resistência

dos judeus a afirmações assim absurdas? A resposta é: ele deve ter sido o ser humano de incomparável beleza retratado ao longo do Novo Testamento. Vemos um retrato formidável dele ali.

Quando Jesus se encontra com Marta, vislumbramos de fato sua divindade e poder — ele é Deus. Mas isso não explica a totalidade de quem ele é. Logo no instante seguinte, ele começa a soluçar sob o peso do sofrimento de Maria à sombra da sepultura. Seria natural pensar que alguém divino de verdade não exporia suas emoções desse jeito, mas ele o fez. Portanto, vemos aqui a divindade unida à vulnerabilidade humana. Seu amor lhe deprime o espírito e o faz chorar. Apesar de afirmar que é a ressurreição e a vida — que é Deus —, Jesus reage a Maria dessa maneira por ser plenamente humano também. Ele é um conosco. Sente o poder terrível da morte e a dor do amor perdido.

O que temos em Jesus, portanto, é algo muito difícil de crer e ainda mais difícil de descrever. Ele não é 50% humano e 50% Deus, nem 20% Deus e 80% humano, ou vice-versa. Não é apenas um ser humano com uma consciência mais elevada de Deus ou um personagem divino com a ilusão de um corpo físico. Ele é Deus, mas também absoluto e completamente humano. Ora, nenhuma outra religião concorda com isso. Nenhuma religião além do cristianismo acredita que o Criador transcendente, o autor da vida, tornou-se um frágil mortal limitado que chegou a sentir o horror absoluto da morte. Você crê que Jesus foi o Deus-homem? Eu não ficaria surpreso se você lutasse com a ideia! Mas olhe para a história, observe como ele de fato responde às duas mulheres e verá que, conseguindo ou não entender a ideia de uma pessoa divina, embora humana, isso é justamente aquilo de que você mais precisa.

Jesus dá a Marta o que poderíamos chamar de ministério da verdade. É disso que ela mais necessita no momento. De certa forma, ele a sacode pelos ombros com a verdade. “Ouça o que estou dizendo! Não se desespere. Estou aqui. Ressurreição. Vida. É isso que sou.” Devido a sua identidade divina, ele ocupa um patamar elevado o suficiente para lhe apontar as estrelas. Em seguida, ao se aproximar de Maria, Jesus lhe oferece o que poderíamos chamar de ministério das lágrimas. É disso que ela mais precisa naquele instante. Devido a sua identidade humana, ele está em posição suficientemente baixa para se envolver com a dor que ela sente — com total sinceridade e integridade — e chorar com ela.

Honestamente, todos precisam de um ministério da verdade e de um ministério de lágrimas em momentos diferentes. Às vezes sua necessidade maior é da verdade que estimula; você precisa ser sacudido por um amigo amoroso que diga: “Acorde e olhe a sua volta”. Outras vezes só precisa mesmo de alguém que chore com você. Às vezes impor a verdade a alguém em aflição é um erro absurdo, mas há ocasiões em que apenas orar com essa pessoa e não lhe dizer a verdade é igualmente errado. Nenhum de nós tem o temperamento, a paciência ou a percepção necessários para dar às pessoas o que elas precisam o tempo todo. Em razão de nossa personalidade, alguns de nós temos a tendência de confrontar mesmo quando o momento pede compreensão, ao passo que outros já são o contrário. Mas Jesus Cristo nunca é forte quando deveria ser terno, nem terno quando deveria ser forte. Não que ele seja apenas um conselheiro perfeito e maravilhoso. Ele é a própria verdade em lágrimas. A divindade encarnada.

Esse paradoxo — de ser tanto divino quanto humano — lhe confere uma beleza fascinante. Jesus é o Leão e o Cordeiro. Apesar de suas reivindicações elevadas, ele nunca é pretensioso; você nunca o vê tirar proveito da própria nobreza. Embora absolutamente acessível aos mais frágeis e desolados, ele

nada teme diante do corrupto e do poderoso. Ele tem ternura sem fraqueza. Força sem aspereza. Humildade sem a menor insegurança. Autoridade resoluta sem sombra de interesse próprio. Santidade e convicções infinitas sem nenhum distanciamento. Poder sem insensibilidade. Uma vez ouvi um pregador dizer: "Ninguém ainda descobriu a palavra que Jesus deveria ter dito, mas não disse. Ele é cheio de surpresas, mas são todas surpresas da perfeição".[3]

Portanto, ele é Deus convertido em ser humano. Claro que isso nos impõe uma questão. Por que ele fez isso? Por que o poder absoluto tem de mergulhar em nossa fraqueza? Vejamos a última parte do relato das irmãs enlutadas.

> Jesus, comovendo-se profundamente outra vez, foi ao sepulcro, que era uma gruta com uma pedra na entrada. E disse: Tirai a pedra. Então Marta, irmã do morto, disse-lhe: Senhor, ele já cheira mal, porque já faz quatro dias. Jesus lhe respondeu: Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus? Então tiraram a pedra. E Jesus, levantando os olhos ao céu, disse: Pai, graças te dou, porque me ouviste. Eu sei que sempre me ouves; mas por causa da multidão que está aqui é que assim falei, para que creiam que me enviaste. E, tendo dito isso, exclamou em alta voz: Lázaro, vem para fora! O que estivera morto saiu, com os pés e as mãos atados com faixas, e o rosto envolto num pano. E Jesus lhes disse: Desatai-o e deixai-o ir (Jo 11.38-44).

Fico frustrado com quase todas as traduções inglesas do versículo 38. Lemos que "Jesus, comovendo-se profundamente outra vez, foi ao sepulcro". Mas o versículo contém um termo grego que significa "urrar de raiva". Por alguma razão, nenhum tradutor se sentiu livre para expressar o que todo comentarista e especialista em grego afirmam que o texto diz. Jesus ficou furioso. Ele urra de raiva, vocifera. Com quem ou com o que ele está bravo? Não há nenhum indício de que seja com a família. Então com o quê?

Dylan Thomas tinha razão: "Não mergulhe gentilmente nessa boa noite; raiva, raiva contra a morte da luz". Jesus se enche de fúria contra a *morte*. Ele não diz: "Olhe, habitue-se a ela e ponto final. Todo o mundo morre. Assim é o mundo. Conforme-se". Não, ele não faz isso. Jesus olha firme para nosso maior pesadelo — o fim da vida, a perda dos entes queridos e do amor — e se exaspera. Fica louco com o mal e o sofrimento, e, mesmo sendo Deus, não fica louco consigo mesmo. O que isso significa?

Primeiro, significa que o mal e a morte são resultado do pecado, e não o desígnio srcinal de Deus. Ele não criou um mundo repleto de enfermidades, sofrimento e morte. Mas você pode perguntar: se Deus está infeliz com o mundo do jeito que é, por que não aparece e muda tudo de uma vez por todas? Por que ele não vem à terra e acaba com todo o mal? Mas essas perguntas revelam falta de autoconhecimento. A Bíblia diz — e no fundo nós sabemos disso — que muito do que há de errado com o mundo está assim por causa do coração humano. Grande parte da miséria desta vida deve-se ao egoísmo, ao orgulho, à crueldade, à ira, à opressão, à guerra e à violência. O que significa que, se Jesus Cristo tivesse vindo à terra brandindo a espada da ira divina contra o mal, nenhum de nós sobraria para contar a história. Todos temos o mal e o egocentrismo enraizados em nosso interior.

Não, Jesus não veio empunhando uma espada; ele veio com pregos nas mãos. Não veio trazer julgamento; veio para sofrer o julgamento. Essa passagem revela isso na medida em que começa a desdobrar o dilema de Jesus. Mais adiante no capítulo 11, quando os líderes religiosos veem o que Jesus fez nessa demonstração de poder, constatam que esse milagre o tornou ainda mais perigoso do que jamais

imaginaram que poderia vir a ser. De modo que, depois que ele ressuscitou Lázaro, os líderes se reuniram e, como diz João no versículo 53: “Assim, desde aquele dia, decidiram matá-lo”.

Jesus sabia de tudo isso, é claro. Sabia que, se ressuscitasse Lázaro dos mortos, o sistema religioso tentaria matá-lo. Portanto, ele tinha consciência de que a única maneira de tirar Lázaro da sepultura seria colocando-se dentro dela. Sabia que o único modo de interromper o funeral de Lázaro seria conclamando o seu. Se pretendia nos salvar da morte, teria de ir para a cruz e carregar o juízo que nós merecemos. Por esse motivo, ao se aproximar do sepulcro, em vez de sorrir ante a perspectiva de encenar um grande espetáculo, Jesus tremia de raiva, e lágrimas lhe escorriam pelas faces. Ele sabia quanto lhe custaria salvar-nos da morte. Quem sabe sentisse as mandíbulas da morte se fechando sobre ele. Todavia, mesmo sabendo e vivendo tudo isso, bradou: “Lázaro, vem para fora!”.

As testemunhas disseram a seu respeito: “Vejam como ele amava Lázaro”, mas na verdade precisamos notar o quanto ele *nos* amava. Jesus tornou-se humano, mortal, vulnerável, “passível de ser morto” — tudo por amor a nós.

Em 1961, os russos puseram um homem em órbita. Em seguida, o premiê russo Nikita Khrushchev fez um pronunciamento audacioso. Lembro muito bem; eu tinha onze anos quando aconteceu. Ele disse algo parecido com: “Enviamos um homem ao espaço e não vimos Deus, portanto provamos que não existe Deus nenhum”. Uma lógica ou filosofia bem pouco consistente, mas, de qualquer forma, ele falava sério, e milhões de pessoas acreditam em algo parecido. Acham que a observação empírica provou a inexistência de Deus. C. S. Lewis escreveu um ensaio sobre essa ideia chamado “The seeing eye” [O olho que vê], no qual argumenta que, se houvesse um Deus, não nos relacionaríamos com ele como alguém no primeiro pavimento de uma casa se relaciona com outra pessoa no segundo pavimento. O morador do térreo pode subir os degraus para se encontrar com o residente do primeiro andar. Mas Deus não é simplesmente alguém que mora no céu: ele é o criador do universo inteiro, da terra e do céu, do tempo e do espaço assim como de cada um de nós. Nosso relacionamento com ele, portanto, se assemelha mais com o de Shakespeare e Hamlet. O que Hamlet sabe a respeito de Shakespeare? Só o que Shakespeare escreve sobre si mesmo na peça. Hamlet jamais conseguirá descobrir qualquer coisa sobre seu autor de nenhum outro modo. Da mesma forma, Lewis conclui, não podemos encontrar Deus apenas subindo a grandes alturas. Só saberemos sobre Deus se Deus escrever algo sobre si mesmo em nossa vida, em nosso mundo. E ele o fez.

Mas Deus não se limitou a nos dar informações. Alguém que fez algo semelhante ao descrito por Lewis foi sua amiga, a escritora Dorothy Sayers. Uma das primeiras mulheres a frequentar Oxford, ela escrevia ficção policial. Criou uma série de grandes romances conhecida como histórias de lorde Peter Wimsey. O personagem é um detetive aristocrático, solteiro e solitário. No meio da série, uma mulher alta, não muito atraente, chamada Harriet Vane surge nas histórias. Ela é uma das primeiras mulheres a frequentar Oxford e a escrever ficção policial. Harriet e Peter se apaixonam, casam-se e solucionam mistérios juntos. O que acontece aqui? Há quem especule que Dorothy Sayers olhou para o mundo que criara e seu personagem principal, enxergou sua dor, sua solidão, apaixonou-se por ele e adentrou a história só para salvá-lo.

Deus, como você pode ver, fez algo bastante parecido. Olhando para nosso mundo, o mundo que ele criou, viu que nos destruíamos e que o mundo se afastava dele. Isso encheu seu coração de dor (Gn 6.6). Ele nos amou. Viu-nos lutando para nos desembaraçarmos das armadilhas e da miséria que criamos para nós mesmos. Então ele adentrou nossa história. Jesus, o Deus-homem, nasceu em uma manjedoura para morrer sobre a cruz em nosso favor.

Veja quem é Jesus, como ele o ama e como veio para endireitar o mundo.

[1] Talvez o melhor livro para ler que cubra essas questões seja o de Richard Bauckham, *Jesus: a very short introduction* (Oxford, 2011). Bauckham faz um resumo dos trabalhos eruditos que sustentam cada um desses fatos: os Evangelhos são relatos confiáveis de testemunhas oculares, Jesus se entendia como divino e afirmava ser Deus, e a igreja cristã primitiva o adorou como tal de imediato. Em sua biografia, ele fornece vasto material de outras fontes. Uma delas, escrita pelo próprio Bauckham, é *Jesus and the eyewitnesses* [edição em português: *Jesus e as testemunhas oculares* (São Paulo: Paulus, 2011)] e a outra é a de Paul Barnett, *Finding the historical Christ* (Eerdmans, 2009).

[2] Veja Richard Bauckham, "The worship of Jesus in early Christianity", *Jesus and the God of Israel* (Eerdmans, 2009). Veja também Simon Gathercole, *The preexistent Son of God: recovering the Christologies of Matthew, Mark, and Luke* (Eerdmans, 2006).

[3] John Gerstner, *Theology for everyman* (Moody, 1965), p. 45.

QUATRO

A FESTA DE CASAMENTO

Vimos nos capítulos anteriores que Jesus veio a este mundo devido à condição obscura e arruinada em que o mundo se encontra. Contudo, neste capítulo quero meditar sobre *como* as coisas podem ser endireitadas. Sendo mais específico, de que maneira Jesus veio fazer isso.

O encontro agora envolve uma festa de casamento. Em João 2 lemos que Jesus, sua mãe e alguns de seus discípulos haviam sido convidados para um banquete particular na cidade de Caná. Culturas muito antigas e tradicionais davam ênfase bem maior à família e à comunidade que ao indivíduo. Encontrava-se sentido na vida não na realização pessoal, mas sendo bom marido ou esposa, filho ou filha, pai ou mãe. O propósito do casamento não era a felicidade de dois indivíduos acima de tudo, mas a união da comunidade e o início da próxima geração. Em outras palavras, a finalidade do casamento era o bem dos cidadãos. Quanto maiores, mais fortes e mais numerosas as famílias de uma cidade, melhor a economia, maior a segurança militar, maior a prosperidade para todos.

Isso tudo significava que os casamentos e as respectivas festas tinham importância muito maior do que hoje. Cada evento desses representava uma festividade pública para a cidade inteira, pois o casamento tinha a ver com a comunidade, não só com um casal. Ao mesmo tempo, era também o maior acontecimento da vida pessoal tanto da noiva quanto do noivo. Era o dia em que atingiam a maioridade e se tornavam membros adultos plenos da sociedade. Não surpreende, portanto, que as antigas festas de casamento durassem pelo menos uma semana.

A partir desse breve histórico, observamos que nosso texto se inicia de maneira abrupta, a partir de um grande desastre. Talvez ainda no primeiro ou segundo dia da festa, a família ficou sem vinho, o elemento mais importante em qualquer celebração da época. Basicamente, isso significava o fim da festa. Não se tratava de mera quebra de etiqueta, mas de uma catástrofe social e psicológica, ainda mais em uma cultura tradicional de honra e vergonha.

É uma ocasião de conflito entre Jesus e sua mãe:

> Três dias depois, houve um casamento em Caná da Galileia. E a mãe de Jesus estava ali; Jesus e seus discípulos também foram convidados para o casamento. E, tendo acabado o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm mais vinho. Jesus lhe respondeu:

> Mulher, que tenho eu contigo? A minha hora ainda não chegou. Então sua mãe disse aos atendentes: Fazei tudo o que ele vos disser. Perto dali havia seis talhas de pedra, usadas para as purificações dos judeus, e em cada uma cabiam entre oitenta e cento e vinte litros. Jesus lhes ordenou: Enchei de água as talhas. E eles as encheram completamente. Então lhes disse: Tirai agora um pouco e levai ao responsável pela festa. E eles assim fizeram. Quando o responsável pela festa provou a água transformada em vinho, não sabendo de onde viera, embora o soubessem os atendentes que haviam tirado a água, chamou o noivo e lhe disse: Todos servem primeiro o vinho bom e, quando os convidados já beberam bastante, servem o inferior; mas tu guardaste até agora o melhor vinho. Esse sinal, em Caná da Galileia, foi o primeiro que Jesus fez. Ele manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele (Jo 2.1-11).

A chave para entender o sucedido está no último versículo. Não o chamaram de simples milagre, mas de *sinal*. O sinal é símbolo ou significante de outra coisa. Jesus não precisava exercitar seu poder nessa situação, mas foi o que fez. Ao fazê-lo, esse sinal se tornou "o primeiro" por meio do qual "ele manifestou a sua glória" — sua verdadeira identidade — às pessoas. O fato de tê-lo feito dessa maneira é muito interessante.[1]

Considere esse o marco inicial da carreira de Jesus, do seu ministério público. Imagine-se como candidato a uma vaga de emprego, ou como empreendedor lançando uma marca, ou como um músico lançando seu primeiro CD importante. Seja qual for o caso, você escolherá sua primeira apresentação pública com enorme cuidado. Até os mínimos detalhes serão controlados, de modo que tudo que disser e fizer transmita a mensagem do que você pretende. Mas veja o cartão de visitas, por assim dizer, de Jesus. Não há ninguém morrendo, possuído por demônios ou passando fome. Por que Jesus resolveu que o significante por excelência de tudo que ele representava seria garantir a continuidade de uma festa? Por que seu primeiro milagre — um milagre importante, de acordo com João — usa poder sobrenatural para produzir vinho abundante e excelente para manter as festividades? Por que ele haveria de fazer uma coisa dessas?

Reynolds Price, eminente professor de literatura inglesa na Duke University durante muitos anos e romancista famoso, escreveu um livro interessante chamado *Three Gospels* [Três Evangelhos], no qual traduziu e analisou os Evangelhos de Marcos e João, redigindo em seguida uma versão própria da vida de Jesus. Na condição de especialista em literatura, ele argumenta que o Evangelho de João era uma obra não de ficção, mas, sim, escrita pela "mão de uma testemunha ocular atenta e lúcida dos atos e da mente de Jesus".[2] Uma das várias razões para tal conclusão é esse relato do primeiro milagre. Price questiona: "Por que arquitetar — como sinal inaugural da grande carreira de Jesus — uma solução milagrosa para um simples descuido social?".[3] Ninguém inventaria uma história dessas!

Ora, como já vimos, Price exagera um pouco. Para as pessoas inseridas nessa cultura, ficar sem vinho era bem mais que mero constrangimento social. Mesmo assim, apesar de toda a vergonha que a noiva e o noivo devem ter experimentado, não se tratava de uma situação de vida ou morte, portanto é possível sentir a força do questionamento de Price. O que esse gesto significou acerca do que Jesus veio fazer no mundo?

Primeiro, olhemos para o que Jesus trouxe a essa situação (e à nossa vida). No versículo 9, somos apresentados ao "responsável pela festa". Ele era basicamente um mestre de cerimônias, um coordenador. Sua função consistia em convocar as pessoas para celebrarem e certificar-se de que as condições dessa celebração estivessem todas em ordem. Ou seja: cabia a ele fazer uma grande festa.

Quando Jesus transforma a água em vinho e salva o dia, você entende o que ele está dizendo? De certa forma, é como se afirmasse:

— *Eu* sou o verdadeiro mestre de cerimônias do banquete. Eu sou o Senhor da Festa.

— Espere — alguém protesta. — Pensei que ele tivesse vindo para se humilhar, abrir mão da própria glória, em seguida ser rejeitado e ir para a cruz.

Tem razão, claro, mas, em certo sentido, Jesus está incluindo até essas perdas e sofrimentos terríveis no contexto.

— Sim — ele está dizendo — vou sofrer. — Sim, negarei a mim mesmo. Sim, haverá sacrifício; da minha parte primeiro e depois também da parte dos meus seguidores. Mas tudo isso é um meio para se atingir um fim: a alegria festiva! Tudo com o intuito de produzir ressurreição, novos céus e nova terra. O fim de todo mal, da morte e das lágrimas. Vocês conhecem as lendas dionisíacas da floresta em que jorram o vinho, a dança e a música? Isso não é nada comparado com a festa eterna que haverá no fim da história. E quem crer em mim terá em seu interior um rio dessa alegria, terá uma antecipação desta alegria, hoje. Amostra que terá profundo efeito consolador e refrescante nos momentos mais duros e áridos — como água viva. É o que vim trazer, em última análise. Eis o motivo de ser este o meu primeiro sinal".

De fato, a Bíblia com frequência usa a linguagem dos sentidos para discorrer sobre a salvação divina e até sobre o próprio Deus. No salmo 34, Davi, seu autor, diz aos leitores israelitas: "Provai e vede que o SENHOR é bom" (v. 8). Eles já não sabiam que o Senhor é bom? Sabiam, sim, mas, quando Davi os convida a "provar", quer que vão além da aquiescência mental a uma proposição, por verdadeira que ela seja. "Claro que vocês *sabem* que o Senhor é bom", Davi está dizendo, "mas quero que *provem* disso". Que o experimentem em profundidade.

Sou ministro presbiteriano. O fato de eu dizer "Jesus Cristo vem trazer alegria arrebatadora e profunda satisfação ao coração, não só depois, mas agora" pode parecer um pouco estranho para algumas pessoas. Os presbiterianos têm a reputação de ser fechados. Mas a Bíblia não me dá escolha. Você sabe o que ela fala sobre o último dia, no fim dos tempos? Jesus talvez estivesse pensando nisso naquele instante, no casamento. Em Isaías 25.6-8 está escrito: "Neste monte o SENHOR dos Exércitos dará a todos os povos um rico banquete, banquete de vinhos envelhecidos; de comidas gordurosas com tutano e de vinhos envelhecidos, bem puros. Neste monte ele destruirá o manto que cobre todos os povos e o véu que está sobre todas as nações. Aniquilará a morte para sempre, e assim o SENHOR Deus enxugará as lágrimas de todos os rostos e tirará de toda a terra a humilhação do seu povo; porque o SENHOR o disse".

Em *O senhor dos anéis*,[4] de J. R. R. Tolkien, quando Sam Gamji acorda, após ter sido resgatado do fogo da Montanha da Perdição, e vê Gandalf ainda vivo, percebe o que aconteceu. Ele diz: "Gandalf, pensei que estivesse morto. Mas também achei que eu estivesse morto. Tudo que é triste deixará de ser verdade?". A Bíblia inteira ensina que, no fim, Jesus fará basicamente isso. Não seremos transportados deste mundo para o céu, mas o céu descerá no fim dos tempos para renovar este mundo. Toda lágrima será enxugada. Em essência, tudo que é triste deixará de ser verdade. É o que ele veio fazer.

No grande romance *The brothers Karamazov*, de Fiodor Dostoievski, há uma cena em que duas pessoas conversam sobre o sofrimento. Ivan Karamazov discute a possibilidade de acharmos sentido no sofrimento, e eis o que ele diz:

> Acredito feito uma criança que o sofrimento será debelado e compensado, que todo absurdo humilhante das contradições humanas se desvanecerá como uma miragem deplorável, como a invencionice desprezível da mente do homem, impotente, euclidiana e infinitesimal, que no fim do mundo, no momento da eterna harmonia, algo tão precioso se dará que bastará para todos os corações, para o conforto de todos os ressentimentos, para a expiação de todos os crimes da humanidade, de todo o sangue derramado; que tornará não só possível perdoar como justificar tudo que aconteceu.[5]

Esse é o cristianismo de Dostoievski emergindo através de sua imaginação e perícia literárias. Ele afirma crer que no fim a realidade será tão extraordinária, a alegria tão incrível, a satisfação tão impressionante que a vida mais miserável dará a impressão (como diria Teresa de Ávila) de ter sido "como uma noite em um hotel ruim".

Jesus Cristo declara: "Sou o Senhor da Festa. No fim, venho trazer alegria. Por isso meu cartão de visitas, o meu primeiro milagre, foi feito para fazer todos rirem".

Isso nos mostra o que ele veio trazer; mas por que teve de fazê-lo? Observemos mais um detalhe nesse milagre. Jesus salvará os jovens noivo e noiva da gafe cometida, mas como realizará isso? Enchendo talhas usadas pelos judeus para a purificação cerimonial. Você sabe que o judaísmo do Antigo Testamento continha um grande número de ritos e regulamentos, que exigiam muitos e diversos modos de purificação e limpeza física, tudo com o intuito de chamar a atenção para nossa necessidade espiritual. Eles transmitiam de maneira vívida a ideia de que Deus é santo e perfeito e nós, falhos, e, assim, para estabelecermos uma relação com ele, há necessidade de expiação, purificação e perdão. Não podemos simplesmente entrar em sua presença. Por isso os judeus contavam com diversos ritos de purificação que chegavam até os sacrifícios de sangue. Essa era a utilidade usual das talhas.

Nesse ponto, devemos lembrar que a falta de vinho era mais que um simples constrangimento. Imagine quão profunda pode ser a humilhação se você envergonhar sua família em uma cultura de vergonha e honra. No Ocidente individualista de hoje em dia não compreendemos muito bem essa dinâmica. Todavia, aqueles jovens estavam certamente sob a ameaça de enfrentar a vergonha e a culpa públicas. Jesus Cristo os salva de tudo isso. E, ao utilizar as talhas normalmente empregadas para a purificação cerimonial, revela ter vindo ao mundo realizar *de verdade* aquilo para o que apontavam as leis cerimoniais e sacrificiais do Antigo Testamento. Como assim?

No capítulo 2, falei da ideia de pecado. Sei que o termo nos aborrece, e é natural nos contorcermos quando um ministro toca no assunto, mas não podemos entender a alegria que Jesus trará a menos que entendamos o pecado. Precisamos compreender que estamos manchados, que devemos ser purificados, que temos culpa e vergonha, que necessitamos ser salvos do pecado, em vez de enganados de modo a acreditar que ele não existe. Permita-me ser direto e pessoal. A verdade é que, no fundo, você sabe que existe mesmo alguma coisa errada em sua vida. Por que trabalha tanto? Por que precisa estar certo o tempo todo? Por que se preocupa tanto com sua aparência? Porque você sabe que algo está errado e tenta se purificar, se justificar, encobrir a culpa.

Lembra-se do primeiro filme do Rocky? Logo antes da grande luta com o campeão peso pesado Apollo Creed, Rocky, deitado ao lado da namorada, Adrian, diz que não precisa vencer de verdade a luta, basta se manter de pé até o fim. E explica:

> Só quero provar uma coisa: não sou nenhum vagabundo [...] Não importa se perder [...] Não importa se ele abrir minha cabeça [...] A única coisa que eu quero é ir até o fim, mais nada. Ninguém nunca aguentou quinze *rounds* contra o Creed. Se aguentar os quinze, e o sino soar, e eu continuar de pé, então vou saber que eu não era só mais um vagabundo do bairro.

No seu caso, proponho o seguinte: um dos motivos pelos quais você acalenta todos esses sonhos de trabalhar muito para parecer bem, se sair bem e alcançar coisas é por estar tentando provar para si mesmo e para todo o mundo, até para quem talvez nem esteja mais por perto, que não é um vagabundo.

Ou lembre-se de Harold Abrahams, do filme *Carruagens de fogo*. O que o levava a ser o melhor na corrida de cem metros? Pouco antes da última delas, Harold afirma: "Vou erguer os olhos e ver toda a extensão do corredor [...] Serão dez segundos solitários para justificar toda a minha existência". Ele está apenas sendo sincero acerca de algo que muitos de nós não querem enfrentar com sinceridade. Não queremos só nos dar bem. Não queremos só contribuir com a sociedade. Não queremos só deixar nossa marca. No fundo, sentimos — na verdade até sabemos — que de alguma forma somos vagabundos. Outro modo de dizer a mesma coisa, se preferir uma imagem bíblica, é voltando a Gênesis, quando Adão e Eva comem a maçã, afastam-se de Deus e se sentem nus na mesma hora. Eles percebem que precisam se cobrir, que não podem deixar nem o próprio Deus ver como eles são. Então colocam folhas de figueira sobre o corpo. Considere a possibilidade de seu sucesso na vida ser apenas uma grande folha de figueira. Considere o fato de que, no fim, ela nunca será suficiente para cobrir o que sabe estar errado com você.

Tenho plena convicção de que sabemos da nossa necessidade de ser lavados, inclusive aqueles entre nós que tanto se incomodam com a ideia do pecado. É desagradável expressar isso de forma tão enfática, mas há mais egocentrismo e pecado em nós do que desejamos acreditar. Há muita coisa que você preferiria negar, teológica e filosoficamente. Ah, você diz: "Sou humanista, não creio que os seres humanos sejam inerentemente maus". Mas, se já viveu tempo bastante e for honesto o suficiente consigo mesmo, aprenderá sem sombra de dúvida que há coisas em seu coração que o corroerão por dentro e até o chocarão. "Não sabia que eu era capaz de uma coisa dessas", você dirá.

O problema, na verdade, é que todos somos capazes dessas coisas. Adolf Eichmann, um dos arquitetos nazistas do Holocausto, fugiu para a América do Sul depois da Segunda Guerra Mundial. Foi então capturado em 1960 e levado para Israel a fim de comparecer em juízo. Julgado, declararam-no culpado e executaram-no. Mas houve um incidente muito interessante durante o julgamento. Precisavam encontrar testemunhas que o tivessem visto cometer os terríveis crimes contra a humanidade de que o acusavam. Precisavam achar quem o tivesse visto participar das atrocidades nos campos de morte. Uma dessas testemunhas materiais foi um homem chamado Yehiel De-Nur, que, chamado a depor, viu Eichmann dentro da cabine de vidro e não aguentou, caindo no chão em prantos. Um pandemônio se armou. O juiz brandia o martelo pedindo ordem. Foi dramático.

Algum tempo depois, Mike Wallace, do programa de televisão *60 minutes*, entrevistou De-Nur. Wallace lhe mostrou o vídeo em que ele caía e quis saber por que aquilo acontecera. Ele se sentira sufocado por lembranças dolorosas? Ou pelo ódio? Por isso desmoronara? De-Nur respondeu que não — e em seguida disse algo que deve ter chocado Wallace e que deveria fazer o mesmo com quase todos os habitantes secularizados do Ocidente. Disse que fora dominado pela constatação de que Eichmann não era um demônio, mas um ser humano comum. "Temi por mim mesmo [...] Vi que sou capaz de fazer a mesma coisa [...] Exatamente como ele".[6]

Pode-se optar por dizer que os nazis eram sub-humanos, que não se pareciam nada conosco e que não somos capazes de fazer o que eles fizeram. Mas há sérios problemas com essa visão. Nesse capítulo inteiro da história, o mais assustador não são os poucos arquitetos malignos individuais, mas a cumplicidade do grande número de pessoas de todas as esferas de uma sociedade que produzia muito da melhor erudição, ciência e cultura do mundo. Isso impossibilita desconsiderarmos toda a época como obra de meia dúzia de monstros isolados. Além disso, chamar os nazistas de "sub-humanos" ou "diferentes de nós" na verdade significa adotar o mesmo raciocínio que os conduziu a suas atrocidades impensáveis. Eles também achavam que determinadas classes de pessoas eram sub-humanas e inferiores. Você está preparado para negar a humanidade compartilhada com eles? Quer dar o mesmo passo que eles deram? A grande maioria dos nazistas e de milhões de pessoas conduzidas por eles não era composta por monstros com presas. Hannah Arendt, observando Eichmann durante o julgamento, relatou à *The New Yorker* que de modo algum ele era um psicopata. Ele não demonstrava a menor raiva ou rancor. Em vez disso, era um homem comum com vontade de construir uma carreira. Arendt deu a isso o nome de "a banalidade do mal". O mal se esconde no coração de todos os seres humanos bastante comuns.

Então seria mais honesto dizer: "De algum modo sou igual àqueles que praticaram coisas terríveis. Sou feito da mesma matéria humana. Deve haver algo dentro de mim, bem lá no fundo, capaz de grande crueldade e egoísmo, e não quero ver o que é". Jesus, é claro, sabe que isso está lá dentro. "... muitos [...] creram no seu nome. Mas o próprio Jesus não se confiava a eles, porque conhecia todos [...] pois ele bem sabia o que é o ser humano" (Jo 2.23-25). Embora o egocentrismo e o pecado do nosso coração não tenha levado a maioria de nós a cometer atos visivelmente criminosos de violência e crueldade, ainda assim trouxe sofrimento às pessoas a nossa volta e nos tem impedido de servir ao Deus que nos criou e a quem devemos tudo. Jesus veio nos lavar disso, purificar-nos do que há de errado conosco, espiritualmente falando.

Afinal, como Jesus produz essa cura, essa purificação, esse perdão? Chegamos aqui ao cerne narrativo da passagem. Maria o avisa de que acabou o vinho da festa. É possível, mas improvável, que ela lhe fale no meio de outras pessoas. Maria pode não saber exatamente quem é Jesus, mas sabe que seu filho não é um homem comum. Lembra-se dos anjos, naturalmente. Como não? E desconhecemos o que mais ela ouvira ou vira nele desde o nascimento.[7]

Portanto, ela lhe narra o problema. Ao que Jesus responde: "Mulher, por que você quer me envolver nisso?". Parece um jeito bastante frio de se dirigir à própria mãe. Às vezes, em uma passagem como essa, a tradução é imprecisa em nossa língua, e você acaba fazendo uma leitura um pouco diferente do que diz

o srcinal. Neste caso, todavia, os comentaristas nos contam que Jesus foi mesmo de uma insensibilidade incomum ao falar com a mãe, mais ainda naquele tipo de sociedade orientada para a família. O que acontece? Sabemos, pelo restante dos relatos do Evangelho, que Jesus não se irrita com facilidade. Não diz coisas de que se arrependa. Mesmo sob tortura, nunca profere uma palavra áspera ou com raiva, de modo que não se trata apenas de mau humor. Alguma coisa pesa demais sobre ele. E então ele nos revela o que é: "Minha hora ainda não chegou".

Ora, se ler o livro de João com todo cuidado, você descobrirá que Jesus se refere a sua "hora" diversas outras vezes, sempre se referindo à ocasião da própria morte. Sua hora é o instante em que ele morre na cruz. Ciente disso, você entende agora por que essa troca de palavras leva a uma falsa conclusão?

Maria diz: "Que desastre. Ficaram sem vinho". Ao que Jesus responde: "Por que está me contando isso? Não estou pronto para morrer". O quê?

É muito improvável que Maria soubesse o significado de "minha hora". Portanto, só sabe que o filho lhe dá uma resposta emocional, brusca, enigmática e um tanto ofensiva. Mas não discute nem pede explicações, tampouco se afasta desgostosa como faria a maioria dos pais. Lembra-se do que os anjos lhe disseram, de modo que procura os atendentes da festa e orienta: "O que ele lhes mandar fazer, seja o que for, façam".

Mas o que passa pela cabeça de Jesus? Por que ele relaciona um simples pedido de vinho com a hora da sua morte? Bem, pense no simbolismo. O milagre será um sinal do que ele veio fazer. Na cabeça dele, o que o vinho representa? O que falta na cena e é necessário para transformar vergonha em alegria? Sabemos que é o vinho, porque ele cria o vinho nas talhas reservadas à purificação e limpeza.

Entenda bem. Jesus faz essa declaração enigmática como se enxergasse muito longe, além de sua mãe, da noiva e do noivo, além até de toda a cena do casamento. Ele enxerga outra coisa. Pensa: "Sim, posso trazer alegria festiva a este mundo; posso purificar a humanidade da culpa e da vergonha. Vim ao mundo trazer alegria, mas, ó, minha mãe. Terei de morrer para isso".

Na verdade, acho que pode haver mais do que isso passando por sua cabeça. No Antigo Testamento, Deus deseja nos mostrar que ele não quer se relacionar conosco apenas como um rei se relaciona com os súditos, mas como um noivo se relaciona com sua noiva. Quer um relacionamento de amor conosco, tão profundo quanto o relacionamento entre marido e mulher. Com frequência, nas Escrituras hebraicas, Deus se apresenta como noivo de seu povo. Em determinado momento do Evangelho de João, no Novo Testamento, os discípulos são criticados por não jejuarem, e Jesus questiona: "... Acaso os convidados para o casamento podem jejuar enquanto o noivo está com eles...?" (Mc 2.19). Viu isso? Jesus chama a si mesmo de noivo! Faz isso tendo plena consciência de que, conforme as Escrituras, só o Criador, o Deus do universo, é marido de seu povo. Como escritor, João desenvolve bastante esse tema; no livro do Apocalipse, o último do Novo Testamento, ele descreve o fim de todas as coisas da seguinte maneira: "Vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, enfeitada como uma noiva preparada para seu noivo" (Ap 21.2). "E me disse: Escreve: Bem-aventurados os que são chamados à ceia das núpcias do Cordeiro!..." (v. 19.9). Em outras palavras, no fim dos tempos haverá uma festa para

encerrar todas as festas. Não será um simples banquete genérico, mas uma festa de casamento celebrando enfim a união íntima e permanente de pessoas que se amam. E assim termina a história; isso é o que Jesus veio realizar. Nós, a noiva, o povo a quem Cristo amou, por fim nos uniremos a ele. O amor mais arrebatador de marido e mulher na terra não passa da mais leve insinuação e eco dessa realidade cósmica futura.

As Escrituras do Antigo Testamento estão absolutamente saturadas de Jesus, que se identifica como o Grande Noivo, embora todo o seu trabalho ainda esteja por fazer. De repente, então, ele se vê em uma festa de casamento. Sobre o que pensam os solteiros nos casamentos? Por que costumam ficar sentados nesse tipo de recepção com um olhar estranho, distante? Enxergam muito além da noiva e do noivo diante de si, contemplando como será o dia do próprio casamento! Talvez seja isso que Jesus está fazendo. Talvez ele pense no próprio casamento, cheio de alegria infinita e total pavor ao mesmo tempo. Assim, vamos parafrasear o que ele diz mais uma vez: "Mãe, para ter *o meu* povo em *meus* braços, precisarei morrer. Para que meu povo beba o cálice da alegria e da bênção festiva, terei de beber o cálice da justiça, do castigo e da morte".

Portanto, eis a resposta para a questão final. Como Jesus trará nossa alegria? Perdendo a dele por completo. Deixando com o Pai sua existência celestial. Levando uma vida solitária e incompreendida. Indo para a cruz e morrendo em nosso lugar.

Muita gente diz: "Não gosto de igreja e não aceito a doutrina cristã. Não acredito no inferno, na ira de Deus, na expiação pelo sangue, em nada disso. Mas gosto muito de Jesus. Veja como ele ama as pessoas, como se doa para elas. Se todos o imitassem e seguissem seus ensinamentos, o mundo seria um lugar melhor". Os problemas com essa perpspectiva, por comum que ela seja, são muitos e profundos. Se Jesus pensava na própria morte durante uma festa de casamento, significa que ela não lhe saía da cabeça quase nunca. Ele *não* veio para ser um bom exemplo acima de tudo. E fico contente por isso. Sabe por quê? Porque Jesus é bom demais! Ele é tão perfeito que, como exemplo, esmaga-nos no chão. Qualquer um que de fato procure fazer dele um exemplo de vida real, que preste atenção aos detalhes do seu caráter e prática, ficará desesperado. Ele está infinitamente acima de nós, portanto comparar-nos a ele só fará moer nossas aspirações genuínas à excelência moral, convertendo-as em desesperança.

No entanto, vemos aqui que ele não veio para nos dizer como nos salvamos, mas para nos salvar. Veio para morrer, derramar seu sangue, tomar o cálice da maldição e do castigo a fim de que possamos erguer o da bênção e do amor.

Essa centralidade da morte de Jesus é uma percepção importantíssima para o entendimento dos Evangelhos. O mesmo acontece com o significado e o propósito da morte de Jesus, ou seja, a substituição. Ao escolher talhas cerimoniais, Jesus sinalizava algo que o livro de Hebreus elucida em um longo trecho: ele cumpriu todo o sistema sacrificial do Antigo Testamento. O tabernáculo e o templo, o véu, a câmara interna chamada Lugar Santíssimo — no coração desse sistema havia um sacrifício de sangue. Por quê? Porque sou pecador e o pecado requer punição. Algo que expie meu pecado. Que morra em meu lugar. Tantos séculos em que animais foram mortos suscitam a seguinte pergunta: como pode um cordeiro tomar o lugar de um homem? Contudo, quando João Batista vê Jesus pela primeira vez, declara:

"... Este é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo". Em outras palavras, João constata que os cordeirinhos não tinham como levar nossos pecados embora, e não o fizeram. Mas apontavam para Aquele verdadeiramente inocente e imaculado, Jesus, o qual de fato leva embora nossos pecados. Jesus Cristo veio para morrer em nosso lugar e receber nosso castigo.

Muitas pessoas reagem a isso dizendo: "Que coisa mais horrível. Lá vem você, levando-nos de volta para os deuses sedentos por sangue da antiguidade". Veja a *Ilíada*; lá está Agamenon tentando chegar a Troia. Não consegue. Por isso sacrifica sua filha aos deuses. Que dizem: "Ah, está bem. Isso abrandará nossa ira contra você, Agamenon. Agora lhe daremos ventos a favor". É a esse tipo de coisa que a Bíblia se refere?

Quando nós, indivíduos contemporâneos, ouvimos falar em Jesus Cristo vindo aqui para morrer e em seus seguidores invocando a ira de Deus, temos a impressão superficial de tratar-se apenas de mais uma religião primitiva envolvendo muita mortandade e sacrifício. Todavia, isso é uma interpretação errônea do evangelho. Se Jesus Cristo é quem afirma ser — o Criador do universo que veio em carne —, então o que temos de fato na cruz é o próprio Deus descendo à terra e pagando o preço final com sua própria vida. Ele não nos obriga a pagá-lo; ele mesmo salda a dívida. Alguns têm chamado isso de "autossubstituição divina".

Isso lhe parece ilógico? Pense no assunto em termos de sua própria experiência de perdão. Digamos que alguém bate sem querer em um abajur seu e o quebre. A pessoa então se desculpa: "Sinto muito. Permita-me compensar a perda. Deixe-me substituir o abajur". Você então precisa escolher como reagirá. Pode dizer: "Sim, obrigado". Você pode deixar que ela pague. Ou pode dizer: "Não, nem pense nisso" e perdoar. Mas, mesmo que perdoe, o problema não terá sido resolvido. Você precisa ou substituir o abajur ou ficar sem ele. Em outras palavras, ou a pessoa que quebrou paga pelo abajur ou a conta ficará para você. A dívida não desaparece simplesmente. Alguém terá de pagar. Se tiver muito dinheiro, talvez seja fácil para você tranquilizar a pessoa: "Não se preocupe com isso, não foi nada". Mas, se não for esse o caso e o abajur tiver passado por várias gerações até chegar a você, dar essa resposta pode ser bem mais difícil.

É possível tornar a experiência mais complicada. Se alguém ofende sua reputação — prejudicando-o de verdade —, o que você faz? Uma reação possível é procurar as pessoas diante de quem você foi difamado e, em troca, arruinar a reputação do seu agressor. Olho por olho, dente por dente. Em outras palavras, você o faria pagar. Mas também pode perdoá-lo. Se fizer isso, absorve a dívida. Deixa-se humilhar perante determinadas pessoas. Abre mão do direito de arruinar-lhe a reputação. Resumindo, você sofre. É impossível perdoar uma dívida de verdade sem assumi-la para si.

Em tudo isso refletimos um pouco da natureza de Deus. Na condição de justo e santo, ele não pode simplesmente olhar para nós aqui embaixo e comentar: "Vejam só vocês, arruinando a vida uns dos outros, destruindo minha criação, destruindo uns aos outros. Vou simplesmente deixar passar". Deus não pode fazer a dívida desaparecer por força de um desejo, e não porque não o ame o suficiente. Na verdade, é justamente o contrário. Deus é tão santo que teve de vir na forma de Jesus Cristo e morrer para pagar a dívida, mas é tão amoroso que ficou feliz em vir e morrer por você.

Agora quero lhe propor a seguinte pergunta: o que há de ofensivo na ideia do sacrifício substitutivo? O que há de errado na essência desse conceito? Na minha opinião, nada. Não existe história mais emocionante do que a de alguém que abre mão voluntariamente de alguma coisa de vital importância em prol de outros. Não há alegria que enterneça mais o coração do que saber que alguém se sacrificou por você. Em *A tale of two cities*,[8] Sydney Carton e Charles Darnay amam a mesma mulher, mas ela se casa com Charles. No fim do livro, Charles é preso e atirado em um calabouço. Sua execução é marcada para o dia seguinte. Ele tem uma esposa e um filho, mas morrerá em 24 horas. Sydney, que se parece bastante com Charles, entra sorrateiro na prisão e, com um golpe, deixa o rival inconsciente. Faz então com que amigos o levem para um lugar seguro, veste as roupas do outro e fica ali para morrer em seu lugar.

Mais à frente, somos apresentados a uma frágil costureira, também encarcerada, a caminho da guilhotina. Ela se aproxima do homem que pensa ser Charles e lhe pede que a conforte, até constatar que não é ele. Seus olhos se arregalam e ela sussurra:

— Você vai morrer por ele?

Fazendo-a calar-se, o homem responde:

— E pela esposa e filho dele.

Tendo lhe pedido anteriormente que a confortasse, ela suplica de novo:

— Ah, estranho, você me deixaria segurar essa mão valente?

Ela se sente aquecida do frio e fortalecida contra a morte pela simples ideia do sacrifício substitutivo que nem era para ela. Como sua vida seria transformada se você passasse a crer que Jesus Cristo fez isso pessoalmente por você? Foi o que ele veio trazer a todos. E é assim que ele o fez: por meio do sacrifício substitutivo, não só para libertá-lo da culpa, mas para que no fim dos tempos você caia em seus braços e seja seu cônjuge, para que ele possa amá-lo e aperfeiçoá-lo.

Permita-me apresentar algumas ideias práticas. Primeiro, toda vez que Deus escolhe uma metáfora para nos ajudar a enxergá-lo melhor, ela também mostra como ele nos enxerga. Se Jesus é como um noivo para nós, se você se entregar a ele pela fé, isso significa que ele deve se deleitar de verdade em você. Toda vez que Deus escolhe uma imagem para si, está dizendo algo acerca de nós. Você sabe como o noivo vê a noiva que atravessa o corredor da igreja? Ela usa as mais belas roupas e joias e, quando ele põe os olhos nela, sente-se absolutamente encantado. Quer lhe dar o mundo. Como Jesus Cristo ousa usar uma metáfora como essa, evocando uma experiência humana tão poderosa? Será que é porque é assim que ele ama os que são seus? Será que é porque ele se deleita em você dessa maneira? Sim, isso mesmo. Como sua vida seria diferente se você vivesse minuto a minuto na consciência existencial dessa verdade?

Segundo, lide com o presente olhando para o futuro. Anos atrás, ouvi Edmund Clowney pregar um sermão sobre esse texto. Ele refletia sobre o fato de que, no meio de toda a alegria da festa de casamento, enquanto as pessoas bebiam vinho, Jesus de certa forma provava o gosto amargo da morte que tinha à sua frente. Mas nós não precisamos fazer a mesma coisa. O dr. Clowney coloca a questão do seguinte modo: "Jesus se colocou no meio de toda a alegria da festa do casamento e sorveu a dor que se aproximava para que hoje você e eu, os que nele cremos, possamos nos colocar no meio de toda a dor do mundo e sorver a alegria que se aproxima". É possível encontrarmos grande estabilidade devido à alegria que se aproxima,

a festa do Cordeiro. Toda vez que participa da ceia do Senhor pela fé, você saboreia uma prévia dessa festa incrível. Mesmo que neste exato momento você se encontre em meio à dor, beba da alegria que se aproxima. Só existe um amor, uma festa, uma coisa capaz de realmente dar a seu coração tudo aquilo de que ele necessita, e está tudo a sua espera. Sabendo disso, você tem algo que o capacita a enfrentar qualquer coisa.

[1] "João prefere o termo simples 'sinal': os milagres de Jesus nunca são meramente demonstrações cruas de poder, menos ainda truques benfeitos de ilusionismo para impressionar as massas, mas sinais, demonstrações significativas de poder apontando para além de si mesmos, para as realidades mais profundas que poderiam ser percebidas com os olhos da fé." D. A. Carson, *The Gospel according to John* (Grand Rapids: Eerdmans, 1991), p. 175.

[2] Reynolds Price, *Three Gospels* (New York: Scribner, 1996), p. 132.

[3] Ibidem, p. 137.

[4] J. R. R. Tolkien, *O senhor dos anéis* (São Paulo: Martins Fontes, 2003).

[5] Fyodor Dostoyevsky, *The brothers Karamazov* (Raleigh: Hayes Barton Press, 1963), p. 220 [edição em português: Fiodor Dostoievski, *Os irmãos Karamazov* (São Paulo: Editora 34, 2009)].

[6] Da transcrição de *60 minutes*, vol. 15, n. 21, February 6, 1983, citado em Charles Colson; Ellen S. Vaughan, *The body* (Word, 1992), p. 188.

[7] Veja Lucas 2.41-52.

[8] Edição em português: Charles Dickens, *Um conto de duas cidades* (São Paulo: Estação Liberdade, 2010).

CINCO

O PRIMEIRO CRISTÃO

No capítulo anterior, vimos como Jesus conserta o que deu errado com o mundo. Agora veremos como devemos reagir ao que ele fez, o que nos coloca diante do aspecto mais fundamental do relacionamento com Cristo: a fé. Seja para onde for que nos voltemos na Bíblia, lemos que todos os discernimentos, dons e consolações que Deus pode nos dar por intermédio de Cristo nos chegam pela fé. No entanto, há uma grande confusão acerca até mesmo do significado da fé cristã. Para compreender melhor esse conceito crucial, vamos dar uma olhada em outro encontro de Jesus Cristo narrado no Evangelho de João:

> No primeiro dia da semana, estando ainda escuro, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada e viu que a pedra havia sido removida. Então, correu ao encontro de Simão Pedro e do outro discípulo, a quem Jesus amava, e disse-lhes: Tiraram do sepulcro o Senhor, e não sabemos onde o puseram. Então Pedro e o outro discípulo saíram e foram ao sepulcro. E os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro. Abaixando-se, viu os panos de linho deixados ali, mas não entrou. Chegando Simão Pedro, que o seguia, entrou no sepulcro e viu os panos de linho deixados ali. Viu também que o lenço, que fora colocado sobre a cabeça de Jesus, não estava com os panos, mas dobrado em lugar à parte. Então o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, também entrou, viu e creu. Porque ainda não entendiam a Escritura, segundo a qual era necessário que ele ressuscitasse dentre os mortos. Então os discípulos voltaram para casa. Maria, porém, ficou em pé, chorando diante do sepulcro. Enquanto chorava, abaixou-se para olhar para dentro e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. E eles lhe perguntaram: Mulher, por que choras? Ela respondeu: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. Ao dizer isso, ela se virou para trás e viu Jesus em pé, mas não o reconheceu. Jesus lhe perguntou: Mulher, por que choras? A quem procuras? Pensando ela que fosse o jardineiro, respondeu-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. Então Jesus lhe disse: Maria! Virando-se, ela lhe disse na língua dos hebreus: Raboni! (que significa Mestre). E Jesus disse-lhe ainda: Não me segures, pois ainda não voltei para o Pai. Mas vai a meus irmãos e dize-lhes que estou voltando para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus. E Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: Vi o Senhor! E relatou as coisas que ele lhe dissera (Jo 20.1-18).

Com a primeira parte dessa passagem aprendemos que a fé cristã é ao mesmo tempo impossível e racional. O que quero dizer com isso? Não quero dizer que seja impossível ter a fé cristã. Mas que, em nosso atual estado de sensibilidade espiritual e moral imperfeitas, ninguém traz em si a capacidade de produzir uma fé vibrante em Cristo. Portanto, a fé é impossível seja para qualquer pessoa sem uma intervenção ou ajuda externa.

Eis como a passagem comunica essa verdade. Precisamos ter sempre em mente que Jesus falara inúmeras vezes a seus discípulos sobre a própria morte e ressurreição ao terceiro dia. Isso impressiona ainda mais no Evangelho de Marcos. No capítulo 8, ele diz da necessidade de que "o Filho do homem [...] fosse morto e depois de três dias ressuscitasse" (v. 31). Depois, no capítulo 9, afirma: "... O Filho do homem será entregue [...] o matarão; e depois de três dias ressuscitará" (v. 31). De novo, no capítulo 10: "... o Filho do homem será entregue [...]. Eles [...] irão [...] matá-lo. Depois de três dias, ele ressuscitará" (v. 33,34). Essa declaração de Jesus era tão conhecida que seus inimigos a ouviram e posicionaram uma guarda junto ao seu túmulo (Mt 27.62-66).

Todavia, apesar desses avisos, quando chega ao sepulcro de Jesus e vê a pedra rolada, Maria Madalena volta correndo na mesma hora e diz: "Levaram o corpo dele". Ela devia tê-lo ouvido prever a própria ressurreição com a mesma frequência que todos os demais. Por que então, ao ver o túmulo vazio, ela não raciocina: "Ah! Ele disse que ressuscitaria! Será possível?". Não. Isso nem lhe passa pela cabeça.

Mais adiante voltarei aos motivos específicos por que todos esses judeus do primeiro século estariam convencidos da impossibilidade de uma ressurreição e de que Jesus não poderia retornar dos mortos. Por ora, gostaria de voltar um pouco atrás e me dedicar à questão mais ampla que a narrativa expõe de que a crença na pessoa e na obra de Cristo não é natural para ninguém. Alguns teólogos chamam isso de "inaptidão". Talvez você saiba que diferentes tradições teológicas do cristianismo têm pontos de vista um tanto diversos em relação a até que ponto somos capazes de responder a Deus. No entanto, todas concordam que não conseguimos produzir fé salvadora em Jesus *exclusivamente* por nossa própria capacidade. Todas as provas convincentes a favor do cristianismo podem ser expostas diante de nós. A mensagem pode ser a mais clara possível. O fato é que existe em cada ser humano uma cegueira espiritual inata. Não conseguimos enxergar a verdade. Somos incapazes de conectá-la a nós mesmos. Como Prova de Acusação A, testemunhamos aqui o resultado do maior ato de redenção da história: Deus destruindo o poder do pecado e da morte através da ressurreição de Jesus Cristo. E isso acompanhado dos meses e anos em que Jesus ensinou sobre esse acontecimento e seu significado. No entanto, temos aqui Maria com os olhos fitos nele — no sepulcro vazio —, incapaz de "ver". Ela não consegue processar o que aconteceu de jeito nenhum. Portanto, a fé é impossível sem a intervenção sobrenatural do próprio Deus.

Thomas Nagel, eminente filósofo norte-americano, há alguns anos escreveu um livro intitulado *The last word*[1] sobre epistemologia, o estudo de como sabemos o que sabemos. Nagel, que se considera um ateu secular, diz que a crença em Deus deixa as pessoas nervosas devido ao "medo de religião". "Quando falo em medo de religião", escreve ele, "não me refiro à hostilidade perfeitamente razoável para com determinadas religiões estabelecidas e instituições religiosas, em virtude de suas políticas sociais, doutrina moral e influência política repreensíveis". Em outras palavras, ele argumenta, as pessoas têm todo direito de odiar a igreja por causa daquilo em que ela crê e pela maneira como se comporta. Mas, em seguida, ele afirma: "Em vez disso, refiro-me a algo muito mais profundo [em nós]: o medo da

religião em si. Falo por experiência própria, estando eu mesmo fortemente submetido a esse medo". Por fim, conclui:

> Quero que o ateísmo seja verdadeiro e incomoda-me o fato de algumas das pessoas mais inteligentes e bem informadas que conheço serem crentes religiosas. Não apenas por não crer em Deus e, claro, nutrir a esperança de estar certo em minha convicção, mas por esperar que não exista Deus nenhum! Não quero que haja um Deus; não quero que o universo seja assim. Suponho que o problema de autoridade cósmica não seja uma condição rara [...] Fico curioso [...] em saber se existe alguém indiferente de verdade à existência ou não de um Deus.

Todos sabemos que razões emocionais e psicológicas podem nos levar a acreditar em Deus. Na verdade, muitos céticos defendem em algum momento a ideia de que crer em Deus nada mais é que uma forma intensa de satisfação do desejo. Mas raras vezes as pessoas chamam a atenção para o fato de que todos temos enormes razões emocionais e psicológicas para *des*acreditar em Deus. Como assim? Ao deparar com um livro como a Bíblia ou com uma mensagem como a do evangelho, qualquer um vê muito depressa que, se eles forem verdadeiros, perde-se o controle sobre a condução da própria vida. Quem consegue se declarar objetivo e neutro acerca *dessa* proposição? Thomas Nagel reconhece isso com toda sinceridade. Sabe que não pode dizer: "Sou absolutamente objetivo e indiferente ao procurar evidências de Deus, apenas não as tenho em quantidade suficiente". Espero que você perceba ser impossível alguém fazer tal afirmação com integridade. Todos temos camadas profundas de preconceito operando contra a ideia de um Deus santo capaz de nos fazer grandes exigências. Se não reconhecer isso, você jamais se aproximará da objetividade. Jamais.

Digamos que você é juiz e de repente lhe apresentam um caso envolvendo uma empresa da qual você possui ações. O veredito terá um impacto enorme no preço dessas ações. Será que lhe permitiriam, ou você mesmo se permitiria, atuar no caso? Não, porque não conseguiria ser objetivo sabendo que, se a decisão pendesse para determinado caminho, você perderia todo o seu dinheiro. Portanto, a lei requer que você se declare incompetente para julgar o caso. Este é o problema: com o cristianismo, estamos todos nessa exata posição. No momento de decidir se as afirmações que ele faz estão certas ou erradas, você tem ao menos algum interesse pessoal em que estejam erradas. Contudo, não pode se declarar incompetente; só lhe resta procurar as evidências. Assim, gostaria de sugerir algumas maneiras de lidar com o dilema.

Antes de mais nada, duvide de suas dúvidas. Seja cético acerca do próprio ceticismo. Por quê? Porque você precisa perceber que não é totalmente objetivo. Quem sabe você tenha um pai ou uma mãe bastante religiosos de quem não gosta muito. Ou pode ser que você tenha tido uma experiência ruim com um grupo incoerente e insensível de cristãos. Além disso, como observamos, poucas pessoas são capazes de considerar a possibilidade de abrir mão da liberdade sem um certo preconceito contra a ideia. Você receia que as declarações do cristianismo sejam verdadeiras — tudo bem. Se formos sinceros, todos nós receamos. Você nunca será imparcial em relação às evidências se não admitir ser impossível atingir a imparcialidade perfeita. Então o que deve fazer em relação a isso? Para começar, poderia ir mais devagar, a fim de não ter tanta pressa de chegar a conclusões céticas. Também deveria reconhecer que, se verdadeiro, o cristianismo não é apenas um conjunto de princípios racionais e filosóficos a ser adotados,

e sim um relacionamento pessoal no qual se envolver. Portanto, para levar a sério pelo menos a possibilidade de que ele seja verdadeiro, por que não considerar a possibilidade de orar? Por que não dizer: "Deus, não sei se o senhor está por aí, mas sei o que é preconceito e estou disposto a desconfiar dele. Portanto, se o senhor estiver por aí e se eu for preconceituoso, ajude-me a vencer o problema". Quebre o gelo entre você e Jesus; fale com ele. Ninguém precisa saber que você está fazendo isso. Se não estiver disposto a dar esse passo, imagino que não esteja disposto a admitir o preconceito com o qual todos começamos.

Muitas pessoas, porém, têm o problema contrário: vivem com uma ansiedade excessiva em relação a ter fé suficiente. Preocupam-se demais com as próprias dúvidas. É comum as pessoas me dizerem: "Tenho interesse e motivação para ser cristão, mas receio que meus motivos não sejam certos". Ou: "Não sei ao certo se tenho fé suficiente para me tornar cristão". Pensam que a fé depende de estarem com a mente e o coração em condições adequadas. No fim, como o primeiro grupo, cometem o erro de confiar demais em si mesmas. Não enxergam o que essa passagem bíblica ensina: você não é capaz de crer sem ajuda externa, sem a intervenção de Deus, sem Jesus vindo para ajudá-lo, como ajudou Maria, apesar de toda sua consternação. Veja bem, Maria não creu até Jesus ir ao seu encontro. Estava agitada, em pânico, chorando, incapaz de enxergar Jesus bem diante dos seus olhos. Mas ele desanuvia sua mente e lhe transmite segurança ao coração. Você também necessitará dessa ajuda pessoal, portanto peça-a para ele. Na verdade, estar preocupado quanto a encontrar fé em Jesus pode ser um sinal de que ele já o está ajudando a chegar lá. Não somos capazes nem de desejar Jesus de verdade sem sua ajuda. O senso da ausência de Jesus pode ser um sinal de sua presença, de que ele já está trabalhando em sua vida. Como no caso de Maria, Jesus talvez esteja ao seu lado neste exato momento e você não consegue vê-lo.

Logo, por nós mesmos a fé é impossível. Contudo, como diz Jesus: "... Isso é impossível para os homens, mas para Deus tudo é possível" (Mt 19.26).

Em segundo lugar, vemos nesta passagem que a fé é racional. Reconhecê-lo é fundamental, pois acabamos de investir tempo mostrando que a fé não é *meramente* um processo racional, mas um encontro sobrenatural e pessoal com o próprio Jesus. Todavia, embora a fé cristã seja muito mais que racional, com certeza ela não é menos que racional. Com isso quero dizer que a fé se baseia em evidências e que temos bem a nossa frente algumas das provas mais importantes que a Bíblia nos oferece.

Por que Maria, João e Pedro não acampam junto ao sepulcro 24 horas por dia? Se não conhece muito a cultura e a história do primeiro século, você ficará surpreso em saber que Jesus disse várias vezes: "Ressuscitarei no terceiro dia", e, apesar de toda essa repetição, vemos que no terceiro dia os discípulos não estão aguardando ansiosos em volta do sepulcro. Até Maria Madalena, que se dedicava com paixão a seu mestre, vai embora correndo, ao deparar com o sepulcro vazio, sem considerar a possibilidade de que tenha havido uma ressurreição. Por que eles não estavam esperando para testemunhar o milagre? Não o tinham visto realizar milagres em quantidade suficiente para que se dispusessem a aguardar que, em mais um deles, e dos grandes, ele ressuscitasse?

Se ler *The resurrection of the Son of God*, de N. T. Wright,[2] o melhor livro já escrito sobre a ressurreição em no mínimo cem anos, vai perceber que nem os judeus, nem os gregos, nem os romanos

consideravam possível a ressurreição corpórea de um indivíduo. Os gregos (e mais tarde os romanos) acreditavam que todas as coisas físicas, incluindo o corpo, eram fonte da fraqueza e do mal, e o espírito, a fonte da força e da bondade. Portanto, a salvação era a libertação da alma em relação ao corpo. Segundo essa visão, a ressurreição do corpo não seria algo desejável em absoluto. Que deus haveria de desejar fazer uma coisa dessas?

Os judeus, por outro lado, não compartilhavam todos dessa visão específica do corpo. Enxergavam o mundo material como parte da boa criação de Deus. Alguns (embora nem todos) acreditavam que no fim dos tempos haveria uma ressurreição geral dos justos. Mas ninguém — judeu, grego ou romano — cria na possibilidade de Deus levantar um indivíduo dos mortos bem no meio da história. Mais ainda, os judeus seriam o último povo da terra a acreditar que um ser humano pudesse ser o Filho de Deus, digno de adoração. Tinham aprendido a vida inteira que o ser humano não pode ser Deus. Professavam uma visão transcendente de Deus. Junte todos esses fatores e verá por que, para os judeus do primeiro século, a ideia da ressurreição de Jesus era simplesmente inconcebível. Apesar de todos os anúncios de Jesus, era simplesmente incrível demais para eles crer em tal coisa ou mesmo desejá-la.

Nós, leitores modernos, pensamos nos antigos como gente muito supersticiosa e até certo ponto temos razão. Eles davam crédito a todo tipo de alegação envolvendo magia, milagres, seres sobrenaturais e poderes nos quais não cremos hoje. Portanto, raciocinamos, os seguidores de Jesus deveriam ser facilmente convencidos pelas afirmações de sua ressurreição. Eles a teriam esperado ansiosos e bastaria que alguém desse a entender ter visto Jesus para que milhares de pessoas crédulas tomassem suas palavras como verdade a ser proclamada.

O problema dessa teoria é que ela está totalmente errada. O relato contido nos Evangelhos não mostra de forma alguma os discípulos aguardando a ressurreição. Ironicamente, os discípulos mostravam-se tão incrédulos quanto ficaria qualquer pessoa hoje. Assim como nós hoje, exigiam o mesmo testemunho de diversas pessoas que o tivessem visto e tocado, a fim de se convencerem de que Jesus vivia de fato. Nesse sentido, as narrativas se encaixam com perfeição no conhecimento histórico que temos dessas culturas. N. T. Wright nos conta em minúcias que, como acontece hoje em dia, embora essas culturas antigas não defendessem a ideia de que os milagres em geral não pudessem acontecer, a ressurreição era tão implausível e inimaginável para elas quanto para a maioria das pessoas hoje.

Proponho-lhe então a seguinte questão: se você é um típico habitante do mundo moderno, compartilha de uma cosmovisão que insiste em que a ressurreição do corpo de um homem morto de verdade, com suas feridas fatais ainda visíveis, é simplesmente impossível. Agora imagine que tipo de evidência *você* necessitaria ter para acabar com suas dúvidas e derrubar sua arrogância em relação a esse acontecimento. De que tipo de evidência você precisaria para crer que Jesus Cristo é o Filho de Deus, ressurreto dentre os mortos? Qualquer que seja essa evidência, você pode chegar à conclusão razoável de que os discípulos devem ter encontrado algo parecido. E, se foi isso que aconteceu, a evidência que os convenceu e os levou à fé poderia ser suficiente para convencer você também.

Ou mesmo para fortalecer sua fé, caso você já seja cristão. Experimentei isso quando tive câncer na tiroide, há cerca de dez anos. Recuperei-me por completo, mas, é claro, viver à sombra do câncer, sem

saber como as coisas se desenrolarão, é uma experiência traumática. A partir do momento que lhe anunciam que está com câncer, mesmo quando dizem ser bem provável que você se recupere, tudo faz com que sua mente se concentre de forma maravilhosa no significado da vida. Passei um mês sem fazer nada e sem ir a lugar algum enquanto me recuperava. Na verdade, estive em quarentena devido a todo o iodo radioativo no meu corpo, de modo que pela primeira vez (e acho que também a última) em uns trinta anos fiquei sem ter o que fazer. Por isso, resolvi sentar-me e ler o livro de 890 páginas de N. T. Wright, incluindo as notas de rodapé, e foi surpreendente. É claro que eu já cria na ressurreição antes disso — fundamentara minha vida e carreira sobre ela. E claro que a vida, a morte e a ressurreição de Jesus eram presenças constantes aos olhos da minha imaginação. Mas o que me surpreendeu foi a maneira como essa reunião ordenada de evidências elevou minha fé um pouco mais. Antes eu cria; agora *cria* ainda mais.

Hoje somos ensinados a pensar na fé como algo inversamente proporcional à lógica e às evidências, o seja, a medida que obtem mais fatos e certezas, sua necessidade de fé diminui. Mas não é a isso que os cristãos se referem quando falam em fé. Ela não significa ter esperança no que não é verdade, mas ter certeza do que não se pode ver. E uma evidência fascinante, que envolve a racionalidade, é um dos maiores estímulos da fé cristã.

Há nessa passagem outra evidência significativa de que esses relatos da ressurreição não são inventados. Quem é a primeira testemunha ocular? João, autor do Evangelho, nos conta que a primeira testemunha ocular da ressurreição de Jesus Cristo foi Maria Madalena, uma mulher. Todos os especialistas em Bíblia e historiadores lhe dirão que, na época, as mulheres não podiam testemunhar nos tribunais judeus ou romanos. Nessas culturas patriarcais, o testemunho de uma mulher era considerado indigno de confiança e, portanto, inadmissível como evidência. Isso quer dizer que, se você estivesse fabricando um relato de ressurreição a fim de promover uma religião ou movimento, jamais faria de uma mulher a primeira testemunha ocular. No entanto, nos relatos de Mateus, Marcos, Lucas e João, as primeiras testemunhas oculares da ressurreição são mulheres. A única razão com plausibilidade histórica para as mulheres aparecerem nos relatos — não há motivo para os autores colocarem mulheres na história se o testemunho delas não era considerado confiável — é que tudo deve ter acontecido assim. Maria só pode ter estado lá. Ela deve ter sido a primeira pessoa a ver Jesus Cristo. Não há outra razão para o autor dizer isso.

A fé conta com um componente racional significativo. Observe como a passagem foi escrita: "Chegando Simão Pedro, que o seguia, entrou no sepulcro e viu os panos de linho deixados ali. Viu também que o lenço, que fora colocado sobre a cabeça de Jesus, não estava com os panos, mas dobrado em lugar à parte" (Jo 20.6,7). A palavra traduzida por *viu* na verdade corresponde ao termo grego *blepo*, que significa não apenas ver, mas pensar, refletir e processar. Pedro entra naquele lugar e provavelmente lhe ocorre algo do tipo: "Se Jesus tivesse revivido e se levantado, as vestes estariam todas rasgadas ou desarrumadas. Mas, se amigos tivessem levado seu corpo, por que o desonrariam, transportando-o nu? Ele seria mantido com as vestes do sepultamento. Por outro lado, se os responsáveis fossem seus inimigos, por que haveriam de lhe tirar a roupa e dispô-la tão bem arrumada?". Ele raciocina a toda velocidade, à procura de evidências, testando todas as hipóteses possíveis.

Ou seja, a fé não é apenas racional. Não se pode chegar à fé verdadeira só pelo raciocínio. Contudo, a fé tampouco é *menos que* racional. Não se pode chegar à fé real sem raciocínio. Por quê? Porque a fé madura é um ato de uma pessoa completa, portanto o intelecto tem de estar envolvido tanto quanto a vontade e as emoções. Na época em que vivemos, as pessoas adoram dizer: "A verdade é que não existe nenhuma verdade objetiva. Se quiser crer no cristianismo, se quiser acreditar em seja qual for a fé, se ela for relevante para você, se for satisfatória para sua vida, não se preocupe em saber o que de fato aconteceu. Se for relevante para você, pode crer nela".

Acontece que as crenças passionais podem estar erradas. Já houve quem cresse sincera e apaixonadamente na superioridade da própria raça sobre todas as demais e que a melhor contribuição que poderiam dar seria dominar o mundo. Isso não faz com que tais pessoas estejam certas. Por quê? Porque, no fundo, sabemos que existe uma coisa chamada verdade. Sabemos que determinadas coisas são erradas, mesmo havendo quem as considere certas, e que outras tantas são certas, mesmo havendo quem as julgue erradas.

Assim, o verdadeiro cristianismo nunca dirá: "Creia porque é relevante" ou: "Creia porque lhe atrai". Ele não lhe conferirá esse tipo de autorização, mas dirá: "Não creia no cristianismo por ele ser emocionante, prático e relevante, creia porque ele é verdadeiro. Porque, se não for, no fim não será prático nem relevante". Você só consegue enfrentar o sofrimento e as questões que lhe são propostas se crer que o cristianismo é não apenas relevante e emocionante (de fato é!), mas também verdadeiro.

Portanto, a fé em Cristo é impossível e ao mesmo tempo é racional. Há mais uma lição a ser aprendida aqui. A fé vem na graça e por meio dela. Em todos os sentidos, a fé é repleta da graça. Permita-me explicar.

> Maria, porém, ficou em pé, chorando diante do sepulcro. Enquanto chorava, abaixou-se para olhar para dentro e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. E eles lhe perguntaram: Mulher, por que choras? Ela respondeu: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. Ao dizer isso, ela se virou para trás e viu Jesus em pé, mas não o reconheceu. Jesus lhe perguntou: Mulher, por que choras? A quem procuras? Pensando ela que fosse o jardineiro, respondeu-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. Então Jesus lhe disse: Maria! Virando-se, ela lhe disse na língua dos hebreus: Raboni! (que significa Mestre). E Jesus disse-lhe ainda: Não me segures, pois ainda não voltei para o Pai. Mas vai a meus irmãos e dize-lhes que estou voltando para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus. E Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: Vi o Senhor! E relatou as coisas que ele lhe dissera (João 20.11-18).

Aqui talvez esteja a principal mensagem do Novo Testa-mento em forma narrativa.

De início, é possível ver a ternura notável dessa interação. Em vários lugares do Antigo Testamento, Deus confronta pessoas seriamente equivocadas ou geniosas não tanto com declarações intimidadoras, mas com perguntas gentis e reflexivas. No jardim do Éden, ele indaga aos desobedientes Adão e Eva: "Onde vocês estão?" e: "O que aconteceu para que sentissem vergonha?". A Jonas, o profeta rebelde, Deus pergunta: "Você está certo em sentir raiva?". Os terapeutas sabem que não basta dizer às pessoas como viver. Dirigir-lhes perguntas ajuda a fazê-las reconhecer os próprios erros, a descobrir e abraçar a verdade de coração. As perguntas de Jesus têm sentido semelhante. "Por que choras?" na verdade é uma leve reprimenda, um chamado ao despertar. "A quem procuras?", como escreve o comentarista D. A.

Carson sobre esse versículo, expressa um convite mais penetrante "à ampliação dos seus horizontes e ao reconhecimento, por maior que fosse sua devoção a ele, de que a ideia que fazia dele ainda era limitada demais".[3]

Observe, no entanto, que Maria entende as perguntas de Jesus de maneira errada. Toma-o pelo zelador do lugar e pensa que talvez ele saiba para onde levaram o corpo do seu Senhor. Jesus então faz mais um esforço para abrir caminho até seu coração, e o faz com uma única palavra. Antes, no mesmo Evangelho, ele se dissera o bom pastor, que "chama [as ovelhas] pelo nome" e "elas o seguem, pois conhecem a sua voz" (Jo 10.3,4). É o que ele faz aqui, dizendo apenas: "Maria!". A verdadeira fé sempre é pessoal. Se você crê somente que Jesus morreu para perdoar os pecados das pessoas *em geral* — mas não acredita que ele morreu por *você* —, não está tomando posse de Jesus pela fé. Nunca o ouviu chamá-lo pelo nome.

A amabilidade de Jesus é palpável. Maria corre em círculos feito louca, mas (como ele sugere) procura pelo Jesus errado. Pelo Jesus morto. Por um Jesus infinitamente menos grandioso do que ele de fato é. Por isso ela jamais o teria encontrado se ele não a buscasse. Ele vai até ela, trabalha com delicadeza para lhe abrir o coração e rompe afinal a barreira ao lhe dirigir a palavra de modo pessoal. A fé de Maria vem pela graça; ela nada faz para merecê-la.

Mas aprendemos ainda mais aqui sobre o relacionamento entre graça e fé. No momento em que Maria percebe que Jesus está vivo, ele a despede com a mensagem: "... vai a meus irmãos e dize-lhes...", e, em certo sentido, ela se torna a primeira cristã. Por quê? Bem, o que é um cristão? Aquele que crê na morte e ressurreição de Jesus dentre os mortos. Aquele que teve um encontro com o Cristo ressurreto. E, nesse momento, Maria é a única pessoa no mundo para quem tudo isso é verdade.

Ora, isso foi acidental? Acredito que não. Jesus poderia facilmente ter planejado tudo para que qualquer outro indivíduo fosse seu primeiro mensageiro. Ele a escolheu. E isso quer dizer que Jesus Cristo escolheu especificamente uma mulher, não um homem; uma paciente mental recuperada, não um pilar da comunidade; alguém da equipe de apoio, não um dos líderes, para ser o primeiro cristão. Será que ele poderia ser mais explícito? Com isso, ele diz: "Não importa quem você é ou o que fez. Minha salvação não se baseia em linhagem, em conquistas morais, no talento bruto, em nível de esforço ou no registro de realizações. Vim não para chamar os fortes, mas os fracos. E não sou em primeiro lugar seu mestre, mas seu salvador. Estou aqui para salvá-lo não por sua obra, mas pela minha". No instante em que compreende isso, no momento em que se vê no lugar de Maria Madalena, alguma coisa muda para sempre em sua vida. Você estará seguindo a primeira cristã.

Veja bem, o texto não nos diz apenas que a graça é a *causa* da nossa fé, mas que ela é seu *conteúdo* também. Se você crê que Jesus foi um grande mestre, que pode ajudá-lo e atender suas orações caso viva segundo seus preceitos éticos, você ainda não é um cristão. Isso é crença geral, mas não fé salvadora. A verdadeira fé cristã acredita que Jesus nos salva por sua morte e ressurreição, a fim de que possamos ser aceitos por pura graça. Evangelho é isso: as boas-novas de que somos salvos pela obra de Cristo através da graça.

Martinho Lutero conta sua experiência de conversão. Mesmo sendo monge, estudioso e professor das Escrituras, ele descreve assim o que aconteceu:

> No [evangelho] a justiça de Deus é revelada [Rm 1.17]. [...] Eu odiava a expressão "justiça de Deus". [...] Embora levasse uma vida irrepreensível de monge, sentia-me um pecador diante de Deus, dono de uma consciência extremamente perturbada. Era incapaz de acreditar que ele se apaziguasse com minhas penitências. [...] Foi quando comecei a compreender que a justiça de Deus é o justo viver por um dom do próprio Deus, qual seja, a fé. [...] Então senti que nascia de novo e adentrara os portões abertos do paraíso.[4]

Desse modo, Lutero chegou ao entendimento de que a salvação não é um registro que entrego a Deus pelo qual ele me salva, mas sim um registro que Deus me dá segundo o qual sou aceito e salvo. Ele diz: "No instante em que compreendi isso, senti que renascia e atravessava as portas abertas do paraíso".

Portanto, a fé é um dom de Deus. Edificada sobre pensamento e evidências, ativada pela intervenção miraculosa de Deus, baseada na descoberta radical de que Jesus conquistou tudo de que necessitamos e de que podemos ser adotados e aceitos na família de Deus. Tudo isso por pura graça. É isso? Basta nos acomodarmos, felizes e transformados pelo conhecimento desse amor? Não — devemos passar o resto da vida saboreando, experimentando esse amor gracioso e sendo por ele moldados. O final do texto nos oferece uma sugestão e uma imagem atraentes dessa experiência.

Jesus pede para Maria: "Não me segures, pois ainda não voltei para o Pai" (Jo 20.17). O que confunde um pouco é observar que, mais à frente, quando se encontra com Tomé, ele se deixa tocar. E, no encontro com as mulheres no fim do livro de Mateus, ele também permite que o toquem — elas caem a seus pés. Então por que Jesus dirige essas palavras a Maria? É fácil imaginar a exuberante Maria agarrada a ele como a uma tábua de salvação, como quem diz: "Já o perdi uma vez. Nunca mais o deixarei ir embora de novo". Se entendermos isso, então Jesus na verdade a instrui: "Não precisa se apegar a mim com tanta força; estou subindo para o céu". Qual o sentido disso? Eis o que muitos comentaristas afirmam, e acho que têm razão. Jesus quer dizer o seguinte: "Maria, quando eu subir para ficar à direita do Pai, não os abandonarei, em absoluto. Enviarei meu Espírito, e através do Espírito você poderá conhecer minha presença, paz e amor dia e noite". Que promessa! A fé verdadeira conecta você a Cristo, não só para a salvação da penalidade por seus pecados, mas para um relacionamento de amor contínuo com ele.

Há uma última coisa muito útil a ser aprendida sobre a fé com essa passagem. Não existem duas pessoas que se acheguem à fé exatamente do mesmo modo. Lendo o capítulo inteiro, você vê que João, Pedro, Maria e Tomé (que se encontra com Jesus mais à frente, no capítulo 20) são todos abordados por Jesus de maneira diferente. Necessitam de quantidades diferentes de tempo. Exigem porções diferentes de evidências e experiência. Todos seguem trajetórias diferentes, caminhos diferentes. Portanto, você precisa ser muito cuidadoso para não dizer: "Bem, meu amigo conheceu a Cristo assim, então tenho de viver uma experiência tão dramática quanto a dele". Ou, se você é o amigo, não deve presumir que todas as outras pessoas se achegarão à fé do mesmo modo que lhe aconteceu. Você deve reconhecer sua condição de pecador. Crer que ele morreu em seu lugar. Descansar na obra dele, em vez de nas próprias boas obras. Entregar-lhe sua vida em gratidão pela obra consumada. Mas são muitos os caminhos para esse tipo de fé.

Sempre achei que, ao ouvir seu nome nos lábios do Cristo ressurreto, Maria Madalena deve ter se sentido como Annie Dillard quando escreveu: “Eu fora um sino a vida inteira, mas nunca soube disso até me erguerem e fazerem soar”.[5]

[1] Edição em português: *A última palavra* (São Paulo: UNESP, 2001).

[2] Edição em português: *A ressurreição do Filho de Deus* (São Paulo: Paulus, 2013).

[3] D. A. Carson, *The Gospel according to John* (Eerdmans, 1991), p. 641.

[4] De "Preface to the complete edition of Luther's latin writings (1595)", in: Timothy F. Lull; William R. Russell, *Martin Luther's basic theological writings* , 3. ed. (Fortress Press, 2012), p. 497.

[5] Annie Dillard, *Pilgrim at Tinker Creek* (HarperCollins, 2009), p. 36.

SEIS

O GRANDE INIMIGO

Nos cinco primeiros capítulos, procurei tratar de alguns dos maiores questionamentos da vida. Para tanto, usei a vida de Jesus conforme retratada no Evangelho de João do Novo Testamento. Fiz isso olhando para os relatos de seus encontros com pessoas do dia a dia, os quais transformaram a vida dessas pessoas para sempre. E quanto a *nós*, podemos encontrá-lo hoje? Nesses estudos de caso, temos observado inúmeras vezes que Jesus não se apresenta primordialmente como um exemplo; seu trabalho não é nos servir de modelo para as respostas aos grandes questionamentos da vida. Tampouco é um mestre acima de tudo, dando-nos as respostas para essas indagações. Não, ele veio como salvador, para *ser* a resposta às grandes questões. Veio fazer por nós o que não conseguiríamos sozinhos.

Se quisermos ser transformados para sempre, também precisamos encontrá-lo como salvador. Para isso, temos de ver o que ele fez por nós. E nos principais acontecimentos da vida de Jesus é que conseguimos enxergar com mais clareza *como* ele se torna um salvador para nós. Assim, nestes cinco capítulos finais, examinarei alguns desses acontecimentos cruciais na vida de Jesus conforme apresentados nos Evangelhos neotestamentários.

(Você talvez se pergunte por que deixei de fora os três acontecimentos mais conhecidos da vida de Jesus: seu nascimento, morte e ressurreição. A razão é que estamos mais familiarizados com tais eventos e o significado deles nos é, em geral, mais claro. Sem a encarnação, por exemplo, Jesus não teria se tornado humano nem levado sobre si nosso castigo. A crucificação implica a existência de uma solução para a culpa, um perdão para o pecado. A ressurreição significa que um dia receberemos corpos novos a sinalizar nosso triunfo sobre a morte. Todos esses grandes e milagrosos acontecimentos da vida de Jesus são evidentemente cruciais e foram por nós considerados de alguma forma nos capítulos anteriores. Nas páginas seguintes, examinaremos alguns incidentes menos conhecidos que nos levam ainda mais fundo no que Jesus fez para nos salvar. Ele vence o mal por nós [capítulo 6], intercede por nós [capítulo 7], obedece perfeitamente por nós [capítulo 8], deixa a terra para reinar por nós [capítulo 9] e deixa o céu para morrer por nós [capítulo 10].)

Vejamos primeiro como a vida pública de Jesus se iniciou. Dois acontecimentos consecutivos prepararam-no para a carreira mais revolucionária de toda a história. Em três dos quatro Evangelhos, esses incidentes — o batismo de Jesus e a subsequente tentação por Satanás no deserto — são apresentados juntos, e creio que por um bom motivo.

Aqui está o relato de Mateus, capítulos 3 e 4:

> Então Jesus foi da Galileia para o Jordão, para ser batizado por João. Mas João tentou impedi-lo, dizendo: Tu vens a mim? Eu é que preciso ser batizado por ti. E Jesus lhe respondeu: Deixa por enquanto; porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então João consentiu. Depois de batizado, Jesus saiu logo da água. E viu o céu se abrir e o Espírito de Deus descer como uma pomba, vindo sobre ele. E uma voz do céu disse: Este é o meu Filho amado, de quem me agrado.
>
> Então Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo Diabo. E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, sentiu fome. Então o tentador aproximou--se dele e disse: Se tu és Filho de Deus, ordena que estas pedras se transformem em pães.
>
> Mas Jesus lhe respondeu: Está escrito: Nem só de pão o homem viverá, mas de toda palavra que sai da boca de Deus. Então o Diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o na parte mais alta do templo e disse-lhe: Se és Filho de Deus, lança-te daqui abaixo; porque está escrito: Aos seus anjos dará ordens a teu respeito; e eles te sustentarão com as mãos, para que não tropeces em pedra alguma. Jesus lhe respondeu: Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus. O Diabo o levou ainda a um monte muito alto e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles; e disse-lhe: Eu te darei tudo isto, se, prostrado, me adorares. Então Jesus lhe ordenou: Vai-te, Satanás; pois está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele prestarás culto. Então o Diabo o deixou... (Mt 3.13—4.11).

Com exceção da crucificação, o batismo é o único acontecimento da vida de Jesus mencionado em todos os quatro Evangelhos. Ele é crucial. Mas só Mateus registra a cena da tentação em detalhes. E é importante reconhecer que o batismo e a tentação estão interligados pela palavra "então". Deus proferiu uma declaração poderosa de confirmação: "Este é o meu Filho amado, de quem me agrado". *Então* Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo Diabo. *Então* tem quase o efeito de um *em vista disso*. Depois de grande bênção e sucesso, veio a prova e a tentação.

Parece que ninguém jamais consegue assegurar para si uma vida de sucesso, alegria e bênção contínuos. Por mais que nos esforcemos tentando, não importa que precauções tomemos, não importa quão bem as coisas estejam indo, algo sempre aparece para arruinar tudo. Mesmo as pessoas mais talentosas, diligentes e esclarecidas são incapazes de fugir dos altos e baixos da vida.

— Ah — talvez você diga —, e se desempenhássemos melhor nosso papel? E se levássemos uma vida correta, obedecêssemos a Deus e orássemos todos os dias, pedindo a ele para nos proteger de todo sofrimento e dificuldade?

A resposta seria:

— Ótimo, faça isso.

E se você pudesse mesmo vencer *todas* as suas falhas e imperfeições? E se conseguisse tornar-se inteiramente sábio e compreender os caminhos de Deus, o coração humano e as épocas e estações, a ponto de sempre tomar decisões sábias? E se você conseguisse ter fé em Deus sem vacilar? E se sua vida fosse agradável a Deus em tudo? Então, com certeza Deus o protegeria, e sua própria santidade e sabedoria o guardariam também. Tudo correria sempre bem em sua vida. Certo?

Errado. Porque aqui está aquele que fez isso. Deus, o Pai, acaba de dizer que a vida de Jesus é perfeitamente agradável a ele. Até o Espírito de Deus desceu sobre ele para guiá-lo. E veja o que lhe

acontece. Jesus é amado, afirmado e capacitado por Deus, e então... *Então*, ele é conduzido às garras do Diabo. Portanto, eis a sequência: o amor e o poder de Deus, depois o Diabo, a tentação, o deserto, a fome e a sede terríveis. Extraordinária essa palavrinha *então*. É quase como se Mateus tentasse nos dizer: "Leia meus lábios: ninguém está livre de provações e tribulações. Na verdade, é o que costuma acontecer com pessoas a quem Deus ama muito, pois isso faz parte do seu plano com frequência misterioso e bom para nos converter em algo grande".

Aliás, tudo isso é para nos dizer que os amigos de Jó estavam errados. Você talvez lembre que, no livro de Jó, ele parecia levar uma vida exemplar até que tudo que poderia dar errado dá errado. Jó perde a família, toda sua considerável fortuna e a saúde. Vai para o deserto, por assim dizer. Os amigos vão visitá-lo, veem o que está se passando e, na prática, dizem o seguinte: "Escute aqui, Jó. Nossa vida é o produto das nossas escolhas. Se escolher viver bem e do jeito certo, tudo dará certo e irá bem na sua vida. Se Deus o amasse, não permitiria que tais coisas acontecessem. Ele deve estar muito bravo com você e com as escolhas que você tem feito".

É o que muita gente pensa; a maioria, talvez. Quando pessoas da classe média olham para os pobres, presumem que não trabalham tão duro quanto elas. Quando pessoas de famílias ricas olham para pessoas de famílias em luta e que não funcionam bem, presumem que elas não se importam o suficiente para fazer as coisas certas. Se não sofremos no momento, temos a tendência de assumir o crédito por isso em nossa mente. Não se trata de sorte ou graça, mas de estarmos levando uma vida boa e inteligente. Certo? Todavia, em Mateus 3 vemos a única pessoa na história do mundo que de fato viveu uma vida correta, uma vida de fato perfeita e que mereceu o pleno amor de Deus. Esse homem fez por merecer de verdade uma passagem livre pelo sofrimento e a inconveniência. No entanto, deu tudo terrivelmente errado em sua vida! A cena da tentação é só o começo, apenas o primeiro assalto da luta. Haverá uma progressão constante de rejeição, atentados contra sua vida, traição, pobreza, dor, perda, tortura e, por fim, a morte. Ele será julgado e executado em um ato de injustiça. Tudo dará errado para Jesus a partir desse ponto.

O que isso nos mostra? Nos mostra de início o poder, a complexidade e a intratabilidade do mal no mundo. Pessoas seculares veem o mundo como algo composto estritamente de forças materiais. Não há alma ou espírito, demônios ou anjos. Tudo tem uma explicação científica natural. Nessa perspectiva, podemos lidar com o mal no mundo (se é que ele existe mesmo) educando o ignorante, transformando os sistemas sociais e oferecendo melhor tratamento psicológico e farmacológico. Contudo, ao longo do último século, mais e mais pensadores ocidentais ficaram chocados com a profundidade e o poder das forças do mal no coração humano e no mundo. Andrew Delbanco, professor em Colúmbia, escreve no livro *The death of Satan: how Americans have lost the sense of evil* [A morte de Satanás: como os americanos perderam a percepção do mal]: "Um abismo se abriu em nossa cultura entre a visibilidade do mal e os recursos intelectuais disponíveis para lidar com ele".

Todavia, a Bíblia pode servir de ponte sobre esse abismo e fornecer uma explicação para tudo que experimentamos em nível pessoal e testemunhamos ao longo da história. Ela diz que o mal é mais multidimensional, sutil e complexo do que a ciência por si só é capaz de sugerir. Sustenta que, além das injustiças sistêmicas, da ignorância pessoal e dos desequilíbrios fisiológicos, existem mesmo forças

espirituais do mal no mundo e, por trás de todas elas, uma inteligência sobrenatural e singular. O mundo ocidental tem rejeitado em larga escala essa dimensão do mal que a Bíblia nos oferece. Por conseguinte, nós, como os amigos de Jó, subestimamos sempre — às vezes chegando a interpretar erroneamente — o poder do mal em nossa vida. Por exemplo, no fundo nos apegamos à ideia simplista de que, se formos bons, tudo correrá bem na vida. Contudo, se as forças demoníacas existem, cabe raciocinar que a bondade e a piedade verdadeiras na realidade atraem e incitam o ataque desses poderes. É justamente o que vemos aqui no relato do batismo e da tentação.

(Acreditar que a bondade moral resultará em uma vida boa é também um entendimento simplista dos propósitos de Deus para nós. Dono de uma sabedoria infinita, ele consegue ver o fim desde o começo e tem bons propósitos para nós escondidos no lado mais distante do deserto.[1] Assim como a paciência de Jó durante o sofrimento o transformou em um exemplo que tem ajudado centenas de milhares de pessoas e da mesma forma que as tentações de Jesus o prepararam para sua carreira transformadora da história e salvadora do mundo, igualmente o Espírito Santo nos conduz ao nosso deserto para o nosso bem.)

Somos constantemente impactados, portanto, pela intratabilidade do mal no mundo, mas isso em parte se deve ao fato de nós, modernos, considerarmos a Bíblia algo "primitivo" e não darmos ouvidos ao relato que ela traz da realidade. No entanto, se a Bíblia estiver certa e esse tipo de mal existir, que há de positivo em compreendê-lo melhor? Bem, quando a Bíblia fala dos nossos encontros com o mal sobrenatural na vida, usa linguagem de batalha. Se você não sabe de onde virá o ataque, ou se subestimar ou qualificar de forma errada o inimigo, é provável que perca essa batalha. Portanto, se de fato soubermos o que há lá fora e de onde vem, como enfrentá-lo sem sermos esmagados por completo? Consideremos o que o texto de Mateus 3 indica. Ele nos diz que, para enfrentarmos o mal real, necessitamos responder a três perguntas: Quem é o inimigo? Onde é a linha de frente? Qual é nossa melhor defesa nessa luta?

Primeiro, quem é o inimigo? Como vimos dizendo, a visão bíblica do mal é de que ele é complexo e abrangente. Não se pode confiná-lo às escolhas humanas, ou aos sistemas sociais, ou a problemas psicológicos, ou à simples falta de estudos; na verdade, não se pode nem sequer localizá-lo dentro dessas forças todas em conjunto. Tampouco pode-se adotar as perspectivas de bode expiatório que tanto estrago causaram na história, isto é, que o mal é primordialmente causado por aquelas *outras* pessoas. As "outras pessoas" podem pertencer a determinada raça, classe, nação, religião ou ideologia política. A Bíblia diz que o mal é tanto natural quanto sobrenatural, que ele está tanto dentro quanto fora de nós, que é sistêmico tanto no sentido individual quanto social. Não há maneira humana de fugir por completo dele ou mesmo de conhecê-lo a fundo com nosso entendimento.

Pensando em termos históricos, são dois os principais rivais da visão bíblica que tentam explicar a natureza do mal. De um lado temos o *dualismo*, que professa a existência de forças iguais e opostas do mal e do bem no mundo. Basicamente, a realidade repousa sobre o choque dessas duas forças, que seguirão guerreando até o fim dos tempos ou mesmo por toda a eternidade. Isso significa que não há triunfo possível. De acordo com essa visão, Deus não é nem um pouco mais poderoso do que Satanás. Agostinho, em *The city of God*,[2] salientou que o paganismo é dualista. A maioria das formas de

paganismo afirma existirem deuses bons e deuses maus, poderes bons e poderes maus. No entanto, isso significa que o mundo é um lugar fundamental e irremediavelmente violento, não um lugar de ordem, beleza e esperança. Ele consiste em centros múltiplos de poder em guerra eterna uns contra os outros. Talvez se consiga criar uma ilha de paz e ordem, mas alguma coisa acabará por devastá-la. Na verdade, inexiste a esperança de que no fim a luta se resolva e seja produzida uma paz duradoura.

A outra abordagem filosófica do mal é o *monismo* ou panteísmo. Essa visão está no extremo oposto e afirma que toda a realidade é Una. Tudo faz parte de Deus, Deus é tudo e, portanto, no final, tudo é um com todas as coisas. Os vários "eus" indivi-duais, segundo essa visão, são uma espécie de ilusão. Estamos todos conectados em um sentido profundo, não só por uma experiência compartilhada de humanidade, mas, na verdade, por sermos indistintos uns dos outros. Em *Mere Christianity*,[3] C. S. Lewis afirma que o panteísta consegue olhar para uma pessoa morrendo de câncer ou em extrema pobreza e dizer: "Se conseguisse enxergar as coisas do ponto de vista divino, você perceberia que isso também é Deus". Ou seja, o mal e o sofrimento não são eternos e invencíveis como no dualismo. Na verdade, eles nem existem, por isso poderíamos dizer que são uma ilusão.

É interessante observar que a cultura secular moderna considera o mal de modo um tanto fragmentado, incoerente, fazendo empréstimos dessas duas visões. De um lado, o secularismo é como o antigo politeísmo por ver o mundo como algo não criado por um Artista único e todo-poderoso, mas como o produto de forças violentas e incontroladas. Não só o universo físico em si é o produto de uma série sem fim de explosões e combustões, nós também somos apenas o produto da evolução, da sobrevivência do mais apto. Se esse relato do mundo estiver correto, a violência não tem cura — ela é o tecido de toda a realidade. Chegamos aqui por meios violentos e sem propósito e continuaremos a existir e a evoluir dessa maneira. Ao mesmo tempo, muitos pensadores seculares veem o mal humano como o produto ou de sistemas sociais ruins ou de condições psicológicas ruins. No século 19, os pensadores seculares começaram a propor que, se você for um *serial killer*, essa condição se explica por você ser o produto de cuidados paternos deficientes, ou da pobreza, ou de algum outro tipo de privação. Isto é, alguma coisa precisava ter acontecido com você para levá-lo a assassinar alguém porque a maldade não é inerente aos seres humanos. O pensamento contemporâneo mais secular é relativista. O que parece ruim a partir de determinada perspectiva cultural, dizem, desaparece quando contemplado por outro ângulo. O terrorista de um homem é o lutador pela liberdade de outro. Portanto, o mal está todo no olho de quem vê. Olhando-o de modo diferente, ele desaparece. É uma ilusão.

No livro *The death of Satan: how Americans have lost the sense of evil*, Delbanco cita o romance *The silence of the lambs* [O silêncio dos inocentes], de Thomas Harris, no qual o assassino monstruoso Hannibal Lecter conversa com a policial Starling e descreve as coisas ruins que fez. Ela então o encara e diz: "O que lhe aconteceu para que você fosse capaz desse tipo de coisa? Quem lhe fez algo para que você se tornasse tão mau?". Hannibal olha para ela e responde:

> Nada me aconteceu, policial Starling. *Eu* aconteci. Você não pode me reduzir a um conjunto de influências. Você trocou o bem e o mal pelo behaviorismo, policial Starling. Vestiu em todo o mundo o traje da dignidade moral: nada nunca é culpa de ninguém. Olhe para mim, policial Starling. Tem coragem de dizer que sou mau?[4]

Delbanco prossegue dizendo que essas palavras são o epítome do horror moderno: a consciência crescente da nossa geração de que não podemos responder à pergunta do monstro. Ele afirma que, caso você se livre da ideia do pecado, de Satanás e do mal cósmico, todo ato ruim terá raízes exclusivamente psicológicas ou sociológicas. E isso banaliza o sofrimento das vítimas e a magnitude do que aconteceu. Hannibal Lecter sabe que a policial Starling é o resultado do pensamento secular moderno, por isso sabe também que a pegou. Ele sabe que a cosmovisão dela não dispõe dos recursos necessários para responder à pergunta que propõe. Na verdade, ele declara: "Você tem de contar a todas as famílias daquela pobre gente que decapitei e comi que minha mãe não me amava. Não consegue me responsabilizar. Não consegue responsabilizar nem *minha mãe*". O mundo moderno está exatamente no lugar em que ele o deseja.

No final do primeiro livro de Harry Potter, J. K. Rowling faz um boneco do sombrio Lord Voldemort dizer: "O Lorde Voldemort me mostrou [...] que o bem e o mal não existem. Só o que existe é o poder[5]". Na minha opinião, a autora está dizendo que poucas coisas conseguem ser mais maléficas do que negar a existência do mal. É o que Satanás quer.

Talvez você ache interessante saber que o cristianismo não lhe oferece nem o dualismo nem o monismo. Em vez disso, ele lhe concede algo que pode parecer um pouco mais plausível agora do que antes: um mal real. Se é verdade que existem forças demoníacas, então o mal no mundo não pode ser reduzido às simples escolhas humanas. Não me entenda mal. Os seres humanos sozinhos são capazes de grande pecado, e naturalmente essas escolhas humanas pecaminosas são um componente significativo da matriz do mal no mundo. Mas, quando me mudei para uma pequena cidade do Sul, na década de 1970, consegui enxergar a porção mais remota da sociedade e das instituições que têm mantido os afro-americanos excluídos de qualquer poder econômico ou político. Conversando com os indivíduos dessas instituições, embora muitos fossem definitivamente sectários e muitos outros apenas ignorantes, você percebia que a maioria deles não eram maus. No entanto, os sistemas que constituíam sem dúvida eram maléficos. Lembre-se de que Hannah Arendt testemunhou isso quando cobriu o julgamento de Adolf Eichmann, líder de campos de extermínio nazistas, para a *The New Yorker*. Em seu artigo, ela falou da "banalidade do mal". O sistema era muito mais maléfico e destrutivo do que os milhares de indivíduos bastante comuns que o compunham. Existe uma espécie de força que amplia, complica e perpetua as coisas ruins que estão acontecendo nos sistemas sociais e psicológicos do mundo. O cristianismo afirma haver mais mal no mundo do que aquele que você pode contabilizar apenas pelo efeito cumulativo das escolhas individuais erradas. E esse mal em parte pode ser atribuído a forças demoníacas reais.

Por outro lado, no entanto, o cristianismo não é dualístico. As forças demoníacas não são equivalentes a Deus. O demônio é um anjo caído à frente de anjos caídos e Deus é infinitamente mais poderoso. No final dos tempos, não só Deus *pode* vencer todos eles como com certeza o *fará*. Essa é a promessa e a esperança eletrizantes que sopram em todas as páginas da Bíblia.

Talvez você considere primitivo o conceito de demônio, uma crença de gente simplória. Estou argumentando — e sugerindo com todo o respeito — que, se tentar explicar o mundo sem a existência do

demônio, você é que estará sendo ingênuo tanto em nível espiritual quanto intelectual.

Sejamos mais práticos. Se sabemos quem é o inimigo, a segunda questão a ser considerada é: onde fica a linha de frente? O que as Escrituras nos relatam além do fato de que o Diabo existe? Elas nos revelam onde fica a linha de frente principal, o ponto de ataque mais visado. Observe que o Diabo repete várias vezes: "Se és o Filho de Deus...". Esse é o principal ataque que ele usa não só contra Jesus, mas contra nós também. Deus acaba de assegurar a Jesus que ele é seu Filho amado, e na mesma hora Satanás investe contra ele justamente nesse ponto. O Diabo pede a Jesus, em essência, que exija de Deus prova do seu amor e do poder de que o investe. Mas não é preciso pedir demonstrações, confirmações e provas, a menos quando se duvida. E este é o principal objetivo militar de Satanás: ele quer que Jesus perca a certeza, a confiança da plena aceitação de Deus, do seu amor paternal incondicional.

Ora, se essa é a principal linha de frente do Diabo, como ele busca ser bem-sucedido conosco? Para começo de conversa, ele quer impedir que você creia que Jesus é de fato o Filho de Deus e salvador do mundo. Observe atentamente o que Deus disse lá do céu no batismo. Primeiro ele diz: "Este é o meu Filho amado...", citando o salmo 2, um cântico sobre o rei messiânico de Deus que virá para debelar toda rebelião e mal do mundo. Mas em seguida Deus diz: "... de quem me agrado". A citação agora é de Isaías 53, que descreve a figura do Servo sofredor, personagem misterioso que, segundo Isaías, um dia haveria de sofrer e morrer pelas transgressões do povo. Eis uma chave importante para entender a Bíblia inteira. Ao longo do Antigo Testamento (como no salmo 2), encontramos a promessa de um grande rei messiânico que viria e consertaria tudo no mundo. Muitos judeus esperaram ansiosos por ele. Mas há também essa figura sofredora da profecia de Isaías. Aos judeus foi dito que esse servo seria rejeitado, que "por seus ferimentos fomos sarados" (Is 53.5). E ninguém, até Deus abençoar Jesus no batismo, havia juntado essas duas figuras.

Deus tentava nos levar a compreender o seguinte: Jesus não é apenas um bom homem que nos ensina a viver por meio de palavras e exemplos. Tampouco é um mero rei celestial que veio destruir todo o mal de uma só tacada. Como vimos, o mal está arraigado em nosso interior. Se ele tivesse vindo para acabar com todo o mal de imediato, teria nos exterminado. Em vez disso, ele é um rei que vem não para ocupar um trono, mas a cruz. Para ser tentado e julgado, para sofrer e morrer. Por quê? A fim de que possamos receber o amor de Deus como um dom. Como diz o hino: "Perante o trono absolvidos nos postamos; / Seu amor satisfez a exigência de sua lei".[6]

Assim, se descansarmos na obra de Cristo em nosso favor, poderemos ser adotados na família de Deus pela graça (Jo 1.12). Quer dizer que podemos ter certeza de nossa condição de filhos amados de Deus e de que — em Cristo — nós agradamos a ele. Tal segurança é a raiz principal da mais profunda e revigorante alegria possível. De um lado, ela significa que agora *desejamos* nos afastar de qualquer pecado ou coisa que desagrade nosso Pai. Não o fazemos mais por medo de sermos castigados ou por necessidade de provar quem somos. Esses motivos são exaustivos, e é inevitável que gerem visão estreita, justiça própria e dureza de coração. Não. Em vez disso, por grata alegria e puro desejo de nos assemelharmos e servirmos àquele que nos salvou, nos deleitando nele, corrigimos nosso modo de viver com uma nova eficácia. Por outro lado, os temores, ansiedades e inseguranças que nos assombravam

começam a se dissipar. Sucesso e fracasso em nosso trabalho não nos envaidecem nem nos devastam. Não somos conduzidos pela infelicidade com nossa aparência ou por nosso *status*; não somos diminuídos pela crítica como antes. Nossa autoimagem se apoia em um amor que não podemos perder.

Você percebe por que Satanás fez dessa a principal linha de frente de seu ataque? Ele quer a todo custo impedir que as pessoas adquiram esse tipo de poder. Em relação aos que não creem no cristianismo, procura mantê-los cegos para quem é Jesus de verdade. Deseja que creiam em Jesus como um homem especialmente bom. Quanto aos que pensam que creem no cristianismo, mas não entendem a salvação como um dom gratuito através de Cristo, Satanás espera mantê-los na ignorância do evangelho em si. Deseja ver essas pessoas confusas quanto ao fato de que somos justificados — acertamos as contas com Deus — pela fé só em Cristo, não por nossos esforços morais.

Aqueles, porém, que em princípio sabem ser filhos e filhas adotivos e amados, Satanás quer fazer escorregar de volta a uma autoimagem baseada em desempenho moral, bondade e esforços. Acontece com um ex-ministro com quem conversei anos atrás. Embora ele pregasse o que você e eu chamaríamos de sermões cristãos ortodoxos, no fundo do seu coração Satanás o derrotara. Com a cabeça e a boca ele dizia: "Somos salvos por Jesus e pela graça". Mas seu coração contava uma narrativa muito diferente. Se a linguagem do seu coração fosse audível, soaria mais ou menos assim: "Aqui está como me certificarei de que sou uma pessoa boa e digna. Serei um ministro. Não existe ninguém melhor que um ministro! Aquele que fala às pessoas sobre a verdade. Aquele que acode aos que sofrem. Aquele que ajuda as pessoas a acertar a vida". Em outras palavras, embora a cabeça dissesse que Jesus era seu Salvador, ele procurava ser seu próprio salvador.

Por conseguinte, conforme sua igreja crescia, seu ministério ia bem e sua pregação era solicitada, lenta mas firmemente ele começou a se tornar frio, presunçoso e arrogante. Suas mensagens tornaram-se mais cáusticas, e ele, mais despótico e crítico nas interações com o povo. O resultado disso foram diversos conflitos com famílias importantes, que, por esse motivo, deixaram a igreja. E, quando a igreja começou a ir mal, o ministro não aguentou. O problema não foi só a perda de pessoas, mas de sua identidade. Ele começou a beber para suportar a dor. Envolveu-se com uma mulher que lhe dava a adulação tão cobiçada. Seu casamento e ministério ruíram.

O que aconteceu? Satanás, claro, vencera. Se você pensa na identidade do seu coração como um motor, poderia dizer que existe uma espécie de combustível a alimentá-lo de modo limpo e eficiente e um outro tipo que não só polui como também destrói o motor. O sujo é o combustível do medo e da necessidade de provar quem se é. Ou da necessidade de ser necessário para alguém. Ou da necessidade de se expressar por inteiro e sem reservas. Diversos "combustíveis" nos motivam a viver por um tempo, mas só existe um combustível limpo e que não levará ao esgotamento e à decepção. Esse combustível é o amor de Deus por você. Qualquer outro combustível se tornará demoníaco. Ou o deixará obcecado ou, na melhor das hipóteses, apenas o desapontará. Sempre que alimenta sua vida com esses combustíveis, Satanás consegue levá-lo para onde bem entende. A única coisa que ele não quer é que as palavras de Deus "Você é meu filho amado" alimentem o motor de seu coração e de sua vida.

J. C. Ryle foi bispo anglicano em Liverpool, na Inglaterra, no final do século 19. Em um ensaio intitulado “Segurança”, ele escreve as seguintes e comoventes palavras:

> A segurança vai longe em libertar o filho de Deus [...] Ela o capacita a sentir que o grande negócio da vida é aquele bem estabelecido, a grande dívida é aquela paga, a grande enfermidade, aquela que foi curada e o grande trabalho, aquele que se concluiu; de modo que todos os outros negócios, enfermidades, dívidas e trabalhos, em comparação, ficam pequenos. Nesse sentido, a segurança o deixa paciente na tribulação, calmo no luto, impassível na dor, sem medo das ondas malignas; satisfeito em toda situação, pois lhe confere uma FIRMEZA de coração. Adoça suas xícaras amargas, diminui o fardo das suas cruzes, aplaina os terrenos irregulares por onde ele viaja e ilumina o vale das sombras da morte. Faz que sempre sinta ter algo sólido sob os pés e firme debaixo das mãos; um amigo de confiança no caminho e um lar seguro no final [...] Há uma bela expressão no livro de orações para visitas aos enfermos: “O Senhor todo-poderoso, torre forte para todos que nele depositam sua confiança, seja agora e eternamente tua defesa, e te faça *saber* e *sentir* que não há nenhum outro nome debaixo do céu por meio do qual podes receber saúde e salvação a não ser pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo”.[7]

Qual a sua melhor defesa nessa luta? De novo, vejamos o que podemos aprender com o texto. Primeiro vemos que Jesus não lida com Satanás de um modo que chamaríamos de supersticioso, mágico. Ele não o faz voar pelos ares com sua glória. Não estou dizendo que não existe possessão demo-níaca que não mereça uma palavra de ordem. Nos Evangelhos, é evidente, vemos Jesus fazendo isso em determinados casos. Em geral, contudo, Satanás não nos controla com marcas de presas na carne, mas com mentiras no coração. Vemos isso no relato sobre o jardim do Éden, quando Satanás tenta Adão e Eva. Ele não se aproxima usando todo tipo de efeitos especiais; ele sugere ideias ao coração que contradizem a palavra de Deus, contestam o caráter divino e destroem o relacionamento de confiança que temos com o Senhor. O mesmo é verdade em relação a nós. Nossa melhor defesa na luta contra a influência das mentiras de Satanás não costuma ser a produção de encantamentos, mas a prática da verdade.

Observe como Jesus usa a Bíblia. Essa é uma das mensagens mais evidentes da passagem. Ele emprega as Escrituras *todas as vezes* que é atacado pelo demônio. Essa estratégia, claro, se encaixa bem no que acabamos de dizer acerca da linha de frente. Satanás quer destruir nossa compreensão da verdade. Mais que isso, ele quer afetar as crenças do nosso coração. De acordo com a Bíblia, o coração não é apenas a base das emoções, mas também a fonte de nossos compromissos, esperanças e confiança fundamentais. E do coração flui nosso modo de pensar, nossos sentimentos e ações. Aquilo em que o coração confia, a mente justifica, as emoções desejam e a vontade implementa. Se Satanás puder fazer com que você concorde com a mente em um Deus de graça e amor, mas convencer seu coração de que você precisa fazer X, Y e Z a fim de ser considerado digno, merecedor de amor e uma pessoa valiosa, ele se sentirá mais do que satisfeito.

Por esse motivo, tudo que Satanás diz com a intenção de insinuar ou negar abertamente as promessas e a revelação de Deus é respondido com as próprias Escrituras. Jesus cita Deuteronômio 8.3, depois 6.16 e, por fim, 6.13. Mesmo morrendo na cruz, quando passava por sua mais profunda agonia, ele cita Salmos 22.1: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?...”. Ao atravessar momentos de dor e choque, o que sai da sua mente e boca é o que há de mais primário em seu ser. Quando Jesus viveu esses momentos, foram as palavras da Bíblia que vieram à tona. Perto de 10% de tudo que ele diz na Bíblia são citações ou alusões às Escrituras hebraicas. Conhecendo as Escrituras dessa forma, você processa todos

os pensamentos e sentimentos por um filtro de revelação bíblica. Tendo as garantias, os chamados, as promessas e as revelações do próprio Deus guardados assim tão fundo em seu interior, torna-se extremamente difícil para Satanás conquistar uma base de operações e bloquear sua segurança da salvação. Você não está vulnerável na linha de frente onde ele melhor pode atacá-lo.

Agora preciso lhe perguntar: se Jesus Cristo, o Filho de Deus, não teve a presunção de enfrentar o mal no mundo sem um conhecimento profundo da Bíblia na mente e no coração, como poderíamos tentar enfrentar a vida de outra maneira? É verdade que isso exige muito tempo e esforço. Adoração, leitura diária, meditação e memorização, entoar cânticos, ouvir ensinamentos; tudo isso é necessário para nos familiarizarmos com as Escrituras como convém. E, quando estivermos sob ataque — tentados a pecar, ou a nos sentirmos desencorajados, ou a desistirmos por completo — é então que devemos lançar as palavras e promessas da Bíblia no centro do nosso ser, para que "a palavra de Cristo habite ricamente em vós..." (Cl 3.16). A sensação será muito parecida com a de uma luta. J. C. Ryle escreveu:

> O verdadeiro cristianismo é uma luta [...] Hoje existe uma enorme quantidade de correntes religiosas no mundo que não são o cristianismo verdadeiro, genuíno. É considerado aceitável; satisfaz as consciências sonolentas; mas não é bom investimento [...] Milhares de homens e mulheres vão às igrejas todos os domingos [...], mas você nunca os vê "lutar" pela religião que professam! De luta espiritual, e empenho, e conflito, e abnegação, e vigilância, e guerra eles não conhecem literalmente nada.[8]

Por favor, não separe a tentação e o batismo. Satanás procurou Jesus porque Jesus foi *comissionado*, revestido de autoridade por Deus para uma missão. Em breve entrará em um intenso período de ensino, cura e libertação das pessoas da escravidão espiritual. Como Jesus, guerreamos contra Satanás não só em nosso coração, mas no mundo, quando buscamos desfazer sua obra. Quando procuramos ajudar alguém a encontrar a fé em Cristo ou quando amamos nosso vizinho pobre através de atos de compaixão e serviço, lutamos contra ele nessa linha de frente também. Ao escrever sobre a crença panteísta de que o sofrimento é uma ilusão, C. S. Lewis insistiu no fato de que os cristãos não podem se entregar a tamanha passividade diante do mal.

> Confrontado com um câncer ou com uma favela, o panteísta é capaz de dizer: "Se ao menos você conseguisse enxergar o problema do ponto de vista de Deus, perceberia que isso também é Deus". O cristão responde: "Não diga um absurdo desses". Pois o cristianismo é uma religião combativa. Ele considera que Deus fez o mundo — que espaço e tempo, calor e frio, todas as cores e sabores, todos os animais e vegetais são coisas que Deus "inventou da sua cabeça", como o homem inventa uma história. Mas considera também que muita coisa deu errado com o mundo que Deus fez e que Deus insiste, e insiste com grande veemência, em que nós as endireitemos de novo.[9]

Temos mais um recurso para essa guerra espiritual. E ele está bem a nossa frente nessa passagem: é Jesus em pessoa. Lemos em Hebreus 4.15 que ele é nosso grande sumo sacerdote. Os sacerdotes eram conselheiros e cuidavam das doenças espirituais do povo, e sabemos que Jesus pode "compadecer-se das nossas fraquezas" e nos dar "misericórdia e [...] graça, a fim de sermos socorridos no momento oportuno" (Hb 4.15,16). Por quê? Porque ele, "à nossa semelhança, foi tentado em todas as coisas, porém sem pecado" (v. 15). Ele se faz presente para nos ajudar a enfrentar a realidade do mal, tanto dentro quanto fora de nós mesmos, tendo feito isso como homem. Assim, ao lutarmos contra as mentiras de

Satanás em nosso coração e contra suas obras em nosso mundo, não confiemos apenas na Palavra do Senhor, mas também no Senhor da Palavra. Não dispomos apenas de um livro, por perfeito que ele seja — dispomos do próprio Jesus, que atravessou provações terríveis, tão intensas que nem somos capazes de imaginá-las. E ele fez tudo isso por nós. Agora, fortalecidos por sua profunda empatia e terno poder, podemos passar por tudo isso ao seu lado.

[1] Veja Romanos 8.28.

[2] Edição em português: *A cidade de Deus* (Petrópolis: Vozes, 2012).

[3] C. S. Lewis, *Mere Christianity* (HarperCollins, 2001) [edição em português: *Cristianismo puro e simples* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009)].

[4] Andrew Delbanco, *The death of Satan: how Americans have lost the sense of evil* (Farrar, Straus and Giroux, 1995), p. 19.

[5] J. K. Rowling, *Harry Potter and the sorcerer's stone* (Scholastic, 1997), p. 291 [edição em português: *Harry Potter e a pedra filosofal* (Rio de Janeiro: Rocco, 2000)].

[6] Edith Margaret Clarkson, *We come, o Christ, to you* (Hope Publishing, 1987).

[7] Veja http://www.biblebb.com/files/ryle/assurance.htm

[8] Veja http://www.gracegems.org/Ryle/holiness5.htm.

[9] C. S. Lewis, *Mere Christianity*, p. 37-8.

SETE

OS DOIS ADVOGADOS

Quando imaginamos a última noite de Jesus com os discípulos, em geral pensamos na Última Ceia, no cenáculo em que celebraram a Páscoa. Embora Mateus, Marcos e Lucas nos contem muita coisa sobre a Ceia, o Evangelho de João nem menciona o partir do pão ou o vinho sendo bebido — não fala nada sobre essa refeição. Todavia, João nos dá mais informações do que qualquer outra pessoa sobre o que aconteceu ali aquela noite. Ele nos apresenta o que tem sido chamado de Discurso de Despedida de Jesus, uma fala longa, de três capítulos, seguida por uma oração majestosa que toma mais um capítulo. Ora, a pessoa prestes a morrer não fica cheia de rodeios nem saindo pela tangente. Ela diz as coisas que lhe parecem mais urgentes e mais importantes para seus ouvintes. Sabendo disso, deveríamos dar grande peso ao tema principal de Jesus nessa passagem. Embora ele toque em vários assuntos e tópicos, parece haver um tema predominante a lhe pesar no coração pouco antes de sua morte. Qual é ele?

Ao longo dos três anos anteriores, os apóstolos tinham vivido um encontro pessoal e contínuo com Jesus Cristo. Conviveram e trabalharam com ele, conversaram e oraram com ele. Mas agora ele anunciava: “Filhinhos, estarei convosco apenas mais um pouco [...] Para onde vou, não podeis ir” (Jo 13.33). A declaração provoca expressões de alarme. Pedro afirma que com certeza *seguirá* Jesus, onde quer que ele vá, mesmo ao custo da própria vida (13.37). Tomé se mostra mais circunspecto, porém confuso, e diz que, por não saberem ao certo do que ele está falando, para onde exatamente ele está indo, como poderiam ir junto? (14.5). Quando Jesus responde que seu destino é a “... casa de meu Pai...” (14.2,3), Filipe lhe pede: “... mostra-nos o Pai...” (14.8).

Ora, se você leu o relato completo da vida e ministério de Jesus em companhia desses homens, sabe o quanto essas declarações são tolas. Pedro não tem o menor conhecimento de si mesmo. “... Darás a vida por mim?...”, Jesus lhe pergunta (13.38). Mais do que isso, apesar do ensino constante de Jesus de que ele devia morrer pelos pecados do povo, a ideia simplesmente não lhes entrava na cabeça. Com tristeza, Jesus questiona: “... há tanto tempo estou convosco e ainda não me conheces?...” (14.9). Uma pergunta cortante que revela um fato terrível. Depois de tanto tempo e atenção, Jesus afirma: “Vocês realmente não

me conhecem. Não tiveram o encontro profundo e pessoal comigo de que necessitam". Os apóstolos compreendem pouco o próprio coração, ou, pior ainda, o coração e os propósitos de Jesus.

Portanto, a situação é calamitosa. Tratam-se dos agentes de Jesus, escolhidos a dedo para transmitir sua mensagem ao mundo. Contudo, eles não o conhecem de verdade, e no dia seguinte Jesus morrerá! Não só isso, mas ele sabe que muita perseguição e oposição os espera, começando pela cruz. Que esperança existe agora de que o conheçam um dia e levem sua mensagem adiante? Mas há esperança, e Jesus a revela de uma maneira enigmática a princípio, dizendo:

> E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique para sempre convosco, o Espírito da verdade, o qual o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, pois ele habita convosco e estará em vós. Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós. Dentro em pouco o mundo não me verá mais, mas vós me vereis. Porque eu vivo, vós também vivereis. Naquele dia sabereis que estou em meu Pai, e que vós estais em mim, e eu em vós. [...] Essas coisas vos tenho falado enquanto ainda estou convosco. Mas o Consolador, o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que eu vos tenho dito. Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou. Eu não a dou como o mundo a dá. Não se perturbe o vosso coração nem tenha medo (Jo 14.16-20,25-27).

Jesus fala aqui de várias coisas marcantes. Fala da vinda do Espírito de Deus para os discípulos, e qualquer um que já tenha lido as Escrituras hebraicas sabe que o Espírito de Deus é uma força no mundo que procede do Pai. Mas Jesus se refere ao Espírito de determinadas maneiras que devem ter sido extraordinárias para eles.

Primeiro, ele diz que o Espírito não é uma simples força, mas uma pessoa. Em grego, um gênero é designado aos substantivos — masculino, feminino ou neutro —, sendo que a palavra grega para "espírito" é *neutra*. No entanto, Jesus fala do Espírito como "ele", mostrando que não está se referindo a uma energia divina nebulosa. Anuncia que, depois de sua partida — depois que morrer —, o Pai enviará uma pessoa em seu lugar. Segundo, Jesus afirma que irá embora e essa pessoa chegará. "... Se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, eu o enviarei" (Jo 16.7). Todavia, também avisou: "... *voltarei* para vós" (Jo 14.18, grifo do autor). De algum modo, será através dessa pessoa que eles conseguirão "enxergar" Jesus, embora o mundo não vá vê-lo, já que ele não estará presente corporalmente. Em determinado sentido, terá ido embora, mas, em outro sentido, sua presença permanecerá, mediada por essa pessoa que o Pai está enviando.

Que pessoa é essa? Jesus a chama de "outro Consolador". Essa designação varia em quase todas as traduções. A NVI traz "Conselheiro", enquanto outras mencionam "Ajudador" (IBB) ou "Auxiliador" (NTLH). Sempre que descobrir uma discordância como essa entre traduções, em geral é porque o sentido do termo srcinal tem matizes sutis e ricos demais para serem transmitidos por uma só palavra. "Consolador" pode levá-lo a pensar no gesto simples de segurar a mão, "conselheiro", em ouvir apenas, ao passo que "ajudador" ou "auxiliador" pode fazê-lo pensar em uma criança ou em um assistente pouco habilidoso. Talvez esses sejam alguns dos motivos porque a New International Version, em inglês, usa o termo "Advogado", que tem conotação legal, empregada para designar aquele que representa alguém no tribunal. Essa tradução transmite diferentes aspectos dessa palavra tão rica.

O termo grego nesse caso é *paraklete*, um substantivo. A forma verbal é *parakaleo*. *Kaleo* significa chamar ou direcionar alguém. *Para* significa acompanhar, sendo que o prefixo costuma ocorrer com o mesmo sentido em português, como em *paramédico*. Tem o sentido de ir junto a fim de servir de apoio. Ora, talvez você note certa tensão aqui. Chamar alguém consiste numa atitude enérgica, ativa, não passiva. Você indica a esse alguém uma verdade ou um objetivo. Não conversa com ele apenas, nem lhe pede nada; você o pressiona rumo a alguma coisa. No entanto, "acompanhar" significa ter empatia, manter um relacionamento, colocar-se no lugar do outro. A palavra representa a união de um desafio profético com o apoio sacerdotal.

Por isso o termo *conselheiro* na verdade não é tão ruim, se tivermos em mente um sentido particular. Quando você e eu pensamos nessa palavra hoje, o terapeuta nos vem à mente quase de imediato. Mas esse termo seria mais bem compreendido pensando na figura do "conselheiro legal", o advogado de defesa. Seu advogado se coloca do seu lado e tem empatia por você, com toda certeza. Mas ele não está ali apenas para confortá-lo. De fato, seu advogado de defesa pode ter coisas duras e desafiadoras a lhe dizer, mas sempre em favor de seu caso e causa. Note ainda que ele não fala apenas com você; também dirige a palavra aos poderes que são *por* você. Por isso as traduções que chamam o Espírito Santo de Advogado estão, creio eu, no caminho certo.

Assim é definido ou descrito o Espírito de Deus conforme o termo utilizado por Jesus para nomeá-lo. Mas também devemos observar que ele chama o Espírito de *outro* Advogado ou Conselheiro. Quem, então, é o primeiro? O único outro lugar no Novo Testamento em que a palavra *paraklete* é empregada encontra-se em 1João 2.1,2: "... se alguém pecar, temos um Advogado [*paraklete*] junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo. Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados de todo mundo". Portanto, Jesus é o primeiro Advogado, e o Espírito, o segundo.

Saiba que nessa palavra — *advogado, conselheiro* — temos a chave para a compreensão não só da obra de Jesus na cruz, mas também da obra do Espírito em nosso coração. Na verdade, eu seria capaz de argumentar que, se você não souber que Jesus foi o primeiro Advogado, não entenderá nada da obra do Espírito Santo como o segundo. Essa é a solução para o problema que Jesus viu no cenáculo aquela noite — homens que, após três anos de instrução e intimidade, ainda não entendiam sua obra nem o conheciam em profundidade. Vejamos primeiro o que a palavra nos mostra sobre a obra de Jesus e depois sobre a obra do Espírito.

O que Jesus fez na cruz? Talvez você responda: "Essa é fácil. Ele morreu por nossos pecados, e isso quer dizer que podemos ser perdoados". Mas, ao se nomear nosso Advogado no cenáculo, Jesus nos mostra que sua morte foi um ato mais radical do que isso. A primeira coisa que o termo sugere é a existência de um tribunal em algum lugar, uma espécie de corte universal e divina, diante da qual todos nos apresentamos. Ora, alguns de vocês devem estar dizendo: "Sou uma pessoa sofisticada, sou cético quanto à ideia de um julgamento divino". Mas me dê só um momento para eu lhe mostrar o motivo pelo qual, na minha opinião, no fundo você talvez sinta que esse julgamento existe de verdade, afinal de contas.

Para mim, uma das cenas mais terríveis de toda a literatura encontra-se na peça *Death of a salesman*,[1] de Arthur Miller. Willy Loman é um vendedor itinerante que se sente um fracassado. Sua autocomiseração o leva a trair a esposa com regularidade durante as viagens. Ele racionaliza, como os homens costumam fazer: "Tenho uma vida dura", ou: "Casos não significam nada", e assim por diante.

Talvez seu único consolo na vida seja que Biff, seu filho, o idolatra. Um dia, no entanto, Biff aparece em seu quarto de hotel e o pega com uma mulher. É uma cena terrível. No início, Willy tenta se gabar e diz: "Ora, veja bem, Biff, quando crescer, você compreenderá essas coisas". Biff se limita a olhar fixamente para o pai. Então Willy tenta intimidar o filho e lhe diz para esquecer todo o acontecido, ameaçando: "Isso é uma ordem!". Mas, quando enfim Billy foge, chamando-o de mentiroso e de "impostorzinho mentiroso", Willy cai de joelhos, com a alma nua de todas as suas racionalizações.

Estremeço ao ler a cena. Todas as desculpas de Willy se desvanecem diante dos olhos inocentes e honestos de Biff, que enfim consegue enxergar as coisas como elas de fato são. Willy gagueja e sente a cabeça girar, mas seu cinismo, seu autoengano e suas justificativas falsas vão esmorecendo até abandoná-lo por completo, e ele fica ali, com a alma exposta diante daqueles olhos sinceros.

No segundo capítulo da Carta aos Romanos, Paulo afirma em determinado momento que, no fundo, todo o mundo tem um senso (mesmo que o reprima) de que em algum lugar existe um par de olhos divinos a nos observar dessa maneira. Mas esses olhos são infinitamente mais penetrantes, justos e honestos do que os de Biff. Quando nos apresentarmos diante deles, todas as nossas desculpas se dissolverão. Claro, muita gente diz: "Não acredito na existência da tal justiça divina. Acredito que certo e errado são relativos, de acordo com as pessoas e as culturas". Mas não é verdade que já no instante seguinte essas pessoas agem como se houvesse a tal justiça? Quando alguém é cruel com você — embora sem cometer nenhum ato ilícito —, você não tem a sensação de que, seja o que for em que essa pessoa acredite em relação ao que faz, suas atitudes são simplesmente *erradas*? Você não pensa: "De acordo com os meus sentimentos morais isso é errado, mas de acordo com os dela podem não ser". Não, o instinto lhe diz que determinadas coisas são erradas mesmo que a cultura, ou a família, ou os sentimentos dos outros as justifiquem. Mesmo que pareça natural, sabemos que não é assim que as coisas devem ser. O que é natural pode ser errado se houver um padrão "sobrenatural" pelo qual julgá-lo. Não podemos fugir ao fato de que sabemos existir um tribunal em algum lugar para todos nós.

É o que a Bíblia ensina. Todos seremos julgados. Existe, *sim*, um padrão para nossa vida com que todos temos de lidar. E esse é o nosso dilema. Se a Bíblia está errada e Deus não existe, se não existe tribunal nenhum, e a violência e a injustiça são simplesmente naturais, então que esperança há para o mundo? Contudo, se *existe* um tribunal, que esperança há para você e para mim? Ninguém vive à altura nem mesmo dos próprios padrões morais, muito menos dos divinos. Veja o caso da regra de ouro: faça aos outros o que gostaria que lhe fizessem. Todo o mundo concorda com essa regra, no entanto quem a cumpre de fato?

Na sua opinião, o que é a consciência? De acordo com Paulo em Romanos 2, ela é como um receptor de rádio pegando transmissões do palácio de justiça. Você pensa: "Ah, a razão pela qual sempre me sinto culpado é minha mãe. Ela fez isso comigo". Então você se submete a um bocado de terapia, mas continua

se sentindo culpado; por que será? Bem, uma vivência familiar ruim consegue distorcer a consciência a ponto de ela exagerar na reação diante de determinadas coisas e deixar de reagir diante de outras; mas a família não é capaz de criar esse senso de culpa, apenas de piorá-lo. Paulo escreve que quem desconhece a lei de Deus ou nela não crê ainda assim demonstra que "o que a lei exige está escrito no coração deles, tendo ainda o testemunho da sua consciência e dos seus pensamentos, que ora os acusam, ora os defendem" (Rm 2.15). Portanto, se o julgamento divino existe, esse não é só um problema para enfrentarmos mais tarde; é um problema para nós *agora*. Damos a ele nomes que nos permitem atribuir a culpa a outros — "falta de autoestima" ou "vergonha e culpa" —, mas, na verdade, trata-se do tribunal de justiça que as consciências saudáveis inclusive captam na nossa vida, em nossas emoções, no entendimento que temos de nós mesmos a cada momento em que estamos despertos. Mesmo ao tirarmos de cena os pais autoritários e as normas culturais opressivas — mesmo quando nos deixam em paz com os padrões morais que escolhemos livremente —, ainda nos sentimos acusados. Há uma voz interna nos dizendo que somos tolos, impostores, fracassados e que não somos o que deveríamos.

Assim, no fundo sabemos que esse tribunal existe, como a Bíblia ensina. E que não temos condições de comparecer perante ele sozinhos. Quando a Bíblia chama Jesus de advogado, presume a existência do tribunal e o fato de que temos de lidar com ele, de nos apresentarmos diante dele. Essa é a primeira coisa que a palavra *advogado* sugere.

A segunda é que o papel primordial de Jesus Cristo não é ser um exemplo de comportamento moral (embora ele seja), nem de apoio amoroso (embora ele também o seja). Ainda que úteis, essas funções isoladas não supririam nossa necessidade. Se o tribunal existe — e nossa consciência dá testemunho de que existe —, então precisamos de um advogado de verdade.

Agora vamos pensar no que um advogado faz por você. Se você for acusado de um crime e tiver de comparecer a um tribunal, o que seu advogado de defesa representará para você? Há um entendimento de que, perante o juiz, seu advogado de defesa *é* você. Como o teólogo Charles Hodge disse uma vez, na corte você desaparece em seu advogado. Se você gaguejar, mas seu advogado for eloquente, como a corte o verá? Como alguém eloquente. Se você for ignorante, mas seu advogado, brilhante, que impressão você causará na corte? De que é brilhante. Em alguns casos, talvez não lhe peçam para falar ou nem mesmo comparecer pessoalmente ao tribunal. Seu advogado tomará o seu lugar, como um substituto. Portanto, que impressão você causa na corte? A impressão deixada por seu advogado, seja ela qual for. Se ele vencer, você vence. Se perder, você perde. Resumindo, você se perde nele, passa a estar *em* seu advogado.

Agora vejamos o poder do que João nos ensina em 1João 2.1. Ele afirma que, se você for considerado culpado no tribunal e até por sua consciência, do que necessitará? De um bom exemplo? De alguém que o ajude e lhe ofereça apoio? Que lhe mostre como reunir forças e se esforçar ainda mais? Que o acompanhe e diga "Você consegue!"? Alguém que conheça a lei e lhe mostre como você a infringiu? Sim, você precisará de tudo isso, mas nada disso constituirá sua principal necessidade. Você não precisará só de um bom advogado, mas de um Advogado perfeito, que compareça em seu lugar diante do Pai.

Todavia, temos de levar a metáfora um passo adiante. Se somos acusados no tribunal, não precisamos só de um advogado eloquente e inteligente, mas de um profissional que saiba compor nossa *causa* para defendê-la.

Nos primeiros dias depois que me tornei cristão, ouvi falar pela primeira vez dessa ideia de que Jesus Cristo "intercede" de alguma forma por mim junto ao Pai. Tirei-a do livro de Hebreus, no qual Jesus é retratado como nosso sumo sacerdote que se coloca diante do Pai em nosso favor, como os sacerdotes do Antigo Testamento faziam em prol do povo. Ouvir pela primeira vez a ideia de Jesus me representando perante o Pai me fez imaginá-lo comparecendo diante do trono mais ou menos assim: "Bom dia, Pai. E represento Tim Keller. E meu cliente, reconheço, está tendo uma semana muito ruim. Quebrou três ou quatro promessas que fez ao senhor. Infringiu várias de suas leis por ele conhecidas e aceitas. Pecou demais essa semana. Merece ser punido, mas, por favor, Pai, pode "pegar leve" com ele? Por mim? Peço que o senhor lhe dê outra chance". Foi assim que o imaginei falando. E também imaginei o Pai respondendo: "Bom, está certo. Ok. Por você, ele tem mais uma chance".

Ora, o problema com esse roteiro imaginário é que Jesus não defende uma causa; ele simplesmente pede outra chance. Lembro-me de pensar: "Por quanto tempo será que ele consegue levar adiante esse tipo de coisa, mesmo se tratando de Jesus?". Ficava me perguntando quando chegaria o momento em que o Pai enfim protestaria: "Agora chega! Cansei!". Mas minha imaginação estava mal informada. Não basta ao advogado sensibilizar o júri ou o juiz, ou tentar retardar o veredito, ou apelar para as técnicas jurídicas. O advogado não precisa de rodeios ou de manipulações emocionais, e sim de uma causa de verdade para defender. E é só o que Jesus tem.

Qual é a causa que ele tem para defender? João prossegue, revelando-a em 1João 2.2. Primeiro João diz: "Ele é a propiciação pelos nossos pecados...". Ao se colocar diante do Pai, na verdade Jesus não pede misericórdia em nosso favor. Claro que foi infinitamente misericordioso da parte de Deus enviá-lo para morrer por nós, mas esse ato de misericórdia já foi concedido, portanto Jesus não precisa suplicar por ele. Em 1João 1.9 lemos: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e *justo* para nos perdoar os pecados..." (grifo do autor). Note que o texto não está dizendo que, se os cristãos confessarem seus pecados, Deus os perdoará por lhes conceder mais uma chance em outro ato de misericórdia. Não, o que o texto diz é que ele perdoa por ser fiel e justo. Não nos perdoar seria injusto. Como é possível uma coisa dessas?

A melhor maneira de conseguir a absolvição para seu cliente não é acalentar a esperança de conquistar a simpatia do júri, e sim mostrar que seu cliente *deve* ser absolvido pela lei. Você quer ser capaz de dizer com integridade e convicção: "Assim diz a lei, e a lei exige a absolvição do meu cliente". Você deseja apresentar uma defesa que não seja baseada em como o júri se sente no momento, mas que se ajuste ao texto legal. Jesus faz essa defesa! Ele pode dizer: "Pai, meu povo pecou, e a lei requer que o salário do pecado seja a morte. Acontece que eu paguei por esses pecados. Veja, eis aqui meu sangue, a prova da minha morte! Paguei na cruz o preço total por esses pecados. Ora, alguém exigir dois pagamentos pelo mesmo pecado seria injusto. Portanto, não peço misericórdia para eles, mas justiça".

Uma defesa infalível, se as afirmações de Jesus forem verdadeiras. Por isso João podia dizer que, quando os cristãos confessam seus pecados, são perdoados, pois a justiça divina agora exige isso! Todas as outras filosofias e todas as outras religiões do mundo encaram a vida como os pratos da justiça. Lembra-se da mulher vendada segurando uma balança? Nessa metáfora, você ocupa um prato da balança. No outro está a lei de Deus. Ela diz: "Dê a Deus o primeiro lugar. Ame todo o mundo. Obedece à regra de ouro". A lei de Deus vai se acumulando e pesando contra você, desequilibrando os pratos da balança. Você então é obrigado a passar o resto da vida desesperadamente empilhando boas obras e obtendo mérito para compensar o peso da lei divina. Em outras palavras, a lei de Deus se volta contra você, portanto é melhor você levar uma vida correta ou ela ultrapassará seu peso e se converterá em sua condenação. A lei de Deus aponta o tempo todo na direção da sua condenação, e você precisa compensá-la ou neutralizá-la.

Mas sabe qual é a boa notícia? Se Jesus é seu Advogado, a lei de Deus agora pesa inteiramente *a seu favor*. Ela está do seu lado da balança. Quando você deposita sua fé em Jesus, quando diz de coração: "Pai, aceita-me por causa do que Jesus fez", a obra de Jesus na cruz é transferida para a sua conta. Agora a lei de Deus exige sua absolvição. Por isso, quando João chama Jesus de nosso Advogado, também o chama de "o Justo". Essa expressão sugere que, ao olhar para você, se você for cristão, Deus o enxerga "em Cristo". Por si mesmo, sozinho no seu prato da balança, você é um pecador; mas em Cristo você é perfeito, justo, belo e correto. Você se perdeu em seu Advogado.

Paulo escreveu em 2Coríntios 5.21: "Daquele que não tinha pecado Deus fez um sacrifício pelo pecado em nosso favor, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus". Isso significa que, assim como Jesus não praticou o pecado, mas foi tratado como pecador e punido na cruz, agora nós, os que nele cremos, embora não sejamos justos e perfeitos, somos tratados como justos, belos e perfeitos pelo Pai, por causa de Jesus.

Portanto, qual a função do primeiro Advogado? É dizer para o Pai: "Veja o que fiz. Agora, aceite-os em mim". Então qual a função do outro Advogado, a quem Jesus promete nos enviar, o Espírito Santo? Lembre-se de que jamais entenderemos a obra do segundo Advogado se não compreendermos a obra do primeiro. Muitos dizem que o Espírito Santo nos dá poder, e é verdade, mas como ele faz isso? Simplesmente nos conferindo níveis mais elevados de energia? Não — ao chamá-lo de *outro* Advogado, Jesus nos deu a grande chave para entender como o poder concedido pelo Espírito Santo funciona.

O primeiro Advogado fala com Deus em seu favor, mas o segundo fala com *você* também em seu favor. Ao longo de todo o discurso de despedida, Jesus afirma o tempo inteiro que a obra do Espírito é tomar todas as coisas que ele, Jesus, fez em nosso favor — tudo que os apóstolos ainda não tinham entendido muito bem — e ensinar, fazer lembrar e capacitar os apóstolos a, enfim, entender tudo que Jesus lhes ensinara sobre sua obra salvadora (Jo 14.26). O teólogo J. I. Packer explica que o ministério do Espírito Santo é muito parecido com o de um holofote. Ao passar por um prédio à noite, se ele estiver iluminado por um holofote, você dirá: "Veja que belo prédio". Talvez nem perceba de onde está vindo a luz. O trabalho do holofote não é se mostrar a você, mas revelar a beleza do prédio, deixar todas as suas características arquitetônicas em evidência.

No cenáculo, na noite antes da cruz, os apóstolos ainda não fazem a menor ideia do quanto ele os ama, do que lhe custará amá-los ou do que seu amor realizará por eles. Tudo ainda está meio obscurecido para eles. Portanto, embora tenham convivido com ele durante três anos, ainda não encontraram o Jesus real. Não o conhecem de fato. Mas o Espírito Santo virá. E não apenas lhes segurará a mão ou lhes dará energia, mas lhes ensinará a verdade profunda e transformadora de vida. Por fim, os ajudará a enxergar a profundidade do seu pecado (Jo 16.9). E, por fim, lhes mostrará o que Jesus fez por eles.

Amo o fato de o Espírito Santo não atuar como mero instrutor, mas como Advogado. Apesar de ser "o Espírito da verdade", ele não nos ensina e informa apenas, antes nos chama para vivermos de acordo com o que diz. Convence-nos do pecado e nos desafia (Jo 16.8-11). Na verdade, ele diz: "Você é um pecador; está vivendo com a humildade e com a dependência de Deus resultantes desse fato? No entanto, você também é justo em Cristo, adotado e aceito na família. Está vivendo com a ousadia e a liberdade compatíveis com esse fato? Você é tão livre da necessidade de poder, aprovação e conforto mundanos quanto deveria?". O Espírito argumenta conosco, nos exorta, suplica e roga (boas traduções, todas elas, de *parakaleo*) para que vivamos de acordo com as realizações e realidades do amor de Cristo. Por isso Jesus diz que, por meio do Espírito Santo, ele enfim se manifestará a seus amigos (Jo 14.21), que o verão e conhecerão sua presença amorosa.

Você percebe a implicação disso? Os apóstolos não conheceram Jesus de verdade — *nem poderiam* — até ele ir embora corporalmente e retornar por meio do Espírito Santo. Isso é muito encorajador para os cristãos. Por exemplo, é natural para nós acharmos que seria melhor ter vivido na época de Cristo, conhecê-lo em pessoa, ouvi-lo com nossos próprios ouvidos e vê-lo com nossos próprios olhos. Talvez você creia que poderia conhecê-lo melhor dessa maneira do que o conhece agora — mas, nesse caso, você está enganado. Antes de Jesus morrer, o Espírito Santo não fora liberado no mundo desse modo poderoso, e só se pode conhecer Jesus plenamente através da influência do Espírito, quando ele lhe mostra, à sombra da cruz, o quanto o seu amor por nós é alto, longo, amplo e profundo. Em outras palavras, bem aqui e agora, mediante o Espírito Santo, você consegue ver Cristo e conhecer sua presença e seu amor melhor do que os apóstolos naquele momento no cenáculo.

Mesmo sendo cristão, é provável que você não viva como se isso fosse verdade. É provável que não perceba a magnitude do que lhe está sendo oferecido no Espírito Santo. Imagine-se um bilionário com três notas de dez dólares na carteira. Ao descer de um táxi, você entrega ao motorista uma das notas para pagar a corrida que custou oito dólares. Mais tarde, no mesmo dia, você olha na carteira e descobre que só resta uma nota de dez ali. "Ou deixei cair a outra nota de dez em algum lugar", você conclui, "ou entreguei duas notas ao motorista do táxi"; Que atitude tomar agora? Você vai se sentir chateado? O ocorrido estragará o restante do seu dia? Você pensa em procurar a polícia e exigir que varram a cidade atrás do taxista? Não. Você dará de ombros. É bilionário. Foram-se dez dólares. E daí? É rico demais para se preocupar com esse tipo de perda.

Alguém o criticou esta semana. Algo que comprou ou em que investiu acabou revelando ter menos valor do que você imaginava. Algo que queria não aconteceu como esperava. Alguém com quem contava o deixou na mão. São perdas reais: de reputação, de riqueza material, de esperanças. Mas, se for cristão,

o que você fará? Esses reveses conseguirão acabar com a alegria da sua vida? Você apontará o punho cerrado para Deus? Passará a noite inteira rolando na cama? Se assim for, suponho que seja por não saber o quanto é rico. Você não está dando ouvidos ao segundo Advogado quando ele fala sobre seu primeiro Advogado. Não está vivendo em alegria. Está se esquecendo de que os únicos olhos do universo que importam o veem não como o "impostorzinho mentiroso" que você é de vez em quando, mas como alguém dono de uma beleza fascinante. Se o aborrece tanto assim seu *status* em relação às outras pessoas, se vive dando coices nos outros por ferirem seus sentimentos, você talvez chame isso de falta de autocontrole ou falta de autoestima. E é. Mais fundamental que isso, no entanto, é saber que você perde por completo o contato com sua identidade. Como cristão, você é um bilionário espiritual roendo as unhas por causa de dez dólares. É função do segundo Advogado argumentar com você no tribunal do seu coração, defender quem você é em Cristo, mostrar-lhe o quanto você é rico. A sua função é ouvir.

Como ouvir melhor? Esse é um tema importante, mas, se você crê, o Espírito Santo realizará sua obra à medida que você utilizar os "meios da graça": lendo e estudando a Palavra sozinho e em comunidade, orando, adorando e submetendo-se aos sacramentos do batismo e da ceia do Senhor. Se você não utiliza nada disso, não está oferecendo ao outro Advogado espaço para realizar sua obra. Ou, caso se dedique a essas coisas de modo impensado e rotineiro, estará tecnicamente presente, mas com os ouvidos fechados à instrução, ao conforto, ao conselho e à advocacia por ele exercida.

Se você não experimenta a obra do segundo Advogado, não há como medir sua perda. Jesus diz: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou. Eu não a dou como o mundo a dá..." (Jo 14.27). Sem a obra do Espírito você não pode conhecer Jesus ou conhecer sua paz. Sob que aspectos a paz do mundo é diferente da de Jesus? Primeiro, hoje nos dizem sempre que podemos alcançar a paz evitando pensar demais nos grandes questionamentos da vida. Há alguns anos, tive um amigo que estudava medicina. Ele contou que lhe ensinaram na faculdade como o corpo humano é frágil, quantas coisas podiam dar errado com facilidade e quantos milhões de vírus e micróbios andavam por aí, prontos para atacar a qualquer instante. Isso o desanimava. Perguntei-lhe como lidava com o medo e ele respondeu que se esforçava para não pensar no assunto. Em grande escala, assim funciona a "paz" do mundo. A vida é atroz, desumana e curta, e então a gente morre. Melhor não pensar no assunto. Mas a paz de Cristo funciona no sentido oposto, não por pensar menos, e sim mais. Não por ignorar a realidade, mas por prestar atenção a ela. O Espírito Santo lhe diz que o Pai o ama; sua felicidade eterna está garantida. Em outras palavras, Cristo nos dá material verdadeiro sobre o qual pensar que suplanta a escuridão desta vida, ao passo que o mundo só consegue aconselhar: "Cantarole alto e desvie o olhar".

Além disso, enquanto a paz cristã se mostra firme e constante, a paz do mundo é intermitente, porque se baseia em circunstâncias. As pessoas gostam de você, o dinheiro está entrando, seu emprego vai muito bem, você acaba de fechar um negócio, o cenário é lindo a sua volta e você se sente em paz. Mas, quando o mercado de ações cai e você sofre um fracasso, fica deprimido e agitado. Por quê? Porque sua paz depende das circunstâncias.

Certa vez ouvi a história de um pregador galês do século 18 que, ainda adolescente, reuniu-se com a família ao redor do leito de morte de uma das tias. Ela fora uma cristã vigorosa, mas agora estava

morrendo. Como todos achassem que ela estava inconsciente, alguém comentou em voz alta: “Uma vergonha; ela teve uma vida muito dura. Viu dois maridos morrerem, vivia doente e, ainda por cima, vai morrer pobre”. De repente a tia abriu os olhos, olhou para todos ao redor e disse: “Quem me chamou de pobre? Sou rica, rica! E logo estarei diante do Senhor, destemida feito um leão”. E morreu.

Isso causou um efeito e tanto sobre o rapaz, o que é compreensível. A mulher tinha a paz de que Jesus falou porque dera ouvidos ao Advogado. Ela dissera: “Tenho o único marido que não pode morrer. Tenho a única riqueza que nunca vai embora. E meu Salvador cuidou há muito tempo do problema do pecado, a única enfermidade capaz de me matar de verdade. Como você pode me chamar de pobre?”. O segundo Advogado lhe falara sobre o primeiro, de modo que, diante de grande perda, ela conseguia afirmar, como o autor do hino escreveu: “Tudo vai bem, vai bem com minha alma”[2].

O mesmo pode acontecer com sua alma. O Espírito, o segundo Advogado, talvez até esteja lhe falando neste exato momento. Permita que ele lhe diga: “Sim. Jesus é seu Advogado. Ele não é lindo? Deposite sua fé nele”. Se você depositar sua fé na obra de Jesus, pode até se colocar diante do trono do julgamento, destemido como um leão. Deus o vê sem mácula, sem culpa, por isso você pode cantar:

> Bem pode o acusador me acusar
> dos pecados que cometi.
> Conheço-os todos e milhares mais.
> Jeová não conhece nenhum.

Portanto, era disso que Jesus falava a seus discípulos no cenáculo. Era essa sua boia salva-vidas lançada àqueles que haviam falhado com ele em vida e mudariam o mundo após sua morte. “Creiam em mim e recebam o Espírito quando eu for. Ouçam-no acerca da minha defesa infalível e ele lhes dará uma paz infalível.” Quer se considere ou não um descendente espiritual dos discípulos, essas palavras foram proferidas também para você.

[1] Edição em português: *A morte de um caixeiro-viajante e outras 4 peças*, tradução de José Rubens Siqueira (São Paulo: Companhia das Letras, 2009).

[2] Horatio Spafford, *It is well with my soul* (1873).

OITO

O MESTRE OBEDIENTE

O tempo que Jesus passou no jardim do Getsêmani, antes de sua morte, costuma ser visto como exemplo interessante e convincente da fraqueza dos seus discípulos, que permanecem quase até a última hora sem nem uma pista sequer do que seu mestre está prestes a sofrer. Mas a experiência de Jesus naquele lugar obscuro não foi de fato um interlúdio entre acontecimentos de carga dramática mais elevada e significativa. Algo aconteceu ali que pede uma explicação mais aprofundada. Talvez em nenhuma outra parte da Bíblia tenhamos um olhar mais penetrante da vida interior, da motivação e da experiência de Jesus. A cena lança muita luz sobre como e por que ele morreu e sobre como deveríamos responder a esse fato, tanto quanto qualquer outra porção dos relatos dos Evangelhos, incluindo as narrativas da crucificação.

Para ter uma imagem completa do que aconteceu, devemos recorrer aos relatos de Mateus, Marcos e Lucas. Aqui está o início da cena, de acordo com Mateus:

> Então Jesus foi com os discípulos a um lugar chamado Getsêmani e disse-lhes: Sentai-vos aqui, enquanto vou ali orar. E levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se. Então ele lhes disse: A minha alma está tão triste que estou a ponto de morrer; ficai aqui e vigiai comigo (Mt 26.36-38).

Primeiro quero analisar a magnitude da dor experimentada por Cristo nesse instante. Mateus, Marcos e Lucas encontraram, cada um deles, um modo de nos relatar que a dor e sofrimento de Jesus eram enormes, muito além do que esperaríamos em um momento como esse. Mateus registra as palavras de Jesus: “A minha alma está tão triste que estou a ponto de morrer”. Ele experimentava uma agonia interna e mental tão insuportável que tinha a impressão de que a dor já bastaria para matá-lo bem ali, de imediato.

Ora, Jesus é chamado de “homem de dores”. Ao longo de toda sua vida nós o vemos chorar e suspirar muito mais do que exultar. Seu fardo, no entanto, é algo muito maior. Mateus indica que, quando se afastava do grupo maior de discípulos, acompanhado de Pedro, Tiago e João, indo em direção ao jardim para orar, Jesus “*começou* a entristecer-se e a angustiar-se” (26.37, grifo do autor). Essa mudança

acontece no caminho, quase como se descesse sobre ele em tempo real. Não só a agonia mental era intensa a ponto de ele achar que ia morrer, mas, de acordo com Marcos, Jesus se surpreendeu com ela. Marcos usa o termo grego *ekthambeisthai*, que quer dizer ser transportado para um "intenso estado emocional devido a algo que causa grande surpresa ou perplexidade".[1] Algumas traduções diminuem o impacto do sentido pleno dessa palavra, vertendo-o para "angustiar-se" apenas. Pergunto-me se isso acontece por termos a sensação de que, se Jesus é de fato quem afirma ser — o Filho de Deus infinitamente preexistente que veio à terra —, não deveria se sentir assombrado com nada. Como poderia a segunda pessoa da Trindade, que mesmo em sua forma humana parece antever todas as probabilidades, ficar chocada? Mas ele fica. Cambaleia aturdido, atônito. A caminho de orar, a escuridão e o horror descem sobre ele além de qualquer coisa que pudesse ter previsto, e a dor que provocam faz com que ele sinta que se desintegra ali mesmo.

Considere que todos os escritores dos Evangelhos sabiam, na época em que compuseram suas narrativas, que muitos dos seguidores de Jesus seriam capazes de enfrentar a morte com notável serenidade. Lucas registra que, quando o líder cristão Estêvão ficou face a face com seus executores, "seu rosto era como o de um anjo" (At 6.15), e, quando o apedrejaram até a morte, ele orou gentilmente pela absolvição daquelas pessoas (At 7.60). Os primeiros escritores cristãos, como Inácio de Antioquia e Policarpo, salientaram a atitude confiante com que os cristãos enfrentavam a tortura e a morte. Um historiador contou que essa era uma das maneiras pelas quais os pensadores cristãos tentavam recomendar sua fé à população pagã. Argumentavam que os cristãos sofriam e morriam de um jeito melhor do que os pagãos.[2] Iam ao encontro dos leões entoando hinos; entregavam-se às chamas com as mãos erguidas em oração.

Jesus Cristo, porém, enfrenta a morte de um modo diferente de como seus seguidores a enfrentaram. Não tem o rosto radiante como a face de um anjo. Não se mostra calmo ou em paz nem mantém a atitude confiante. Com certeza foi assim mesmo que aconteceu. Se Mateus, Marcos e Lucas quisessem inventar ou embelezar a vida do fundador da fé que professavam, será que o retratariam lutando diante da morte iminente com mais desespero do que seus seguidores?

Qual é a razão, nesse caso, da magnitude da agonia e do pavor de Jesus face à própria morte? A resposta é: sua morte era diferente da que qualquer outra pessoa já enfrentara ou viria a enfrentar.

Veja a próxima parte do relato de Mateus:

> E, adiantando-se um pouco, prostrou-se com o rosto em terra e orou: Meu Pai, se possível, afasta de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres. Voltando para os discípulos, achou-os dormindo; e disse a Pedro: Vós não pudestes vigiar comigo nem uma hora? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito está pronto, mas a carne é fraca. Retirando-se mais uma vez, orou: Meu Pai, se não for possível afastar este cálice sem que eu o beba, seja feita a tua vontade. E, voltando outra vez, Jesus achou-os dormindo, porque seus olhos estavam pesados. Deixando-os novamente, foi orar pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras (Mt 26.39-44).

Mateus, Marcos e Lucas, todos eles mencionam "o cálice" como o cerne da oração de Jesus aquela noite. Na antiguidade, o cálice era como a cadeira elétrica. Pense na maneira como Sócrates foi executado: bebendo um cálice de veneno. O "cálice" não representava todo tipo de morte, mas apenas a

ordenada em juízo. O emprego do termo pelos apóstolos significa que Jesus sabe da sua execução. Mas "o cálice" significa mais do que isso.

Na Bíblia, "o cálice" refere-se também à justa ira do próprio Deus contra a injustiça e a prática do mal. Em Ezequiel 23 lemos: "... Beberás [...] do cálice de pavor e de assolação [...] mutilarás teus próprios seios..." (v. 32-34). Em Isaías 51.17 lemos sobre aqueles que bebem do "cálice da sua [de Deus] ira; [...] da taça do atordoamento". A razão pela qual Jesus Cristo não morreu tão graciosamente quanto os futuros mártires cristãos é porque eles não tiveram de enfrentar um cálice. Quando o próprio Jesus fala do cálice, mostra saber que está diante não só da tortura física e da morte, mas prestes a provar toda a ira divina contra o mal e o pecado da humanidade inteira. A ira justa de Deus está prestes a se abater sobre ele, em vez de ser desferida contra nós.

E, embora o derramamento da ira assolasse com toda força a cruz só no dia seguinte — quando Jesus clamou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46) —, concordo com os comentaristas que acreditam que Jesus a tenha experimentado por antecipação aqui, no jardim do Getsêmani. Qual deve ter sido a sensação da ira justa? A tortura da ausência divina.

Lemos em 2Tessalonicenses 1.7,8: "... quando o Senhor Jesus se revelar do céu [...] punindo os que não conhecem a Deus e os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus". O julgamento de Deus na Bíblia é incrivelmente justo. É uma consequência absolutamente natural. A essência do pecado é: "Não quero Deus na minha vida". E a essência da ira justa de Deus é dar-nos o que pedimos. A verdade é que não há nada mais justo que isso e nada mais terrível. De acordo com a Bíblia, fomos todos feitos para Deus, para desfrutar de sua presença e de um relacionamento com ele. Aqui na terra, mesmo aqueles que não creem em Deus e fogem da sua presença não estão completamente separados dele. Paulo diz que em Deus "vivemos, nos movemos e existimos" (At 17.28). Ele se dirigia a filósofos gregos da época, gente que não cria em Deus. Queria dizer com isso que, embora possamos não reconhecer o Deus da Bíblia, ele ainda sustenta nossa vida por meios que não conseguimos perceber. O que aconteceria se de fato Deus removesse seu poder gracioso e sustentador de nossa vida? Uma espécie de agonia e desintegração espiritual que se prolongaria para sempre, uma vez que nossas almas são feitas para seu amor e presença. Seria o tormento eterno e perfeitamente justo. Como diz C. S. Lewis em *The great divorce*,[3] se nesta vida você nunca disser a Deus "Seja feita a tua vontade", por fim Deus lhe dirá, para toda a eternidade: "Está bem, seja feita então a *tua* vontade". Se você quer liberdade de Deus, nada mais justo que receba aquilo que espera. E será um tormento.

Agora volte a Jesus Cristo no jardim e reflita. Como um ser humano na terra, Deus sustentou sua existência humana consciente. Jesus teve acesso à alegria da presença de Deus na oração regular e na comunhão com o Pai. No entanto, diferentemente de qualquer outro ser humano, ele havia compartilhado a intensidade perfeita de amor de Deus. Havia conhecido o êxtase infinito da plena comunhão com o Pai. Ao entrar no jardim e começar a orar, no entanto, de repente — pela primeira vez em toda a eternidade — encontrou as linhas de comunicação interrompidas. É o que Bill Lane, autor de um comentário sobre Marcos, diz sobre o jardim:

> O sofrimento e a ansiedade terríveis, dos quais brota a oração para que seja afastado o cálice, não são expressão de medo diante de um destino sombrio, nem um recuo ante a perspectiva do padecimento físico e da morte. Antes são *o horror de alguém que vive inteiramente para o Pai perante a perspectiva da alienação de Deus, que está implícita no juízo do pecado assumido por Jesus* [...] Ele veio para estar com o Pai [...] antes de ser traído, mas o inferno, não o céu, se abriu a sua frente, e Jesus cambaleou.[4]

Lembre-se do que Ezequiel e Isaías disseram. O cálice da ira de Deus é como um veneno que faz o corpo cambalear e queimar de dor interior. É o que está começando a acontecer com Jesus. Ele se põe a orar e de repente enxerga o fundo do abismo. Sem Pai, sem presença, sem comunhão; inferno em vez de céu se abre ao seu olhar. E o único modo de conceber a magnitude infinita dos seus sofrimentos é constatar que ele é o Filho de Deus. Se eu perdesse o amor de um amigo, seria doloroso. Se perdesse o amor dos meus filhos ou da minha esposa, seria infinitamente mais doloroso. Quanto mais antiga, mais profunda e mais íntima a relação de amor, mais queima a dor quando o relacionamento é rompido. Mas o perfeito relacionamento de amor do Filho com o Pai está tão além do meu relacionamento de amor com minha esposa quanto um oceano está distante de uma gota de orvalho. E é isso que Jesus está perdendo.

No entanto, sua dificuldade era ainda maior, pois Jesus começou a experimentar não a mera ausência de amor, mas a presença da ira. E, assim como o amor divino está imensuravelmente além do amor humano, assim a experiência da ira divina deve estar além da ira humana. Deus é onipotente, isto é, dotado de poder infinito. Como imaginar a sensação de uma montanha de ira divina se abatendo sobre nós? Quanto pesa a onipotência?

O Evangelho de Lucas afirma que Jesus estava literalmente "em agonia" (do grego *agonia*, traduzido pela Almeida Século 21 como "angústia") e acrescenta que, ao orar, seu suor abundante era "como gotas de sangue". Isso pode significar que houvesse suor em seu sangue, uma vez que pessoas em grande trauma podem sofrer o rompimento de vasos próximos à superfície da pele, fazendo com que o sangue se misture à transpiração. Ou pode significar que os rios de suor eram como o sangue que logo estaria sendo vertido e escorrendo por seu corpo. De um jeito ou de outro, ele está no seu limite. Começa a experimentar a incrível agonia de ser afastado do Pai, de tal forma que cai no chão e suplica: "Não permita que aconteça uma coisa dessas".

E por que a magnitude da agonia? Porque Jesus Cristo não estava simplesmente morrendo como qualquer pessoa morreria. Ele estava perdendo sua perfeita comunhão com o Pai por nós. E, como nosso substituto, estava recebendo a ira judicial de Deus. Jonathan Edwards resumiu isso assim: "O conflito na alma de Cristo, nessa visão de seus últimos sofrimentos, era aterrador, além de qualquer expressão ou concepção".[5]

Também desejo analisar o momento escolhido para o início da agonia de Jesus. Com o auxílio de teólogos como William Lane e Jonathan Edwards, venho argumentando que Jesus estava tendo uma prova antecipada da ira divina ali no jardim. Mas por que é tão importante que ele experimente essa prova com tanta intensidade agora, antes do momento da crucificação? A resposta revela uma parte da doutrina cristã que costuma ser negligenciada ou mal compreendida, mas que traz profundo consolo.

Ao longo dos anos, os teólogos têm feito uma distinção entre os aspectos passivo e ativo da obra de Cristo. Costuma-se ensinar que, em sua obediência passiva, Jesus tomou para si a punição que nós

merecíamos; teve a morte que nós deveríamos ter morrido. Em sua obediência ativa, no entanto, teve a vida que nós deveríamos ter vivido.[5] A afirmação pode soar esotérica, mas na verdade é muito prática.

Ao ir para a cruz, Jesus tomou sobre si o castigo pelos pecados que nós merecemos, não ele. A isso se tem chamado historicamente de sua obra "passiva": ele recebeu a punição por nossa desobediência à lei de Deus. Por conseguinte, nós, que cremos em Jesus, estamos livres de qualquer condenação por esses pecados. Ainda que isso fosse tudo que ele tivesse feito por nós, poderíamos nos sentir gratos por ele não nos punir por aquilo que fizemos no passado. Poderíamos nos sentir extremamente aliviados por Deus não mais ficar com raiva de nós. No entanto, ainda não teríamos evidência de que ele de fato nos ama, pois só porque um pai não pune seu filho não significa que tenha prazer nele. Portanto, se você cresse apenas na obra passiva de Jesus, mesmo assim poderia se sentir sob grande pressão e medo de não ter verdadeiramente "se acertado com Deus" e de ainda poder perder o favor de Deus caso errasse. Saberia que foi perdoado, mas com certeza não sentiria a segurança de ser amado.

Contudo, absorver o castigo com passividade não é tudo que Jesus fez por nós. Ao longo de toda sua vida, e acima de tudo em sua morte, ele também cumpriu as exigências positivas da lei de Deus, o que tem sido chamado de sua obra "ativa". Jesus não só morreu a morte que nós deveríamos ter morrido como resultado de recebermos sobre nós a maldição da lei, como também viveu a grande vida de amor e fidelidade que nós deveríamos ter vivido a fim de merecer a bênção de Deus. Ninguém jamais amou a Deus com toda sua alma, mente e força — ninguém jamais amou seu próximo com amor perfeito, pleno e sacrificial — a não ser Jesus. O que uma vida como essa merece? A mais elevada bênção e honra, o mais elevado louvor da parte de Deus. O pleno amor e deleite de Deus. E porque Jesus não só cumpriu a lei de Deus passivamente, mas ativamente — em nosso lugar, como nosso substituto —, ele não apenas recebe a punição por nós merecida, mas nós recebemos o prêmio de Deus que ele merecia. Trata-se de uma salvação *completa* e espontânea, cheia de graça sobre graça.

O que isso tem a ver com as lutas de Jesus no jardim do Getsêmani? Ali não foi apenas o começo de sua obediência passiva, morrer em nosso lugar? Não; foi mais do que isso.

Uma coisa é ter conhecimento de algo de modo cognitivo, em termos abstratos; outra bem diferente é saber de algo com todo o seu ser. Podemos saber com a mente que a experiência na cadeira do dentista será dolorosa, mas marcamos a consulta e acomodamo-nos nela fazendo piadas nervosas. Só que, assim que o motorzinho começa a funcionar, pensamos: "Se eu soubesse que seria assim jamais teria vindo. Não vale a pena". Ora, e se, de alguma forma, enquanto decidia ainda em casa se marcava ou não a consulta, você pudesse, por um ou dois minutos, ter uma amostra de como seria a dor que experimentaria? Se isso fosse possível, a maioria dos dentistas do mundo estaria desempregada.

Até agora, Jesus com certeza *sabia* o que estava por acontecer. Ele dizia o tempo todo a seus discípulos que viera para sofrer e morrer. Vimos antes que a sombra dessa noite pairava sobre ele no casamento em Caná e que ele curou Lázaro ciente de que estava pondo em movimento os acontecimentos que resultariam na cruz. No entanto, seu espanto ao entrar no jardim revela que só agora Jesus começa a entender, pela experiência, o que está prestes a suportar. No dia seguinte, em público, ele será pregado na cruz. A partir daquele instante não terá mais como fugir ao próprio destino. Mas ali, no escuro do jardim,

com os discípulos adormecidos, quando Jesus poderia ter se evadido com facilidade, o Pai o faz saber o que lhe sobrevirá. Como diz Jonathan Edwards no sermão "A agonia de Cristo": "Foi a primeira vez que Cristo teve uma visão plena da dificuldade envolvida na ordem que recebera; ela lhe pareceu tão enorme a ponto de provocar o suor de sangue". Assim, quando vai para a cruz por nós, depois da experiência no jardim, ele o faz com o conhecimento vívido, em primeira mão, do que sucederá. Isso torna a ação de Jesus o grande gesto de amor ao Pai — e aos seres humanos seus companheiros — na história do mundo. Ninguém jamais enfrentou tamanho sofrimento a fim de amar, e ninguém jamais amou assim. Edwards continua:

> A agonia de Jesus Cristo foi causada por uma visão vívida, brilhante, plena e imediata da ira de Deus. O Pai, por assim dizer, depositou o cálice na sua frente, o que foi muito mais terrível do que a fornalha de Nabucodonosor. Ele agora tinha uma visão de perto da fornalha em que estava prestes a ser lançado. Parou e viu as chamas abrasadoras, o brilho intenso do calor que emitiam, de modo que ele sabia onde ia e o que estava prestes a sofrer. Sentiu o que Ezequiel dissera: "Beberás [...] do cálice de pavor e de assolação, [...] mutilarás teus próprios seios" (23.32-34). Sentiu o que Isaías anunciara: "... bebeste [...] o cálice da sua ira; [...] da taça do atordoamento..." (51.17). Cristo estava para ser lançado dentro de uma fornalha terrível de ira e não era apropriado que mergulhasse dentro dela de olhos vendados, como se não soubesse quão terrível ela era. Portanto, Deus o levou e o colocou à entrada da fornalha para que pudesse olhar dentro dela, ver-lhe as chamas ferozes e intensas e para onde ia, para que assim entrasse naquele lugar que suportaria por nós por vontade própria, sabendo o que era. Se Jesus Cristo não tivesse pleno conhecimento do cálice antes de tomá-lo e dele beber, não teria sido um ato seu como ser humano. Mas, quando bebeu do cálice sabendo o que fazia, seu amor por nós foi infinitamente mais maravilhoso, e sua obediência a Deus, infinitamente mais perfeita.

Deus colocou o cálice diante de Jesus, por assim dizer, e deixou que ele o cheirasse e provasse quando ainda era possível afastá-lo e se proteger. De fato, o Pai estava dizendo: "Eis o cálice de que você está para beber. Eis a fornalha em que você está para ser lançado. Vê os seus amigos dormindo logo ali? Se for para que sejam salvos, não há nenhum outro caminho. Ou eles perecem, ou você perece. Veja quão terrível é o calor, veja que dor e angústia terá de suportar. Seu amor por eles e por mim é tão grande que se dispõe a seguir em frente e tomá-lo?".

Edwards imagina que Jesus poderia ter olhado para os discípulos, que não conseguiam nem permanecer acordados para apoiá-lo no momento de maior necessidade, e dito com absoluta justiça e segurança:

> Por que deveria eu, que tenho vivido desde toda a eternidade desfrutando do amor do Pai, lançar-me dentro dessa fornalha por eles, que jamais conseguirão me retribuir por isso? Por que deveria me entregar para ser assim esmagado pelo peso da ira divina por causa dos que não me têm nenhum amor e são meus inimigos? Eles não merecem nenhuma união comigo, nunca mereceram e nunca farão nada para se tornar aceitáveis a mim.

Ele *poderia* ter dito isso com justiça, mas não o fez. Não era essa a linguagem do seu coração. Em vez disso, Jesus disse para Deus: "Seja feita a tua vontade". Edwards conclui: "Suas dores abundavam, mas seu amor abundava muito mais. A alma de Cristo estava esmagada debaixo de uma avalanche de dor, mas que vinha de uma avalanche de amor pelos pecadores suficiente para transbordar para o mundo e esmagar as mais altas montanhas de pecado que ele contém. Aquelas grandes gotas de sangue que caíram no chão eram a manifestação de um oceano de amor no coração de Cristo".

Como vimos dizendo, não basta afirmar que esse foi o maior ato de amor na história; foi também o ato mais assombroso e perfeito de obediência a Deus. No início da história havia igualmente um jardim e uma ordem. Deus colocou Adão e Eva naquele jardim e lhes foi dito para não comerem da árvore. A orientação era: "Obedeçam-me acerca da árvore e viverão" — obedeçam-me e eu os abençoarei. Mas eles desobedeceram. Agora havia um outro jardim, e um segundo Adão,[6] e uma outra ordem. Jesus Cristo foi enviado pelo Pai para ir à cruz, que também é uma árvore.[7]

Ora, a ordem de Deus para Adão era o protótipo de todas as suas ordens para todo o mundo. Deus sempre diz, de um jeito ou de outro: "Obedeça-me e eu o abençoarei; estarei com você". Mas aqui está a exceção. Só uma vez ele falou a um ser humano o que disse para Jesus. Para o primeiro Adão a ordem foi: "Obedeça-me acerca da árvore e eu o abençoarei", e Adão não o fez. Mas para o segundo Adão ele fala: "Obedeça-me acerca da árvore e eu o esmagarei", e Jesus o fez. Ele é a primeira e a última pessoa na história a quem foi dito que a obediência traria maldição. Em essência, o Pai o adverte: "Se me obedecer, se for fiel a mim, eu o desampararei, eu o rejeitarei e mandarei sua alma para o inferno". E, apesar disso, Jesus obedeceu. Mesmo quando estava morrendo, abandonado pelo Pai, ele o chamou de "Deus meu", palavras que na Bíblia traduzem uma linguagem de aliança e transmitem intimidade. Embora estivesse sendo abandonado, Jesus continuou obedecendo. O poeta George Herbert, outra vez em uma referência à cruz como uma árvore, tece linda explicação de como a desobediência do primeiro Adão foi consertada apenas pela obediência muito mais difícil e maior do segundo. Herbert imagina Jesus se dirigindo à multidão e dizendo:

> Ó vós que passais, vinde ver;
> o homem roubou o fruto, mas eu devo subir na árvore;
> a árvore da vida para todos, menos para mim:
> "Já houve dor como a minha?".

Volte agora para o ensinamento aparentemente esotérico sobre as obediências passiva e ativa de Cristo. Caso Jesus tivesse apenas enfrentado a morte que eu deveria morrer, se quisesse me certificar de que o Pai estava não só me perdoando, mas me amando em profundidade e plenitude, nada mais justo que sentisse caber a mim levar uma vida moralmente heroica. Meus pecados estariam perdoados, mas a consideração positiva de Deus dependeria por inteiro de quão bem eu estivesse vivendo.

Todavia, Jesus não apenas sofreu a morte que nós deveríamos ter morrido; ele viveu a vida que nós deveríamos ter vivido. Como Robert Murray M'Cheyne, um ministro escocês, costumava dizer, ele não é apenas um salvador moribundo, mas um salvador em ação. Quando cremos nele, não obtemos só os benefícios de sua morte. Não somente os nossos pecados são perdoados, como também recebemos os benefícios de sua obediência. Isso significa que sua retidão nos é creditada (os teólogos usam a expressão financeira *imputada*), bem como seu sacrifício. Em 2Coríntios 5.21 está escrito: "Daquele que não tinha pecado Deus fez um sacrifício pelo pecado em nosso favor, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus". Quando cremos em Jesus Cristo, somos vistos como justiça. Como pessoas obedientes. Somos vistos em nosso Advogado. Agindo como Jesus agiu, não apenas morrendo como ele morreu.

E veja a beleza, o poder do que Jesus realizou! Que honra esse tipo de valor, esse nível de amor e de sacrifício merecem? A honra que lhe sobrevém quando você crê em Cristo. Em uma série de detetives exibida na TV há alguns anos, conheci a história de um homem de oitenta e poucos anos, ex-fuzileiro naval, infelizmente arruinado e acusado de um crime. Dois policiais militares grandes e robustos e um advogado hostil da Marinha chegam para prendê-lo. Falam com brutalidade e rosnam ordens quando, de repente, um dos amigos do velho homem estende a mão e afasta a gravata do amigo. O gesto revela a medalha de Honra ao Mérito concedida pelo Congresso, a qual ele ganhara anos antes na batalha de Iwo Jima. À vista da medalha, o advogado e os policiais na mesma hora assumem posição de sentido. Não lhe prestam uma saudação pessoal, claro. Por si só, ele podia ser um criminoso e, em vários outros sentidos, não havia dúvidas de que fracassara. No entanto, devido à medalha — representativa não só de seus feitos sacrificiais, mas do valor de centenas de outros que prestaram o serviço militar ao longo dos séculos —, ele foi tratado com honra. Essa é apenas uma ilustração parcial do que acontece conosco à luz da obe-diência ativa de Cristo. Não somos como prisioneiros que, ao serem libertos, recebem dinheiro para pagar o bilhete de ônibus da penitenciária ao centro da cidade. Não, somos como prisioneiros aos quais é concedida liberdade e depois são condecorados com a medalha de Honra ao Mérito, com todos os direitos e benefícios que a acompanham. Não recebemos apenas perdão e liberdade, mas amor e alegria. Essa é a obediência ativa de Jesus operando. E, embora ele faça a vontade de Deus levando uma vida perfeita o tempo todo, sua obediência ativa enfrenta um desafio monumental no jardim. Por isso é tão importante que vejamos a beleza de sua resposta a esse desafio antes que ele ultrapasse o ponto sem volta.

Ora, que diferença tudo isso faz para nós? Como nos ajuda o fato de vermos Jesus sofrer algo que nunca experimentaremos?

Primeiro, Jesus no jardim é um modelo sem paralelo de integridade. No escuro, sem ninguém olhando, sabendo que foi chamado a realizar a coisa mais difícil que qualquer ser humano jamais fez, Jesus ainda tem a atitude certa. Ele age no escuro e em particular do mesmo modo como age no dia seguinte, à vista de todos. Permita-me perguntar: você é a mesma pessoa no escuro e na claridade? Você é o mesmo em particular e em público? Ou leva uma vida dupla?

Segundo, esse não é apenas um grande modelo de integridade, é um grande modelo de oração. O mais impressionante em Jesus é o fato de ele ser ao mesmo tempo brutalmente sincero acerca de seus sentimentos e desejos e, no entanto, absolutamente submisso à vontade de Deus. Ele é honesto — não veste uma máscara de piedade. Três vezes o Filho de Deus diz ao Pai que preferiria evitar o plano da salvação. Sem rodeios. No entanto, também declara sem hesitar: “Não a minha vontade, mas a tua seja feita”. O propósito básico da oração não é sujeitar a vontade de Deus à minha, mas moldar minha vontade à dele. Jesus é bastante centrado em Deus e ao mesmo tempo bastante sincero. Que esse seja o guia de oração. Você não deve nem reprimir seus sentimentos nem ser governado por eles. A maioria das pessoas faz uma coisa ou outra, mas não as duas.

Terceiro, no jardim temos um exemplo tremendo de paciência com as pessoas. No relato de Mateus, em determinado momento Jesus retorna para junto dos discípulos e diz: “... não pudestes vigiar comigo nem

uma hora?" (Mt 26.40). Um homem sob o peso mais esmagador, pedindo aos amigos um pouco de apoio e descobrindo que adormeceram. Ele foi totalmente abandonado, mas o que diz? Mateus registra as palavras de Jesus: "... o espírito está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26.41). Não é extraordinário? Ele lhes dá certo crédito. Afirma: "Vocês me abandonaram, mas sei que não foi por mal". Nas profundezas da sua agonia, ele ainda consegue encontrar algo positivo para dizer aos amigos. Há cerca de vinte coisas erradas com o desempenho dos discípulos aquela noite, mas Jesus encontra uma ou duas certas e chama a atenção para elas. "... tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim" (Jo 13.1).

Portanto, Jesus é um grande modelo de vida, oração e relacionamento com as pessoas. Mas lembre-se de que, se ele for *só* um modelo para nós, então não nos serve de incentivo algum, pois ele é bom demais. Ninguém seria capaz de viver à altura do padrão estabelecido por ele. Jesus veio não só para servir de modelo, mas para ser um salvador. Transforma-nos por dentro para que possamos, lenta mas seguramente, ser conformados à sua imagem. Não nos diz apenas como viver; dá-nos o poder para viver desse modo. O paradoxo é que só se o virmos como um substituto, em vez de como um modelo, conseguiremos de fato ter a capacidade de viver de acordo com seu exemplo.

Como? Olhe para ele no jardim, fazendo tudo não só como um exemplo, mas como um substituto, no seu lugar. Ter consciência disso torna o sofrimento dele pessoal para você. Pode lhe dar uma nova capacidade de enfrentar as próprias provações, de se livrar da autocomiseração que nos incapacita e da falta de determinação. Pense em Deus balançando o cálice debaixo do nariz de Jesus e dizendo: "Você vai mesmo fazer isso por essa gente?". A resposta é: "Sim". Seja lá quando for que sinta pena de si mesmo — "Ah, que cálice eu tenho de beber" —, que você possa refletir: "Ah, mas *nada* se parece com o cálice de Jesus! O que estou passando não é nada comparado com o que ele fez. E, dessa forma, você tem condições de orar algo mais ou menos assim: "Jesus, o senhor foi paciente em seu sofrimento infinito por mim. Posso com certeza ser paciente nessa porção bem menor de sofrimento por ti".

O ensino da obediência ativa de Cristo também transforma sua autoestima e disponibiliza novo lastro e equilíbrio para você. Jesus não só o perdoou; também prendeu uma "medalha de Honra ao Mérito" em seu peito. Ao crer nele, você não só é perdoado como também se torna belo aos olhos de Deus, justo em Jesus. Como você lida com a crítica e o fracasso? Não deveríamos olhar para quem somos em nós mesmos, mas para quem somos nele. Muitas vezes, depois de fazermos alguma bobagem, percebemos, refletindo no assunto, que tentávamos salvar as aparências, lutando por reputação e aprovação. Em outras palavras, tentávamos nos afirmar, fazer-nos belos, importantes e justos, embora não utilizássemos esses termos. Tentávamos sentir-nos importantes e decentes, em vez de deixar Jesus carregar o peso da significância. Se compreendêssemos de verdade como Deus nos vê em Cristo, poderíamos enfrentar a desaprovação e o fracasso sem perder o equilíbrio.

Entretanto, essa passagem nos dá mais uma coisa. Conheço pessoas que dizem: "Eu seguiria a Cristo, mas não creio que seria capaz de permanecer nesse caminho. Não confio em mim mesmo. Acho que ele se cansaria dos meus fracassos". Por favor, olhe para ele no jardim. Olhe para o que seu amor por você já possibilitou que ele suportasse em seu lugar. Se ele tivesse recuado diante do sofrimento na cruz, estaríamos perdidos. Mas ele não fez isso. O inferno se abateu sobre ele, e Jesus não abriu mão de nós.

Seu amor por nós já suportou tudo que o universo poderia lançar contra ele e se manteve firme, e você se acha capaz de aborrecê-lo de algum modo? Será que Jesus olhará para você e dirá: “Bem, agora chega! O tormento existencial infinito era uma coisa, mas não aguento ir além disso!”?

Se o cálice não o fez desistir de nós, nada fará. Por isso Paulo consegue dizer que nada “poderá nos separar do amor de Deus” (Rm 8.39). O Senhor proclama: “... Nunca te deixarei, jamais te desampararei” (Hb 13.5).

Esse é o amor que você tem procurado a vida inteira. O único amor incapaz de decepcioná-lo. Amor à prova de bombas. Não um amor de amigo, não uma aclamação pessoal, não o amor do casamento, nem mesmo o romântico — é o amor que você procura, por baixo de sua busca por todos esses outros. E se esse amor da obediência ativa for uma realidade ativa em sua vida, você será uma pessoa íntegra, de oração, gentil com quem o maltrata. Se tiver esse amor, você será um pouco mais parecido com ele. Olhe para ele morrendo no escuro por você. Deixe isso fundir-se em seu ser até que você se transforme à semelhança dele.

[1] Frederick William Danker; Walter Bauer, *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature*, 3. ed. (Chicago: University of Chicago Press, 2001), p. 303.

[2] Ronald K. Rittgers, *The reformation of suffering: pastoral theology and lay piety in late Medieval and early modern Germany* (New York: Oxford USA, 2012), p. 47.

[3] Edição em português: *O grande abismo* (São Paulo: Vida, 2006).

[4] William L. Lane, *The Gospel according to Mark* (Grand Rapids: Eerdmans, 1974), p. 516. Outro teólogo a acreditar que Jesus estava tendo uma amostra da ira divina é Jonathan Edwards. Veja seu sermão *Christ's agony* [A agonia de Cristo] em vários formatos. Um lugar em que estão disponíveis é http://www.ccel.org/ccel/edwards/sermons.agony.html.

[5] Muitas pessoas interpretam erroneamente essa distinção e consideram que a obediência ativa de Cristo diz respeito a seu bom viver e que a obediência passiva diz respeito a sua morte. Na verdade, os termos se referem a dois aspectos de toda a sua obediência. Mesmo em vida, ele começou a pagar a penalidade pelo pecado sofrendo as aflições da vida humana que fazem parte da maldição do pecado e, mesmo na morte, ele amou ativamente a Deus e a nós e cumpriu as exigências positivas da lei. V. John Murray, *Redemption accomplished and applied* (Grand Rapids: Eerdmans, 1955), p. 20-22 [edição em português: *Redenção consumada e aplicada* (São Paulo: Cultura Cristã, 2010)].

[6]

[7] Veja 1Coríntios 15.45.

[8] Veja Gálatas 3.13 e Deuteronômio 21.23.

NOVE

À DIREITA DO PAI

Chegamos agora ao último ato de Jesus na terra: sua ascensão à direita do Pai no céu — talvez o mais enigmático de todos esses acontecimentos marcantes. Enigmático em primeiro lugar, é claro, para os discípulos que o testemunharam. Deve ter sido o milagre visualmente mais inesperado de todos os que o viram em primeira mão. Lemos em Atos 1.9-11: "Depois de dizer essas coisas, ele foi levado às alturas enquanto eles olhavam, e uma nuvem o encobriu de seus olhos". Enquanto Jesus subia para o céu, os apóstolos permaneceram estáticos, os olhos fitos no alto como animais hipnotizados pelas luzes de um refletor, sem entender o que estava acontecendo. "Estando eles com os olhos fixos no céu, enquanto ele subia, apareceram junto deles dois homens vestidos de branco, que lhes disseram: Homens galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi elevado ao céu, virá do mesmo modo como o vistes partir." Não sabemos muito bem o que os discípulos estavam pensando enquanto fitavam as nuvens, mas os dois anjos precisaram lhes dar uma leve repreensão: "Acordem, homens!", disseram. "Ele foi embora e voltará, mas, até que isso aconteça, há muito trabalho a ser feito. Portanto, mãos à obra." Evidentemente eles ficaram confusos quanto ao significado da ascensão desde o instante em que ela ocorreu.

Mas a ascensão também é enigmática para nós. E, para nós, a questão é menos "O que aconteceu?" e mais "Por que aconteceu?". Que diferença ela faz para o estado da nossa alma e para o modo como vivemos? Com certeza faz sentido que, se houve um "descer" na encarnação, houvesse também um "retornar" na ascensão. Mas não é evidente que a ascensão faça diferença em nossa salvação ou na maneira como vivemos.

Na verdade, faz uma diferença enorme. Quando compreendida, a ascensão passa a ser um expediente importante e insubstituível para vivermos no mundo, um recurso que nenhuma outra religião ou filosofia de vida oferece. Portanto, exploraremos o que os apóstolos acabaram aprendendo acerca da ascensão e deixaram registrado em vários lugares do Novo Testamento. Primeiro aprenderemos o que é a ascensão para a teologia e em segundo lugar o que ela significa para nós em termos práticos.

Primeiro, o que é a ascensão? Não se trata do simples retorno de Jesus da terra para o céu, mas de sua nova entronização, precursora de um novo relacionamento conosco e com o mundo inteiro.

Comecemos pensando no que a ascensão *não* é. Ela não é Jesus deixando a superfície da terra apenas. Não tem tanto a ver com ele indo para o firmamento, mas para o céu do Senhor. Lembra-se do que afirmou o premiê da União Soviética em 1961? Seu astronauta subira ao céu e não vira Deus, portanto ele não devia existir. Isso revela um entendimento da ascensão ao céu basicamente como uma mudança de altitude, de modo que Cristo e o Pai estariam em algum lugar do espaço interplanetário. Ora, a Bíblia fala, sim, sobre "os céus", como quando o salmo 19 diz que "os céus [o sol, a lua e as estrelas] proclamam a glória de Deus" (v. 1). Mas Jesus não foi para o céu das estrelas e dos planetas, mas para o Céu com C maiúsculo. E isso é muito mais do que uma órbita no espaço sideral.

De fato, o verbo *ascender* é provavelmente o ponto de partida certo. Sabemos que ele indica um movimento para cima, como de uma aeronave. Mas normalmente somos bastante cuidadosos em aplicá-lo às pessoas. Por exemplo, poderíamos dizer "ele ascendeu ao segundo andar", mas não costumamos usar um termo tão pomposo para descrever esse tipo de situação. (Ou, quando o fazemos, há uma certa ironia envolvida.) Diríamos apenas que ele subiu ao segundo andar. Por outro lado, com certeza usaríamos o verbo para descrever uma coroação. Quando alguém se torna rei ou rainha, uma cerimônia marca o momento em que a autoridade lhe é transferida de maneira oficial. A pessoa caminha até uma plataforma, sobe alguns degraus e se senta no trono, um assento mais elevado. Dizemos então: "Ela ascendeu ao trono". A palavra *ascendeu* dá a entender mais do que uma mudança de altitude. Quem realiza a ação não apenas ocupa posição física mais elevada do que os outros; um novo relacionamento se estabelece entre eles, e ela detém novos poderes e privilégios para exercer autoridade. Os degraus e o assento elevado são simbólicos.

Se for a Londres, você verá o trono do rei Edward na abadia de Westminster. É o assento utilizado na coroação de reis e rainhas da Grã-Bretanha há oito séculos. Se você subisse os degraus e se sentasse no trono, não significaria que o ofício real lhe pertence. (Aliás, seria bem provável que o expulsassem da abadia.) A questão é que a ascensão a um trono não se define pela mudança de elevação física (embora isso aconteça na cerimônia), mas sim pela mudança no *status* legal e de relacionamento. Subir e sentar-se em um trono não faz de você um monarca. E você pode tornar-se o monarca da Inglaterra sem de fato ocupar o velho assento.

Ora, se Jesus só quisesse voltar para o Pai, poderia ter desaparecido e pronto. Houve ocasiões em que ele sumiu de vista de uma hora para outra, como no caminho de Emaús, com os discípulos. Em vez disso, no entanto, na ascensão Jesus literalmente sobe para as nuvens e desaparece ao longe no céu. Por que agiu dessa maneira? Só podemos especular, mas talvez seja pela mesma razão pela qual encenamos uma cerimônia de coroação. A ascensão no espaço simbolizou a elevação em autoridade e relacionamento. Jesus esboçava no mundo físico o que estava acontecendo cósmica e espiritualmente.

E o que estava acontecendo? Ele estava seguindo, agora como o único Deus-homem — plenamente humano e divino —, para tomar seu lugar como novo rei e cabeça da raça humana. Esse é o ponto em que a teologia cristã consegue nos empurrar para além dos limites de nosso pensamento e imaginação.

Quando o Filho eterno de Deus “se fez carne”, tornou-se plenamente humano. Além de ser vulnerável e sujeito à injúria e à morte, ele tinha as limitações de estar confinado a um só lugar no tempo e no espaço. Mesmo após a ressurreição, Jesus podia ser tocado e comer normalmente. “... um espírito não tem carne nem ossos, como percebeis que eu tenho”, diz ele em Lucas 24.39, mostrando que ainda conserva uma natureza humana. Ao mesmo tempo, ele também mudou. Pode surgir através de portas fechadas (Jo 20.19) e desaparecer de repente (Lc 24.31). Sua natureza continua humana, mas agora submetida a uma transformação. De modo que temos aqui um retrato de nosso futuro. Paulo escreve que Jesus é “o primeiro entre os que faleceram” (1Co 15.20). Os que creem nele no devido tempo serão ressuscitados com ele. Teremos corpos humanos, que serão regenerados e aprimorados para o que éramos antes de o pecado e o mal nos esmagarem. Nossos corpos não estarão sujeitos à deterioração ou à morte. É evidente que também contarão com muitos poderes e sentidos que hoje não somos capazes de imaginar.

Na ascensão, outra mudança tem lugar. Enquanto o homem Jesus existiu no mundo do espaço e do tempo, só podia estar em um lugar de cada vez. Se quisesse ouvi-lo, relacionar-se com ele ou experimentá-lo, você tinha de estar no mesmo lugar e tempo que ele. Na ascensão, contudo, Jesus deixa o contínuo espaço-tempo e passa para a presença do Pai. Ainda é humano, ainda é nosso segundo Adão (1Co 15.22) e ainda é nosso Advogado. No entanto, foi de tal modo glorificado que tudo que faz tem uma abrangência cósmica. Há um hino que fala em “ricas feridas, ainda agora visíveis lá em cima, em beleza glorificadas”.[1] Louis Berkhof, em seu clássico *Systematic theology*, ensina que Jesus “passou para a plenitude da glória celestial e adaptou-se perfeitamente à vida do céu”.[2] Em consequência disso, deixa de existir qualquer limitação tempo-espaço em sua obra. Você não precisa mais ir a uma única localização geográfica a fim de receber sua ministração. Ele continua fazendo tudo que fazia antes, mas agora, depois da ascensão, o acesso ao que ele faz acontece para todos, em qualquer lugar e ao mesmo tempo. A ascensão não significa a perda de sua intimidade, liderança e advocacia, e sim o aumento e a disponibilidade infinita de tudo isso.

Para dizer a mesma coisa em termos teológicos, Jesus está agora (do céu) “ativamente engajado na continuação de sua obra mediadora”[3] em todo o mundo. Continua sendo nosso profeta, ensinando e instruindo-nos com sua Palavra, mas agora faz isso em toda parte por intermédio do Espírito Santo. Ainda é nosso rei, mas agora guia e dirige sua igreja inteira através dos dons espirituais que concede a seu povo (Ef 4.4-16): dons de liderança, serviço, misericórdia, ensino, administração e contribuição. E ainda é nosso sacerdote, aconselhando-nos e sustentando-nos, mas agora representando-nos diante da face do Pai em pessoa.

Tanto em Mateus 26.64 quanto em Atos 2.33-36 a Bíblia diz que, na ascensão, Jesus foi se assentar à direita do Pai. Na antiguidade, quem se sentasse à direita do trono era equivalente ao primeiro-ministro do rei, aquele que punha em prática sua autoridade real e governo em leis e políticas. Isso, então, nos comunica que Jesus ascendeu para começar seu reinado. Mas a ideia de que a ascensão é uma entronização requer alguns esclarecimentos. Jesus sempre foi rei; sempre teve autoridade sobre nós, pois é Deus. Mas agora, na ascensão, como o Deus-homem ressurreto, ele dá início a seu trabalho como chefe celestial da igreja e governa sobre todos os outros governantes e poderes; na verdade, Deus Pai o fez

"cabeça sobre *todas as coisas*, e o deu à igreja" (Ef 1.22, grifo do autor). Jesus faz isso especificamente por intermédio da obra do Espírito Santo, a qual ele revelou em detalhes aos discípulos na noite anterior a sua morte (Jo 14–17). Isso significa também que ele governa e controla toda a história, conduzindo-a para seu objetivo final, em que a igreja, o novo povo de Deus, é, enfim, plenamente liberta. E, juntamente com ela, o mundo inteiro é renovado (Rm 8.18ss). Então não haverá mais sofrimento, mal ou morte, porque a obra salvadora e restauradora de Jesus estará completa. Para explicar de modo bem simples, Jesus está orquestrando um plano de transição cósmico, que produzirá novos céus e uma nova terra (Is 65.17-25). Como o Senhor que subiu aos céus, ele está difundindo o evangelho e edificando sua igreja por meio da obra que realiza no coração das pessoas, ao mesmo tempo em que conduz todos os acontecimentos da história a um fim glorioso.

Portanto, a ascensão é isso. Mas o que ela representa para nós em termos práticos? Como afeta o modo de levarmos nossa vida diária? Tal explanação representa mais do que somos capazes de dizer e explorar aqui. Ainda assim, consideremos três pontos importantes.

Primeiro, o Cristo que ascendeu ao céu é um Jesus disponível para a comunhão e a comunicação de amor. Como vimos no capítulo 5, quando Maria Madalena encontrou o Cristo ressurreto perto do túmulo vazio, procurou segurá-lo. Examinemos o incidente outra vez.

Assim que ela o segurou, Jesus a advertiu: "... Não me segures, pois ainda não voltei para o Pai..." (Jo 20.17). O que isso quer dizer? Alguns presumem que Jesus estivesse dizendo: "Você não deve tocar em mim", como se ele fosse sagrado. O problema com essa teoria é que mais tarde, no mesmo capítulo, ele convida Tomé a tocá-lo. Sendo assim, o que ele quis dizer? O verbo que ele usa quando diz: "Não me segures" significa comprimir, apertar. Maria o segurara com toda a força. É provável que ela estivesse pensando na perda de um relacionamento que lhe era muito caro quando seu mestre morreu. Agora que o encontrava vivo, jamais admitiria perdê-lo outra vez.

No entanto, ela estava enganada. Ao dizer "Não me segures [...] estou voltando para meu Pai" (v. 17), Jesus indicava que, após sua ascensão, ela encontraria livre acesso a um relacionamento de amor ainda mais forte. Por quê? Porque então ele nunca mais a deixaria. Estaria não só em seus braços às vezes, mas em seu coração sempre. Eis a essência do que, na minha opinião, ele estava dizendo: "Maria, compreendo por que você não quer perder seu mentor e amigo. Mas, se entendeu de verdade o que aconteceu, sabe que, depois que eu subir ao céu, estarei ao seu dispor o tempo todo e para sempre. Do jeito que me encontro neste exato momento, Maria, existe a possibilidade de você me perder. Alguém poderia colocá-la na cadeia e eu não estaria lá. Mas, se eu ascender ao céu, você terá a minha companhia para sempre. Se alguém a levar para o mais profundo e escuro calabouço, eu estarei com você lá dentro. Você terá essa intimidade, essa comunhão. Nada jamais será capaz de me afastar de você".

Santo Agostinho expressou isso do seguinte modo: "Tu ascendeste diante dos nossos olhos e voltamos a sofrer, apenas para encontrá-lo em nossos corações".[4] Jesus está falando para Maria: "Pode soltar minha mão, pois posso lhe dar algo melhor do que minha mão na sua. Posso pôr meu coração no seu".

Sei que pode soar sentimental. Acostumamo-nos a empregar esse tipo de linguagem em filmes e canções *pop*, de modo que, ao utilizá-la aqui, nada mais natural que sua mente a arquive na categoria da

ficção romântica. Todavia, o que Jesus possibilita em sua ascensão diverge por completo desse cenário. Ele é o único com a capacidade de manter a promessa de estar conosco para sempre, e o que promete está além do êxtase romântico. A Bíblia ensina que do trono do universo Jesus usa seu poder para "elevar nossos afetos" para com ele.[5] Lemos em Efésios 2.6 que, como os crentes em Cristo estão unidos nele, de algum modo misterioso já nos encontramos assentados "nas regiões celestiais" com ele. No mínimo, isso significa que, através do Espírito Santo, nossos afetos — os mais profundos desejos e anseios do nosso coração — conseguem se envolver com Cristo e ser por ele satisfeitos de uma maneira poderosa.

Com isso quero dizer poderosa de verdade. Jonathan Edwards, grande pastor e teólogo do século 18, compôs uma "narrativa pessoal" descrevendo sua vida de oração e meditação:

> Costumava me retirar com bastante frequência para um lugar isolado, à margem do rio Hudson, a uma certa distância da cidade, para contemplar as coisas divinas e falar em segredo com Deus. Passei horas encantadoras naquele lugar [...] Tinha então, e em outras ocasiões, o maior deleite nas Escrituras Sagradas, qualquer que fosse o livro. Quase sempre, ao lê-las, cada palavra parecia tocar meu coração. Eu experimentava harmonia entre alguma coisa no meu coração e aquelas palavras doces e poderosas. Com frequência via tanta luz em cada frase e um alimento tão revigorante sendo transmitido, que não conseguia continuar com a leitura; várias vezes me demorava em cada frase a fim de enxergar as maravilhas nela contidas. No entanto, quase todas elas estavam repletas de maravilhas...[6]

Eis agora a exposição de um dos pontos altos dos períodos de comunhão de Edwards com Cristo. Ele conta:

> Certa ocasião, em 1737, deixando a mata devido a minha saúde, tendo desmontado do meu cavalo num local afastado, como de costume, para caminhar entregue à contemplação divina e à oração, tive uma visão para mim extraordinária da glória do Filho de Deus como mediador entre Deus e o homem, de sua graça e amor maravilhosos, gratos, puros e doces e de sua condescendência mansa e gentil. Essa graça, de aparência tão calma e meiga, também se mostrava grande, acima dos céus. A pessoa de Cristo surgia em inefável excelência, com primazia suficiente para tragar todo o meu pensamento e a minha capacidade de concepção, e permaneceu tão próxima quanto sou capaz de julgar por cerca de uma hora, mantendo-me a maior parte do tempo numa torrente de lágrimas. Senti uma ardência na alma para — não sei descrever de outra forma — me esvaziar e anular; para deitar na terra e me encher de Cristo apenas, amando-o com um amor santo e puro; para confiar nele, viver nele, servi-lo e segui-lo, e para estar perfeitamente santificado e purificado, com uma pureza divina e celestial. Em diversas outras ocasiões tive visões da mesma natureza e que causaram o mesmo efeito.[7]

Talvez agora você diga: "Bem, imagino que sempre tenha havido um ou outro santo incomum; pessoas especiais para quem Jesus se torna assim real". Mas isso mostra que você não compreende a verdade da ascensão. Paulo fala do amor de Cristo sendo "derramado em nosso coração" (Rm 5.5) como uma das marcas de ser cristão. E, segundo Paulo, porque Jesus "está à direita de Deus e também intercede por nós" (Rm 8.34), nada pode nos separar do seu amor. Porque Cristo ascendeu, temos a oportunidade de conhecer sua presença, falando-nos de verdade, ensinando-nos de verdade, derramando de verdade seu amor em nosso coração, através do Espírito Santo. Sua presença não é exclusiva para um grupo seleto de santos misticamente sintonizados, emocionalmente muito sensíveis ou moralmente imaculados. Não: Jesus subiu ao céu, deixando o contínuo espaço-tempo, para poder entrar na vida de qualquer pessoa como uma realidade viva e brilhante de amor e conexão pessoal.

O Cristo que subiu ao céu, porém, não é apenas pessoal e magnífico; também é dotado de poder soberano. Ele controla todas as coisas para a igreja, portanto você pode enfrentar o mundo com paz no

coração. Efésios 1.20-23, referindo-se a Deus, o Pai, declara: "... ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar-se à sua direita nos céus, muito acima de todo principado, autoridade, poder, domínio [...]. Também sujeitou todas as coisas debaixo dos seus pés, para que seja cabeça sobre todas as coisas, e o deu à igreja, que é o seu corpo...". Note bem as palavras "à igreja". O texto está dizendo que o homem que morreu por você não só se encontra agora à direita do trono divino, mas ocupa essa posição como diretor executivo da história, conduzindo tudo para o benefício da igreja. Se você pertence a ele, então tudo que acontece em última análise acontece por sua causa.

O catecismo de Heidelberg foi produzido pelas primeiras igrejas protestantes na Alemanha do século 17 como um resumo do ensino bíblico. Nele, a resposta 46 diz que Cristo subiu ao céu e que *"continua lá por nosso interesse*, até que volte a fim de julgar os vivos e os mortos". Isso nada mais é que uma síntese do que Paulo afirma em Efésios 1. A ascensão de Jesus não representou uma grande honra só para ele, mas para nós também! Ele foi para o céu com o intuito de realizar coisas para o nosso bem.

Outro texto clássico sobre esse atributo de Jesus é Romanos 8.28: "Sabemos que Deus faz com que todas as coisas concorram para o bem daqueles que o amam, dos que são chamados segundo o seu propósito". Nesse versículo, é importante observar a palavra *concorram*. Ela mantém a situação distante do conceito de pensamento positivo estilo cartão de felicitações. Paulo não está dizendo que tudo de ruim que lhe acontece na verdade é bom ou que toda nuvem tem um contorno prateado. Não, ele está dizendo que, da perspectiva da eternidade, com os olhos postos na história como um todo, ficará claro que até as coisas verdadeiramente ruins que aconteceram foram incorporadas e usadas por Deus para que por fim realizassem apenas o oposto do que pretendiam. Veremos que os fatos ruins no final produziram mais glória e bem do que se não tivessem ocorrido. Um microcosmo disso é o caso dos irmãos de José, que fizeram grande mal a ele e a outros, mas no fim (como José lhes diz): "Certamente planejastes o mal contra mim. Porém Deus o transformou em bem..." (Gn 50.20). Outro estudo de caso encontra-se no relato de Jó. No começo do livro, Satanás obtém permissão de Deus para atacar Jó. Contudo, no final, sua tramoia só serviu para produzir uma porção da Bíblia que tem ajudado milhões de pessoas ao longo dos séculos a serem fiéis a Deus no sofrimento. Não era o que Satanás pretendia, certo? Nunca será. A demonstração definitiva desse princípio é o destino do próprio Jesus, em sua rejeição, traição, tortura e morte. Quando as forças das trevas caíram sobre ele para destruí-lo, só o que conseguiram foi serem despojadas (Cl 2.15).

Dizer que Jesus está fazendo com que *tudo* coopere para o seu bem significa que não só as coisas ruins, mas também as pequenas, fazem parte do plano dele. Quando eu estava no seminário, preparando-me para o ministério, não sabia ao certo para qual denominação devia ir. Em parte porque não tinha certeza sobre minhas crenças em relação a determinadas questões como batismo e predestinação. No meu último semestre de seminário, tive um professor que me convenceu da posição presbiteriana sobre várias questões fundamentais. Isso abriu o caminho para que eu me tornasse presbiteriano. E me levou ao chamado para ir a Manhattan começar uma nova congregação, a Redeemer Presbyterian Church. Quando ensino sobre o "Plano de Deus", gosto de usar a ilustração a seguir.

O motivo pelo qual me encontro em Nova York hoje (conto para as pessoas que me ouvem naquela cidade) é porque determinado professor do seminário me convenceu a ingressar no ministério presbiteriano. Fui seu aluno naquele semestre porque, como súdito britânico, tinham-lhe concedido um visto para vir dar aulas. Ele enfrentara grandes dificuldades para conseguir seu visto, a ponto de quase desistir de vir para os Estados Unidos. Mas alguém do Departamento de Estado resolveu dar andamento a sua solicitação. Isso foi possível porque um membro da família então na Casa Branca frequentava nosso seminário. Aquela família ocupava a Casa Branca porque o presidente anterior tivera de renunciar. O motivo pelo qual ele tivera de renunciar fora o escândalo das escutas em Watergate. O caso Watergate só veio à luz porque um guarda-noturno percebeu uma porta aberta. Se aquela porta tivesse sido trancada, o escândalo não tivesse vindo a público e as mudanças no governo não tivessem ocorrido, eu jamais teria tido aulas com aquele professor.

Nesse ponto, pergunto a meus ouvintes: "Vocês estão contentes com a presença da Redeemer Church aqui?". Quando os vejo fazendo que sim com a cabeça, emendo: "Então o caso Watergate aconteceu por causa de vocês". Claro que aconteceu por milhões de outros motivos também. Os planos de Deus são intrincados além do nosso entendimento. Mas isso quer dizer, que, afinal de contas, você pode relaxar e ficar em paz. O homem que morreu por você, que ainda traz as marcas dos pregos nas mãos — sinais do sofrimento em seu favor — está no controle de tudo à direita do Pai. Você consegue relaxar? É ansioso? Sente-se incapaz de manter tudo em movimento, sente que precisa equilibrar todas essas bolas no ar? Então não acredita na ascensão ou não usa esse fato como um recurso.

Por fim, o Cristo que subiu ao céu lhe garante saber que Deus, o Pai, o perdoou, o aceitou e se deleita em você. De acordo com o Novo Testamento, a ascensão de Jesus significa que ele é nosso sumo sacerdote, representando-nos diante do trono da justiça divina. Como Paulo explica, em linguagem jurídica, Jesus "intercede" por nós. Foi o que ele prometeu aos discípulos que faria na condição de nosso advogado; e a ascensão permite que ele mantenha sua promessa. Eis como esta ideia é expressa em Hebreus 7 e 1João 2:

> ... precisávamos de um sumo sacerdote como este: santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, tendo se tornado mais sublime que o céu e que não precisasse oferecer sacrifícios a cada dia, como os sumos sacerdotes, primeiramente por seus próprios pecados e depois pelos do povo. Pois, quando ofereceu a si mesmo, fez isso de uma vez por todas. [...] Portanto, também pode salvar perfeitamente os que por meio dele se chegam a Deus, pois vive sempre para interceder por eles (Hb 7.26,27,25).
>
> ... se alguém pecar, temos um Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo. Ele é a propiciação pelos nossos pecados... (1Jo 2.1,2).

Essas metáforas — sacerdote, advogado, intercessor — ampliam a misteriosa, porém extremamente importante metáfora de Jesus Cristo à direita do Pai. Quem quer que esteja à direita do trono tem poder para executar a vontade real, mas essa pessoa também dispõe, por assim dizer, de acesso ao ouvido real. Assim, é evidente, se alguém ou determinado assunto surgir diante do trono do juízo, não há advogado mais forte para defendê-lo do que aquele que lhe está à direita.

Lembre-se de que, se tiver de comparecer a um tribunal, tudo dependerá do seu advogado de defesa. Se seu advogado for brilhante, você parecerá brilhante. Se ele vencer a argumentação, você ganhará o processo. Se seu advogado conhecer a lei e for muito respeitado pelo tribunal, sua vitória será certa.

Portanto, quando a Bíblia diz que Jesus se coloca como nosso advogado e representante diante do trono do universo, essa é uma maneira de dizer que ele subiu ao céu, não que levitou apenas. Não importa quem você é ou o que fez. Não importa quão cheio de defeitos e tolo você seja. Quando os olhos de Deus Pai se voltam para você, enxergam o Jesus que subiu ao céu; quando ouvem você, é a ele que escutam. Quando Deus olha e ouve você, vê e ouve a beleza infinita. O livro de Atos nos conta a história de Estêvão, o pregador, cuja vida foi levada a julgamento com base em acusações forjadas. Prestes a ser executado por apedrejamento, Estêvão de repente teve uma visão: "... Vejo o céu aberto, e o Filho do homem em pé, à direita de Deus" (At 7.56). Ele avista Jesus não sentado à direita de Deus, mas em pé a defendê-lo, advogando em seu favor. A Bíblia conta que Estêvão manteve o rosto como o de um anjo o tempo todo (At 6.15).

Sabe por quê? Ele entendeu — sobretudo no último instante de vida — que aquele que morreu por ele era agora aquele que ascendera ao céu para representá-lo diante do trono do juiz do universo. Viu de fato o quanto isso era vital, o que significa não ter de se preocupar com o que dissessem a seu respeito, fosse quem fosse. Os vereditos das cortes terrenas não importavam quando ele sabia como era julgado pelo tribunal celestial, o único que importava, o único cujo veredito permaneceria. Não fazia diferença se seus inimigos poderosos o chamavam de profano quando aos olhos de Deus sabia ser puro. Eis um homem em seu pleno potencial, para usar uma expressão outrora popular no mundo da psicologia, capaz de perdoar quem estava para executá-lo (At 7.60). Por quê? Por entender o significado da ascensão. E você? Se acredita em Cristo, ele vive para sempre a interceder em seu favor.

Você tem o tipo de comunicação e comunhão que a Bíblia diz estar disponível com o Cristo que ascendeu ao céu? Desfruta da paz de espírito fruto da consciência de que seu Salvador controla todas as coisas por você à direita do Pai? Tem a alegria e a autoimagem imperturbáveis, provenientes do entendimento da intercessão de Cristo à direita de Deus? Jesus foi para a direita do trono a fim de ser nosso profeta, rei e sacerdote. Ele é nosso amigo íntimo, nosso líder e nosso intercessor — em escala cósmica. Você o conhece desse modo? Se quiser viver e morrer com o mesmo tipo de poder com que Estêvão contou, beba diretamente da fonte da doutrina da ascensão.

[1] Do hino *Crown him with many crowns*, de Matthew Bridges e Godfrey Thring.

[2] Louis Berkhof, *Systematic theology* (Eerdmans, 1941), p. 350 [edição em português: *Teologia sistemática* (São Paulo: Cultura Cristã, 2009)].

[3] Ibid, p. 352.

[4] Citado em Philip Yancey, *The Jesus I never knew* (Zondervan, 2002), p. 228 [edição em português: *O Jesus que eu nunca conheci* (São Paulo: Vida, 1998)].

[5] Westminster Larger Catechism, questão e resposta 53, disponível em www.reformed.org/documents/larger1.html

[6] Jonathan Edward, "Personal narrative", in: John E. Smith; Harry S. Stout; Kenneth P. Minkema, eds., *A Jonathan Edwards reader* (Yale University Press, 2008), p. 289.

[7] Ibid., p. 293.

DEZ

A CORAGEM DE MARIA

Neste último capítulo, quero meditar sobre a história da anunciação: a proclamação angelical a Maria de que ela daria à luz o Messias. Estritamente falando, não se trata de um acontecimento da vida de Jesus, e claro que ocorreu antes de todos os outros eventos que analisamos. Então por que nos voltamos a ele e por que o deixamos por último? Quero examinar de perto a resposta de Maria à mensagem do anjo, pois em alguns aspectos Maria é como nós. Ainda não conhece a pessoa terrena de Cristo, como nós. Mas recebe uma mensagem a respeito dele. Basicamente é a mensagem do evangelho, descrevendo quem é Jesus e o que ele fará. A resposta de Maria é maravilhosa, comovente. Com seu exemplo brilhante, temos percepções cruciais sobre como deveríamos reagir a tudo que lemos acerca de Jesus nos nove primeiros capítulos deste livro.

Eis o relato da anunciação de Lucas 1:

> No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem comprometida a casar-se com um homem chamado José, da descendência de Davi; o nome dela era Maria. O anjo veio onde ela estava e disse: Alegra-te, agraciada; o Senhor está contigo. Mas, ao ouvir essas palavras, ela ficou muito perturbada e começou a pensar que saudação seria essa. Então o anjo lhe disse: Não temas, Maria; pois encontraste graça diante de Deus. Ficarás grávida e darás à luz um filho, a quem darás o nome de Jesus. Ele será grande e se chamará Filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará eternamente sobre a descendência de Jacó, e seu reino não terá fim. Então Maria perguntou ao anjo: Como isso poderá acontecer, se não conheço na intimidade homem algum? O anjo respondeu: O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso aquele que nascerá será santo e será chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parente, espera um filho sendo já idosa; aquela que era chamada estéril está de seis meses; porque para Deus nada é impossível.
>
> Maria então disse: Aqui está a serva do Senhor; cumpra-se em mim a tua palavra. E o anjo a deixou e partiu.
>
> Naqueles dias, Maria saiu e foi apressadamente a uma cidade na região montanhosa de Judá; e, entrando na casa de Zacarias, cumprimentou Isabel. Quando Isabel ouviu o cumprimento de Maria, a criancinha saltou em seu ventre; Isabel ficou cheia do Espírito Santo e exclamou em voz alta: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre! Mas por que me acontece isto, que venha me visitar a mãe do meu Senhor? Pois, logo que ouvi o teu cumprimento, a criancinha saltou de alegria dentro de mim. Bem-aventurada a que creu que se cumprirão as coisas que lhe foram faladas da parte do Senhor (Lc 1.26-45).

O que aprendemos com o anjo sobre quem é Jesus? A mensagem o chama de Filho do Altíssimo. Ora, nas línguas antigas por vezes chamava-se de filho a alguém que se assemelhasse muito com outra pessoa

ou que cresse nela com fervor. Em João 8, Jesus trava uma discussão bastante acalorada com os líderes religiosos, que se declararam filhos de Abraão e de Deus. Jesus retrucou que eles eram filhos do Diabo porque mentiam como ele! No entanto, o título representa muito mais do que o simples fato de Jesus ser um seguidor de Deus, porque o anjo acrescenta: "ele reinará eternamente sobre a descendência de Jacó..." (v. 33). Eternamente? Em seguida — talvez sabendo que Maria não consegue acreditar nos próprios ouvidos — ele repete a declaração de outro modo: "... seu reino não terá fim". Ou seja: "Falo sério quando digo *eternamente*". Portanto, há uma promessa de que a criança prestes a nascer não se tornará um mero rei político, mas terá um reino que durará para sempre. De fato, a forte implicação é: ele será mais do que um ser humano mortal.

Então o anjo diz: "... o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra..." (v. 35). Essa declaração é fascinante e misteriosa, não? "... te cobrirá com a sua sombra; por isso aquele que nascerá será santo e será chamado Filho de Deus" (v. 35). Agora ficamos sabendo que esse ser sobrenatural e eterno virá ao mundo por intermédio de um nascimento miraculoso. E será chamado de Filho de Deus, não só porque seu caráter terá forte semelhança com o de Deus, mas porque a própria natureza divina de Deus será implantada em Maria em forma física. Portanto, aquele que nascerá será perfeitamente santo, isento de pecado e viverá para sempre tanto como pessoa divina quanto humana. Uma declaração estarrecedora. E um resumo elegante e conciso do que tem sido chamado de doutrina da encarnação: a doutrina de que Deus encarnou quando o Filho de Deus assumiu uma natureza humana e nasceu fisicamente no mundo.

Outra coisa que aprendemos sobre ele é seu nome, Jesus, que quer dizer "Deus que salva". Não seria possível imaginar um nome mais apropriado. Os fundadores de todas as demais religiões vêm ao mundo na condição de seres humanos, como guias para nos mostrar o caminho da salvação. Nenhum deles já amais afirmou ser Deus ou mesmo um redentor ou salvador. No entanto, a Bíblia sustenta que Jesus é o caminho da salvação, vivendo a vida que você deveria viver e até morrendo a morte que você deveria morrer por seus pecados. Portanto, precisamente no nome dessa criança vemos a singularidade do cristianismo em geral e de Jesus em particular. De novo deparamos com um oceano de verdade traduzido em uma declaração sucinta, em um nome, para ser mais exato.

Essa mensagem já basta para impossibilitar que se diga que todas as religiões são iguais. Em muitos círculos da nossa sociedade, insistir nessa ideia é quase uma ortodoxia inflexível. Há quem defenda que todas as religiões estão igualmente erradas, e há quem diga que todas estão igualmente certas. Compreendo muito bem a motivação para adotar essa posição. Ela visa impedir a atitude do triunfalismo mortal que muitos religiosos — inclusive os cristãos — têm adotado, com resultados trágicos. No entanto, o argumento de que o cristianismo é fundamentalmente igual a todo o resto simplesmente não funciona. Em quase cada uma de suas páginas, o Novo Testamento faz afirmações acerca de Jesus que nenhuma outra religião jamais faria sobre ninguém. Elas são de tal modo predominantes que talvez nem as notemos.

Observe, por exemplo, as palavras de Isabel para Maria. No último versículo do trecho lido, ela chama Maria de bem-aventurada por crer nas coisas "que lhe foram faladas da parte do Senhor" (v. 45). Isso é espantoso. Como pode o filho ainda não nascido (nem concebido ele fora!) de Maria ser o Senhor que lhe

enviara a mensagem sobre o próprio nascimento? Lembre-se de que aqui Isabel profetiza sob o poder do Espírito Santo. É bem pouco provável que ela mesma compreenda o sentido de tudo que está dizendo. Mas a implicação é clara: o bebê que está para nascer é o Senhor Deus eterno que lhe enviou a mensagem. Uma afirmação chocante e impactante.

Lembre-se de que a ideia hebraica de Deus era dife-rente da professada por outras culturas. Quando a Bíblia chama Jesus de divino, isso não quer dizer que ele tenha mais da centelha divina de vida encontrada em qualquer outra pessoa. Para os hebreus, Deus não era uma força impessoal que faz parte de todo ser, mas um Criador único, pessoal embora infinito, imanente ainda que transcendente e eterno, que existia antes e acima de todos os demais seres. Considerar Jesus divino e ao mesmo tempo ter esse entendimento de divindade era estupendo. Contudo, é a espinha dorsal do autoentendimento do próprio Jesus e sustenta tudo que ele ensina. Portanto, ou você afirma que Jesus Cristo é, como a Bíblia diz, o Deus Criador singular que veio em carne — o que torna o cristianismo uma revelação melhor de Deus do que as outras religiões —, ou você é obrigado a declarar que ele estava errado ou mentindo, o que faz dele e de seus seguidores uma revelação pior de Deus. Mas o cristianismo não pode ser uma religião como as demais.

Alguns anos atrás, participei de um debate com um sacerdote muçulmano no qual falamos sobre nossas diferenças diante de um grupo de estudantes universitários. Um deles insistiu o tempo todo: “Bem, ouvi os dois falarem por vinte minutos e quero que saibam que não consigo enxergar nenhuma diferença real entre vocês. Não vejo nenhuma diferença entre as religiões. Parece que, em suma, dizem que Deus é amor, que devemos amar a Deus e nos amar uns aos outros”. Em nossas respostas para o estudante, o sacerdote e eu concordamos em tudo. À primeira vista parece tolerante dizer “vocês são iguais”, mas cada um de nós argumentou com muita delicadeza que o estudante não estava demonstrando respeito suficiente em ouvir a voz peculiar de cada religião. Cada fé fizera afirmações únicas que contradiziam os ensinamentos mais profundos de outras crenças. Concluímos então que, embora cada fé sem dúvida pudesse apreciar a sabedoria da outra, não seria possível às duas estarem certas no nível mais profundo. O estudante manteve sua posição, dizendo que todas as religiões são fundamentalmente iguais.

Por irônico que pareça, o rapaz estava sendo tão dogmático, superior e ideológico quanto qualquer seguidor religioso tradicional consegue ser. Em essência, dizia: “Tenho a visão verdadeira da religião, coisa que vocês não têm. Consigo ver que são iguais, mas vocês não conseguem. Sou espiritualmente iluminado, vocês não”. Todavia, quando conversamos um pouco mais tarde, concluí que havia um temor subjacente a motivá-lo. Se aceitasse que toda religião faz afirmações únicas, ele teria de decidir se essas afirmações eram ou não verdadeiras. Não desejava a responsabilidade de ter de ponderar sobre isso, pesar tudo e escolher. Entre jovens adultos seculares, é comum adotar essa crença de que todas as religiões são mais ou menos a mesma coisa. Ousaria eu afirmar que essa é uma forma de imaturidade emocional? A vida é repleta de escolhas difíceis, e é infantil pensar que se pode evitá-las. Talvez a tentativa pareça livrá-lo de muito trabalho duro, mas a ideia da equivalência entre as religiões não passa de uma falsidade. Toda religião, mesmo aquelas que aparentam ser mais inclusivas, faz sua própria declaração exclusiva. Mas as declarações de Jesus são particularmente alarmantes, pois, se verdadeiras,

não há alternativa senão nos ajoelharmos diante dele. A anunciação impõe a exclusividade de Jesus bem diante de nós. Exige uma resposta e nos mostra que há muito trabalho árduo a ser feito.

A anunciação foi um choque para Maria tanto por razões sociais quanto por razões teológicas. Na época, ela devia ter quatorze anos e ser muito pobre. Evidências de sua posição na escala socioeconômica podem ser encontradas na ocasião em que Maria e José vão ao templo para a circuncisão de Jesus. A oferta feita pela cerimônia dependia da classe social da família. Se você estivesse entre os mais pobres dos pobres, ofertava dois pássaros, e foi o que a família de Jesus fez. Maria é uma camponesa que, além disso, enfrentará a desgraça com a notícia que o anjo lhe deu. No entanto, essa simples lavradora, uma menina humilhada, grávida e solteira é hoje um dos seres humanos mais famosos da história do mundo. A maioria de nós, ao contrário, será esquecida dentro de umas duas gerações. O que a torna tão extraordinária? O modo como reagiu a Deus e sua mensagem. Ela faz quatro coisas.

A primeira delas é pensar. Maria usa seu poder de raciocínio. Logo após a aparição do anjo, o texto diz: "Mas, ao ouvir essas palavras, ela ficou muito perturbada e começou a pensar que saudação seria essa" (Lc 1.29). A expressão *começou a pensar* se refere a *deologistico*, que significa usar a lógica, raciocinar com intensidade. Quer dizer que Maria tentava descobrir como tudo isso poderia ser verdade.

A ideia pode nos parecer estranha. Hoje gostamos de dizer que somos um povo racional e científico — elaboramos perguntas difíceis, usamos o raciocínio lógico e exigimos evidências empíricas —, portanto consideramos impossível crer no aparecimento de um anjo. A inferência é que, na antiguidade, as pessoas eram supersticiosas e não viam problema algum em acreditar no sobrenatural. Presumimos que, se um anjo aparecesse, na época as pessoas diriam: "Ah, um anjo. Olá. Qual a mensagem, por favor?". Uma visão arrogante e paternalista dos nossos ancestrais, para não mencionar uma interpretação equivocada proposital do texto. O que vemos aqui é Maria lutando para compreender e crer no que estava ouvindo.

Por quê? Ela era judia. A notícia com certeza não se encaixava no que sabia, porque a mensagem dizia que um ser humano seria divino. A ideia de que o Deus do monte Sinai se tornaria humano era impossível para a razão e repugnante para a sensibilidade moral dos judeus. (Isso faz parte do motivo por que era tão difícil para Maria Madalena e os discípulos "ouvirem" Jesus lhes falar repetidas vezes que ele haveria de ressuscitar.) Portanto, Maria tinha *tipos* diferentes de barreiras racionais para crer na mensagem profética em relação aos que uma pessoa moderna poderia encontrar, mas as barreiras que enfrentou eram tão grandes quanto as nossas. Foi tão difícil para ela, a seu modo, crer no evangelho como é para nós hoje. A anunciação era e continua sendo um grande desafio para todos os paradigmas e cosmovisões. Não há lugar no mundo e nunca houve período na história em que não houvesse enormes barreiras para se crer na proclamação de que o Deus Criador do universo está entrando no útero de uma moça para nascer como ser humano através dela. Em tempo algum a ideia se encaixou com muita comodidade na sabedoria predominante da época. Assim, a anunciação toma de assalto todas as narrativas e exige um duro trabalho intelectual. Maria não se esquiva disso. Faz justamente o que Jesus desafiou Natanael, o estudante cético, a fazer. Pondera as evidências, pesa a consistência interna das

afirmações e conclui que é verdade. Se ela pode fazer isso, nós também devemos estar dispostos a usar nosso raciocínio para pesar a mensagem cristã.

A segunda coisa que Maria faz é expressar suas dúvidas sem rodeios. Ela questiona o anjo: "Como acontecerá, já que sou virgem?". De novo, Maria não se mostra uma pessoa crédula. Não diz: "Bem, você é um anjo e tudo isso é milagroso. Portanto, simplesmente vou aceitar". Não, ela pergunta o que qualquer pessoa racional gostaria de saber. Como pode ter um filho se não faz sexo? Uma dúvida expressa abertamente; para um anjo! Isso mostra a disposição para ser sincera acerca de suas incertezas e questionamentos. Ora, eu diria que há dois tipos de dúvidas: as desonestas e as honestas. As desonestas são ao mesmo tempo orgulhosas e covardes; demonstram desdém e indolência. Um exemplo desse tipo de dúvida é dizer :"Que ideia maluca!" e ir embora. "Isso é impossível" (ou sua versão mais contemporânea, "Que burrice") é uma afirmação, não um argumento. Um jeito de fugir ao trabalho duro de pensar. No entanto as dúvidas sinceras são humildes, porque levam você a indagar, não a erguer um muro apenas. E, quando você propõe uma pergunta autêntica, fica vulnerável de certa forma. A pergunta de Maria para o anjo na verdade solicita informações e a deixa aberta para a possibilidade de uma boa resposta que talvez mudasse seus pontos de vista. As dúvidas sinceras, então, abrem-se para a crença. Se de fato você estiver interessado em informações e bons argumentos, pode ser que obtenha alguns.

E aqui está algo que considero maravilhoso. Se ela nunca tivesse expressado uma dúvida que fosse, o anjo jamais teria pronunciado uma das grandes declarações da Bíblia: "porque para Deus nada é impossível" (Lc 1.37). Sou muito grato pela dúvida de Maria porque essa declaração tem me confortado e conduzido há anos. Todos os tipos de pessoas têm sido imensamente ajudados por essas palavras. E a única razão pela qual temos essa revelação extra é porque Maria teve dúvidas. Quanto mais você estiver disposto a expressar suas dúvidas com sinceridade e humildade, quanto mais apresentar questionamentos francos, mais longe você e as pessoas a seu redor chegarão. Tenho visto muita gente que se recusa a fazer perguntas e a expressar suas dúvidas. Algumas agem assim por dureza de coração, enquanto outras, por acharem que isso é um tanto desrespeitoso. Por favor, não ouse deixar de exprimir suas dúvidas e questionamentos sinceros.

A terceira coisa que Maria faz é entregar-se por completo. Sim, no fim isso é o que tem mesmo de acontecer. Após ouvir que "para Deus nada é impossível", ela age. Na verdade, "para Deus nada é impossível" é um bom argumento. Você crê em Deus, Maria? Sim. Bem, se há um Deus que criou o mundo, libertou seu povo e o protegeu durante séculos, por que ele não pode fazer isso? E isso fez sentido para ela. Por isso Maria diz: "... Aqui está a serva do Senhor; cumpra-se em mim a tua palavra..." (Lc 1.38). Essa é uma tradução moderna, mas prefiro a elegância da boa e velha King James, que diz: "Eis aqui a serva do Senhor; seja em mim segundo a tua vontade".

Às vezes as pessoas comentam comigo: "Gostaria de ser cristão, mas terei de fazer isso? Serei obrigado a abrir mão daquilo? Terei de orar, deixar de lado o sexo, desistir do meu emprego, mudar meus pontos de vista?". Com certeza, questões como essas têm certa legitimidade, pois você precisa considerar o que lhe custará tornar-se cristão. O próprio Jesus nos diz que quem entra para o discipulado "primeiro senta e calcula quanto vai custar" (Lc 14.25-33, NTLH). Mas receio que muita gente prefira

negociar esse custo, em vez de calculá-lo. Isto é, dispõe-se a abrir mão das coisas, mas não do direito de determinar que coisas serão essas. Querem estar em posição de fazer análises contínuas de custo/benefício de vários tipos de comportamento, o que as mantém ocupando o assento do motorista, o trono da própria vida, por assim dizer. Certa vez ouvi um professor de Bíblia colocar a questão do seguinte modo: "Quando se trata de seguir a Jesus, o mais difícil de entregar é entregar-se *a si mesmo*". Deus chega para Abraão e ordena: "Abraão, sai da tua terra, da terra dos caldeus, e segue-me". Abraão pergunta: "Onde estou indo?". Ao que Deus responde apenas: "Eu lhe mostrarei mais tarde". Deus quer que Abraão abra mão do direito de determinar por si próprio a melhor maneira de viver.

Ao entregar sua vida a Cristo, de uma forma ou de outra você precisa falar como Maria. Seu coração deve dizer algo do tipo: "Desconheço tudo que o me pedirás, Deus. Mas farei o que ordenares em tua Palavra, gostando ou não. Aceitarei com paciência o que enviares à minha vida, compreendendo ou não". Em outras palavras, não há como saber de antemão tudo que Deus lhe pedirá. Por exemplo, a maioria das pessoas sabe que a Bíblia diz para não mentirmos ou trapacearmos. Mas podemos chegar a um ponto em que contar a verdade nos custará a carreira profissional e contar uma mentira a salvará. Nesse caso, seguir a Cristo terá um alto custo. Então, frente a uma situação como essa, devemos já ter definido como agiremos. Não podemos saber qual será o custo de seguir a Jesus antes da hora. Portanto, você deve simplesmente dizer: "Desconheço tudo que acontecerá, mas de uma coisa sei: abro mão do direito de decidir se farei ou não a vontade de Deus. Eu a cumprirei incondicionalmente".

Maria certamente não podia saber tudo que lhe custaria a vontade de Deus, embora é provável que fizesse alguma ideia. O mesmo se aplica a José. É interessante comparar Lucas 1 com Mateus 1. Lucas nos oferece a perspectiva de Maria da anunciação, enquanto Mateus 1 nos dá a de José. Quando ele descobriu que Maria estava grávida, ciente de não ser o pai, decidiu romper o compromisso. Mas um anjo apareceu e também lhe entregou uma mensagem da parte de Deus: ele deveria se casar com Maria de qualquer modo. Ora, José sabia que, caso a desposasse, todo o mundo da cidadezinha em que moravam, naquela sociedade de vergonha e honra em que estavam inseridos, saberia que a criança fora concebida fora do casamento. Sabiam interpretar um calendário. Na verdade, a maioria das amigas de Maria perceberia que ela engravidara antes do casamento. Cedo ou tarde, todos concluiriam que ou eles tinham feito sexo antes do casamento ou ela fora infiel. Em ambos os casos, eles teriam infringido as normas morais e sociais daquela cultura. Seriam para sempre cidadãos de segunda classe da sociedade. O casal e os filhos seriam evitados por alguns e objeto de suspeita da parte de todos.

Sendo assim, o que significou para José e Maria aceitar a Palavra de Deus e declarar: "Aceitamos o chamado para acolher essa criança e tudo que vier com ela"? O que lhes custou de verdade ter "Deus conosco" em seu meio (Mt 1.23)? O que custou estar *com ele*? A resposta do texto é *coragem*. E disposição para fazer a vontade dele a qualquer preço.

Quando o anjo orientou José: "Case-se com Maria", estava dizendo: "Se Jesus entrar em sua vida, você será rejeitado. Terá de dar adeus a sua excelente reputação". E José se casou com ela. Com certeza alguns de seus amigos perguntaram: "Por que você se casou com Maria? Ou você é o responsável pela gravidez dela, ou ela foi infiel a você". Já imaginou José tentando contar a verdade? "Ah, eu posso

explicar. Maria engravidou por meio do Espírito Santo. Soubemos de tudo através de um anjo." A verdade não era algo que seus amigos entenderiam. Portanto, José tinha consciência de que eles pensariam o pior a seu respeito.

Há muitos lugares no mundo atual em que, se for cristão professo, você sentirá na pele o que experimentaram José e Maria. Por exemplo, a fé cristã soa tão incrível e implausível para muitos amigos na cidade de Nova York quanto a história do anjo soou para os amigos deles. Se você declarar sua fé cristã em quaisquer que sejam os círculos sociais, redes profissionais ou campos vocacionais em que está inserido, muita gente simplesmente não o entenderá, e você não conseguirá fazê-las entender por que você é como é. Em muitos casos, sua reputação pode vir a sofrer.

Mas afinal, na sua opinião, por que Jesus Cristo veio a este mundo por meio de uma adolescente grávida e solteira em uma cultura de vergonha e honra patriarcal? Deus não precisava fazer isso dessa maneira. No entanto, acho que esse foi seu jeito de dizer: "Não faço nada da forma que o mundo espera, mas inteiramente ao contrário. Meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. Meu Salvador-Príncipe nascerá não em um berço dentro de um palácio real, mas em uma manjedoura dentro de um estábulo; não de gente poderosa e famosa, mas de camponeses desprezados. Tudo isso faz parte do padrão. Pois Jesus conquistará a salvação através da fraqueza, do sofrimento e da morte na cruz. Obterá poder e influência por meio do serviço sacrificial. Se tiver Jesus em sua vida, você provará tratamento bastante parecido. Minha salvação funciona assim: o sofrimento leva à glória e a morte, à ressurreição. Não tema, portanto. Receba Jesus Cristo em sua vida e *eu* serei sua honra. Não importa o que o mundo pensa".

Portanto, Maria e José estavam dispostos a fazer por Jesus o que Jesus haveria de fazer em favor deles. Ele se tornou obediente a seu Pai a ponto de morrer em uma cruz (Fp 2.4-11). E, quando Deus os chamou, eles abriram mão do direito que tinham de autodeterminação. Se você de fato quer Jesus no centro de sua vida, precisa obedecer a ele incondicionalmente. Tem de abrir mão do controle da própria vida e desistir das suas condições. Renunciar ao direito de falar: "Obedecerei *se*...", "Farei tal coisa *se*...". Dizer: "Obedecerei *se*" não é obediência. Na verdade, isso significa: "O senhor é meu consultor, não meu Senhor. Ficarei feliz em aceitar suas recomendações. Talvez até ponha em prática algumas delas". Não. Se quer Jesus *com você*, tem de abrir mão do direito de autodeterminação.

Maria faz uma última coisa capaz de nos servir de instrução. Ela procura Isabel, que lhe fala no poder do Espírito Santo. Isso deve ter lhe servido de grande auxílio. Com certeza a encorajou e talvez a tenha ajudado a entender a própria situação de uma nova maneira. Pois assim que Isabel acaba de falar, Maria irrompe em um cântico magnífico. De fato, ele costuma ser chamado de "Magnificat". Ela se põe a adorar e exaltar a Deus de todo o coração: "... A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito exulta em Deus, meu Salvador" (Lc 1.46,47). No cântico, Maria volta ao passado através do Antigo Testamento — dos Salmos, de Isaías e dos profetas —, estabelecendo conexões notáveis que revelam a vinda do Messias divino. A anunciação *não* é uma contradição da fé bíblica, mas seu cumprimento. Todas essas percepções lhe sobrevêm porque ela visitou Isabel.

Assim, a quarta coisa de que você necessita é de comunhão. Maria não parece compreender o que está se passando até ir visitar outra irmã na fé, e elas conversam e adoram juntas. Sim, como Maria, você

precisa pensar intensamente, duvidar abertamente e, no fim, entregar-se completamente, mas não será suficiente fazer isso como um indivíduo solitário, sem amigos de confiança ao redor. Alguns de nós não querem que ninguém saiba das lutas espirituais que travam, exceto depois de as terem atravessado, quando puderem contar tudo no passado: “Foi um tempo de escuridão”. Acontece que, no fim, você nunca será vencedor sem comunhão.

Maria era ninguém e se tornou maior do que todo o mundo apenas porque Deus veio foi até ela e ela respondeu com a maior humildade possível. Raciocinou, duvidou, rendeu-se e se conectou com outras pessoas. Você também pode fazer isso.


TIMOTHY KELLER
MINISTÉRIOS DE
MISERI
CÓRDIA
O CHAMADO
PARA A ESTRADA
DE JERICÓ
VIDA NOVA

Ministérios de misericórdia

Keller, Timothy
9788527506854
272 páginas

Compre agora e leia

Por que alguém arriscaria a própria segurança, cancelaria a agenda, gastaria suas economias e ficaria todo sujo de terra e sangue para ajudar uma pessoa de outra raça e classe social?

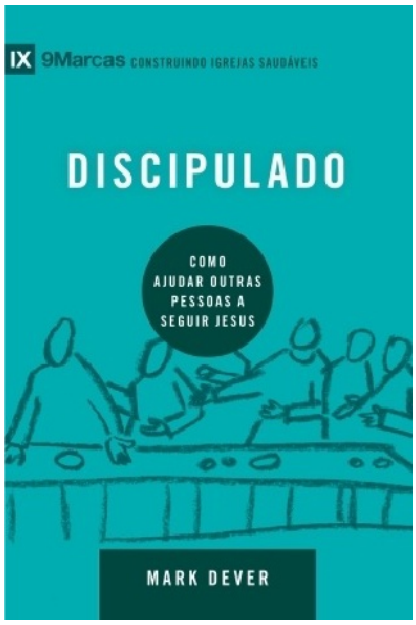
E por que Jesus nos diz: "Vai e faze o mesmo" (Lc 10.37)?

O Bom Samaritano não ignorou o homem espancado na estrada de Jericó. Assim como ele, tomamos ciência de pessoas necessitadas à nossa volta: a viúva que mora ao lado, a família afundada em dívidas médicas, o sem-teto que fica do lado de fora da igreja. Deus nos chama a ajudá-los, precisem eles de abrigo, assistência, cuidados médicos ou simplesmente amizade.

Tim Keller mostra que cuidar dessas pessoas é tarefa de todo cristão, tarefa tão fundamental ao cristão quanto o evangelismo, o discipulado e a adoração. Mas Keller não para por aí. Ele ensina de que maneira podemos realizar esse ministério vital como indivíduos, famílias e igrejas.

Ao final, cada capítulo oferece perguntas para debate e aplicação.

Compre agora e leia


IX 9Marcas CONSTRUINDO IGREJAS SAUDÁVEIS
DISCIPULADO
COMO AJUDAR OUTRAS PESSOAS A SEGUIR JESUS
MARK DEVER

Discipulado

Dever, Mark
9788527506878
144 páginas

Compre agora e leia

DE QUE MANEIRA AJUDAMOS AS PESSOAS A SE PARECEREM MAIS COM CRISTO?

Neste guia conciso, o pastor Mark Dever trata do fazer discípulos — ajudar as pessoas a seguir a Jesus — de forma profunda, respondendo às perguntas: Quem, o que, onde, quando, por que e como discipular?

Seguindo o padrão encontrado nas Escrituras, este livro explica como os relacionamentos dedicados a fazer discípulos devem se conduzir no contexto da igreja local, ensinando-nos a cultivar uma cultura de discipulado como parte normal da vida diária.

Compre agora e leia


IX 9Marcas CONSTRUINDO IGREJAS SAUDÁVEIS
SÃ DOUTRINA
COMO UMA IGREJA CRESCE NO AMOR E NA SANTIDADE DE DEUS
BOBBY JAMIESON

Sã doutrina

Jamieson, Bobby
9788527506755
128 páginas

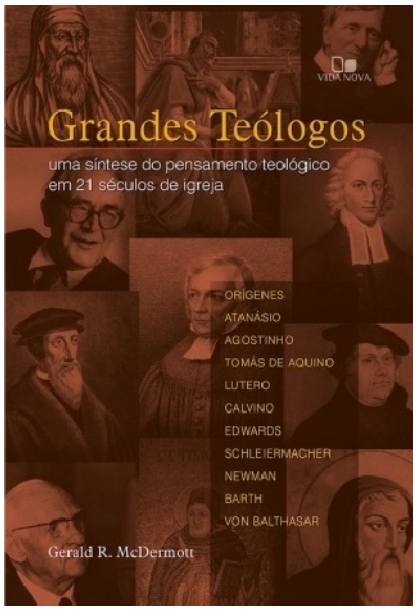
Compre agora e leia

COMO VOCÊ SE RELACIONA COM A DOUTRINA?

Qualquer que seja a resposta que lhe venha à mente, este livro não apenas o convencerá de que a sã doutrina é vital para uma vida piedosa, mas também explicará o papel essencial da teologia na vida de uma igreja saudável. Afinal de contas, pensar de modo correto sobre Deus influencia todas as áreas da vida, desde questões práticas até questões relacionadas ao crescimento da igreja em unidade e testemunho.

Este livro breve e de fácil leitura mostra como a boa teologia nos conduz à transformação, à vida e à alegria.

Compre agora e leia


VIDA NOVA
Grandes Teólogos
uma síntese do pensamento teológico em 21 séculos de igreja
ORÍGENES
ATANÁSIO
AGOSTINHO
TOMÁS DE AQUINO
LUTERO
CALVINO
EDWARDS
SCHLEIERMACHER
NEWMAN
BARTH
VON BALTHASAR
Gerald R. McDermott

Grandes teólogos

McDermott, Gerald
9788527507059
232 páginas

Compre agora e leia

Quem são os grandes teólogos da igreja? O que havia de especial em seus ensinos? O que podemos aprender com eles hoje?

Neste livro o autor não apenas nos instrui sobre onze teólogos de grande importância, mas também nos ajuda a identificar aquilo que continua válido para os nossos dias. Com perguntas para reflexão e debate no final de cada capítulo, Grandes teólogos é perfeito para o estudo individual ou em grupos pequenos. À medida que se der o estudo, os membros do grupo podem explorar a história teológica que um partilha com o outro e também descobrir as razões por que cada um crê no que crê. Aqui está a oportunidade de pensar sobre Deus juntamente com "os grandes".

Compre agora e leia

Jonathan Edwards

A Verdadeira Obra do Espírito

Sinais de autenticidade



A verdadeira obra do Espírito

Edwards, Jonathan
9788527506540
104 páginas

Compre agora e leia

Esta obra é uma exposição de 1 João 4 feita com maestria e brilhantismo por Jonathan Edwards, que nos exorta a provar a procedência dos espíritos, de acordo com a recomendação do apóstolo João.

Os pensamentos do autor surgiram da necessidade de instruir os cristãos que viveram numa época de grande agitação e confusão, à medida que se faziam todos os tipos de reivindicação espiritual. Não é preciso dizer que a situação no Brasil de hoje apresenta muitas semelhanças.

Compre agora e leia